



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**
N.4 - Quarto Levantamento
Janeiro/2015

Monitoramento Agrícola
Cultivos de Verão – **SAFRA 2014/15**



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Francisco Olavo Batista de Sousa

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Eledon Pereira de Oliveira

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Roberto Alves de Andrade

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Francielle do Monte Lima (Estagiária)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Patricia Mauricio Campos

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**
N.4 - Quarto Levantamento
Janeiro/2015

Monitoramento Agrícola
Cultivos de Verão – **SAFRA 2014/15**

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v.2 - Safra 2014/15, n.4 - Quarto Levantamento, Brasília, p. 1-90, jan. 2015.



Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores

Edna Matsunaga de Menezes (Geint)	Djalma Fernandes de Aquino (Gefip – Algodão)
Alessandro Lúcio Marques (Geint)	Fernando Gomes da Motta (Gefip – Algodão)
Ligia Fernandes Franco Rocha (Geint)	João Figueiredo Ruas (Gerab – Feijão)
Luciene de Souza Ribeiro (Geint)	Paulo Magno Rabelo (Gerab – Trigo)
Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)	Wellington Silva Teixeira (Gerab – Arroz)
André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho)

Colaboradores das Superintendências

Bruno Milhomem **(AC)**; Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca **(AL)**; Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **(AM)**; Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **(BA)**; Elibernon Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **(CE)**; José Negreiros **(DF)**; Kerley Souza **(ES)**; Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luíz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **(GO)**; Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo **(MA)**; Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **(MG)**; Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes **(MS)**; Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **(MT)**; Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **(PA)**; Carlos Meira, Juarez Nóbrega **(PB)**; Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto **(PR)**; Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **(PI)**; Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **(PE)**; Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **(RJ)**; Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **(RN)**; João Kasper, Anderson Gomes **(RO)**; Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **(RR)**; Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **(RS)**; César Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **(SC)**; Fausto Almeida **(SE)**; Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **(SP)**; Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha **(TO)**.

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos

Arquivo Geosafra/ Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Resumo executivo.....	4
1.1. Monitoramento agrícola.....	4
1.2. Lavouras (principais).....	4
2. Introdução.....	5
3. Estimativa da área plantada	5
4. Estimativa de produtividade.....	7
5. Estimativa da produção	8
6. MATOPIBA.....	11
7. Crédito rural.....	14
8. Câmbio.....	15
9. Monitoramento agrícola: culturas de inverno (safra 2014) e de verão (safra 2014/15) - dezembro de 2014.....	16
9.1. Condições meteorológicas recentes.....	16
9.2. Prognóstico para o trimestre jan-mar/2015.....	16
9.3. Monitoramento agrometeorológico.....	17
9.4. Monitoramento espectral.....	19
9.4.1. Norte Mato-Grossense.....	20
9.4.2. Sudeste Mato-Grossense.....	21
9.4.3. Noroeste Rio-Grandense.....	23
9.4.4. Sul Goiano.....	24
9.4.5. Sudoeste do Mato Grosso do Sul.....	26
9.4.6. Oeste Paranaense.....	27
9.4.7. Oeste Baiano.....	29
10. Análise das culturas.....	31
10.1. Culturas de verão.....	31
10.1.1. Algodão.....	31
10.1.1.1. Oferta e demanda.....	36
10.1.2. Amendoim.....	36
10.1.2.1. Amendoim primeira safra.....	36
10.1.2.2. Amendoim segunda safra.....	39
10.1.2.3. Amendoim total.....	40
10.1.3. Arroz.....	41
10.1.3.1. Oferta e demanda.....	45
10.1.4. Feijão.....	46
10.1.4.1. Feijão primeira safra.....	46
10.1.4.2. Feijão segunda safra.....	50
10.1.4.3. Feijão terceira safra.....	52
10.1.4.4. Feijão total.....	53
10.1.4.5. Oferta e demanda.....	54
10.1.5. Girassol.....	55

10.1.6. Mamona.....	56
10.1.7. Milho.....	57
10.1.7.1. Milho primeira safra.....	57
10.1.7.2. Milho segunda safra.....	62
10.1.7.3. Milho total.....	64
10.1.8. Soja.....	65
10.1.8.1. Oferta e demanda.....	70
10.1.9. Sorgo.....	71
10.2. Culturas de inverno.....	73
10.2.1. Aveia.....	73
10.2.2. Canola.....	74
10.2.3. Centeio.....	76
10.2.4. Cevada.....	77
10.2.5. Trigo.....	78
10.2.5.1. Oferta e demanda.....	81
10.2.6. Triticale.....	82
11. Balanço de oferta e demanda.....	83
12. Anexos.....	84

1. Resumo executivo

A produção da safra 2014/15 está estimada em 202,18 milhões de toneladas. A área utilizada para o plantio será de 57,76 milhões de hectares.

1.1. Monitoramento Agrícola

O monitoramento agrometeorológico e espectral das áreas cultivadas indica condições favoráveis sem impacto na produtividade média estimada nesta safra.

1.2. Lavouras (principais)

Arroz: as lavouras estão em boas condições e o estágio predominante é o de desenvolvimento vegetativo. No Rio Grande do Sul, maior estado produtor, 85% da área foram semeadas dentro da janela ideal prevista. Nas áreas de sequeiro, sobretudo na região Centro-Oeste, a cultura tem sido utilizada para abertura de área e estima-se redução de plantio nas diversas regiões brasileiras, principalmente pela perda de competitividade em relação a outras culturas como milho, soja e feijão, pela vulnerabilidade aos riscos climáticos e restrições ao cultivo em áreas de várzea.

Algodão: estima-se a redução de área no plantio, principalmente em razão do menor consumo, dos preços praticados e do excesso de estoque nos mercados interno e externo. A cultura está em boas condições.

Feijão 1ª safra: a redução de área é realidade em praticamente todas as regiões. As razões são o desestímulo dos preços de mercado, da melhor competitividade das culturas de milho e soja e dos elevados riscos de perdas, especialmente na colheita. O produto está, em sua maioria com boa qualidade.

Milho 1ª safra: o desenvolvimento da lavoura é satisfatório e há perspectiva de aumento de produtividade. Estima-se redução de área, principalmente em razão da maior competitividade e liquidez da cultura de soja.

Soja: lavoura está em desenvolvimento normal e em boas condições. As áreas devem avançar sobre as de milho, bem como das de cana-de-açúcar, feijão 1ª safra e pastagens degradadas.

Trigo: problemas climáticos afetaram a qualidade e produtividade do grão, principalmente no Rio Grande do Sul e Paraná, o que resultou em queda acentuada da produção estimada no início do plantio.

2. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos e de outras lavouras. Seu principal objetivo é oferecer informações de qualidade para formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional, além de ser fundamental para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Neste mês, a Companhia divulga o quarto levantamento da safra 2014/15, onde indica o plantio e o desenvolvimento das culturas de primeira safra (algodão, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja) e a atualização final das informações das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), cujas colheitas se encerraram no mês de dezembro.

Nesse levantamento foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas para as culturas de primeira safra, além dos dados finais de produtividade das culturas de inverno. Essas informações são provenientes da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de Secretarias de Agricultura e órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos, têm subsidiado os técnicos desta Companhia nos levantamentos.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparência nas suas estatísticas de produção.

A Conab utiliza metodologias que envolvem trabalhos de campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Vale destacar também que o presente boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do IBGE e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

3. Estimativa da área plantada (57,76 milhões de hectares)

A quarta estimativa para a área a ser cultivada na safra 2014/15 indica um crescimento de 1,3%, ou seja, deverão ser acrescidos 766,7 mil hectares à área de 56,99 milhões cultivada na safra 2013/14 (Tabela 1).

Neste levantamento foram contempladas as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra, soja e sorgo, que estão em fase de plantio, e as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), cuja colheita foi finalizada em dezembro.

Há expectativa de aumento de área de soja em torno de 4,8%. Apenas Roraima, onde o plantio se inicia em abril, o Pará e o Distrito Federal devem manter a mesma área da safra passada, estimando-se aumento de área para os demais estados produtores. Além da soja, apenas a mamona e o sorgo apresentam crescimento de área, com

previsão de 35,8% e 2,7%, respectivamente. A área de soja deve passar de 30,17 milhões de hectares para 31,62 milhões de hectares, constituindo-se na maior área já cultivada com a oleaginosa no país.

O levantamento aponta também para uma redução de 6,6% na área de milho primeira safra, resultado que vem se repetindo nas últimas seis safras, em média a 5,9% ao ano. Essa redução ocorre, sobretudo, na Região Centro-Sul do país, responsável por 62,6% da área plantada na safra anterior. A queda nesta Região é de 11,7% na área cultivada. Isso é uma tendência das últimas safras, sendo que o cereal tem perdido espaço para o cultivo da soja.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Dez/2014 (b)	Jan/2015 (c)		
ALGODÃO	1.121,6	1.004,4	995,7	(11,2)	(125,9)
AMENDOIM TOTAL	105,3	105,0	104,8	(0,5)	(0,5)
AMENDOIM 1ª SAFRA	94,2	92,2	92,0	(2,3)	(2,2)
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,1	12,8	12,8	15,3	1,7
ARROZ	2.372,9	2.359,5	2.353,9	(0,8)	(19,0)
FEIJÃO TOTAL	3.350,4	3.236,8	3.197,1	(4,6)	(153,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.179,9	1.066,3	1.075,6	(8,8)	(104,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.491,2	1.491,2	1.442,2	(3,3)	(49,0)
FEIJÃO 3ª SAFRA	679,3	679,3	679,3	-	-
GIRASSOL	145,7	145,7	145,7	-	-
MAMONA	101,3	137,6	137,6	35,8	36,3
MILHO TOTAL	15.800,7	15.364,2	15.361,1	(2,8)	(439,6)
MILHO 1ª SAFRA	6.618,0	6.181,5	6.178,4	(6,6)	(439,6)
MILHO 2ª SAFRA	9.182,7	9.182,7	9.182,7	-	-
SOJA	30.173,1	31.661,8	31.621,8	4,8	1.448,7
SORGO	731,0	730,2	751,0	2,7	20,0
SUBTOTAL	53.902,0	54.745,2	54.668,7	1,4	766,7
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Dez/2014 (b)	Jan/2015 (c)		
AVEIA	153,2	143,1	153,2	-	-
CANOLA	44,7	45,6	44,7	-	-
CENTEIO	1,8	1,8	1,8	-	-
CEVADA	117,2	108,8	117,2	-	-
TRIGO	2.730,4	2.725,2	2.730,4	-	-
TRITICALE	39,1	40,2	39,1	-	-
SUBTOTAL	3.086,4	3.064,7	3.086,4	-	-
BRASIL	56.988,4	57.809,9	57.755,1	1,3	766,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

4. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

PRODUTO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.381	2.387	0,3	6,0
ALGODÃO EM PLUMA	1.546	1.549	0,2	3,0
AMENDOIM TOTAL	2.998	3.040	1,4	41,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.095	3.142	1,5	46,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.179	2.307	5,9	128,4
ARROZ	5.108	5.182	1,4	73,6
FEIJÃO TOTAL	1.024	1.044	1,9	19,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.067	1.056	(1,0)	(10,7)
FEIJÃO 2ª SAFRA	878	922	5,0	44,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.271	1.284	1,0	13,3
GIRASSOL	1.597	1.429	(10,5)	(167,3)
MAMONA	441	325	(26,4)	(116,4)
MILHO TOTAL	5.057	5.146	1,8	89,1
MILHO 1ª SAFRA	4.783	4.797	0,3	14,6
MILHO 2ª SAFRA	5.255	5.381	2,4	126,1
SOJA	2.854	3.033	6,3	179,1
SORGO	2.587	2.682	3,7	95,0
SUBTOTAL	3.464	3.577	3,3	113,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	2014 (a)	2015 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
AVEIA	2.001	2.001	-	-
CANOLA	812	812	-	-
CENTEIO	1.944	1.944	-	-
CEVADA	2.606	2.606	-	-
TRIGO	2.162	2.162	-	-
TRITICALE	2.450	2.450	-	-
SUBTOTAL	2.170	2.155	(0,7)	(15,0)
BRASIL ⁽²⁾	3.394	3.501	3,2	107,0

Legenda: ⁽¹⁾ Produtividade de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produtividade de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

5. Estimativa de produção (202,18 milhões de toneladas)

A produção de grãos poderá atingir o volume de 202,18 milhões de toneladas. Este resultado representa um crescimento de 4,5% (8,8 milhões de toneladas) quando comparado com a produção obtida na safra 2013/14 (193,39 milhões de toneladas) (Tabela 3).

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013/14	2014/15		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2014 (b)	Jan/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.670,6	2.371,0	2.376,9	(11,0)	(293,7)
ALGODÃO - PLUMA	1.734,0	1.539,0	1.542,7	(11,0)	(191,3)
AMENDOIM TOTAL	315,8	367,5	318,6	0,9	2,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	291,6	337,9	289,0	(0,9)	(2,6)
AMENDOIM 2ª SAFRA	24,2	29,6	29,6	22,3	5,4
ARROZ	12.121,6	12.209,3	12.197,8	0,6	76,2
FEIJÃO TOTAL	3.431,6	3.249,6	3.338,4	(2,7)	(93,2)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.258,7	1.071,1	1.135,7	(9,8)	(123,0)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.309,7	1.305,6	1.330,0	1,5	20,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	863,4	872,4	872,4	1,0	9,0
GIRASSOL	232,7	208,2	208,2	(10,5)	(24,5)
MAMONA	44,7	70,6	107,2	139,8	62,5
MILHO TOTAL	79.905,5	78.689,2	79.051,7	(1,1)	(853,8)
MILHO 1ª SAFRA	31.652,9	29.278,4	29.640,8	(6,4)	(2.012,1)
MILHO 2ª SAFRA	48.252,6	49.410,8	49.410,8	2,4	1.158,2
SOJA	86.120,8	95.804,7	95.919,8	11,4	9.799,0
SORGO	1.891,2	1.858,8	2.014,1	6,5	122,9
SUBTOTAL	186.734,7	194.828,4	195.532,3	4,7	8.797,6
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2014	2015		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2014 (b)	Jan/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	306,5	318,2	306,5	-	-
CANOLA	36,3	47,4	36,3	-	-
CENTEIO	3,5	3,6	3,5	-	-
CEVADA	305,4	307,9	305,4	-	-
TRIGO	5.903,9	5.950,0	5.903,9	-	-
TRITICALE	95,8	99,1	95,8	-	-
SUBTOTAL	6.651,4	6.726,2	6.651,4	-	-
BRASIL ⁽²⁾	193.386,1	201.554,6	202.183,7	4,5	8.797,6

Legenda: ⁽¹⁾ Produção de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produção de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

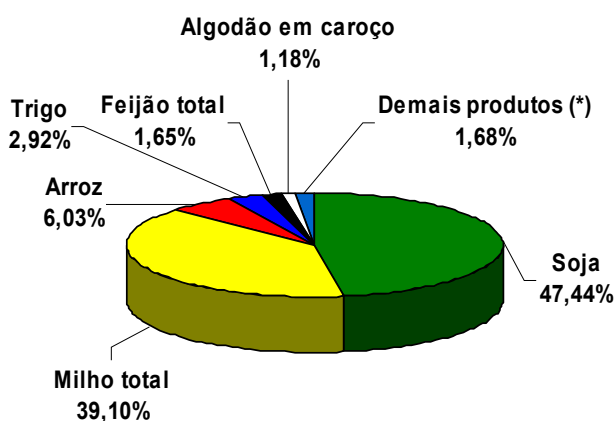
Das culturas de verão de primeira safra, (algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja), cujos plantios são concluídos em dezembro, apenas as culturas do arroz, mamona, soja e sorgo registram crescimento de produção sobre a obtida em 2013/14.

Para a soja, estima-se uma produção de 95,92 milhões de toneladas, 11,4% superior às 86,12 milhões de toneladas colhidas em 2013/14. Há ainda a expectativa de que a produção de arroz tenha um crescimento de 0,6%, passando de 12,12 milhões de toneladas para 12,20 milhões na atual safra. Para a mamona, o crescimento esperado é de 139,8%, passando de 44,7 mil toneladas para 107,2 mil toneladas na atual safra.

Para o algodão, prevê-se redução de 11% na produção, e para o feijão primeira safra, redução de 9,8%. Quanto às culturas de segunda e terceira safras, os plantios se iniciam a partir de janeiro/2015, finalizando em junho, assim como ocorre no nordeste da Bahia, em Sergipe, Alagoas e agreste de Pernambuco.

Alterações na produtividade poderão ocorrer ao longo do desenvolvimento das culturas, em função das condições climáticas e fitossanitárias que se apresentarem.

Gráfico 1 – Produção total de grãos por cultura

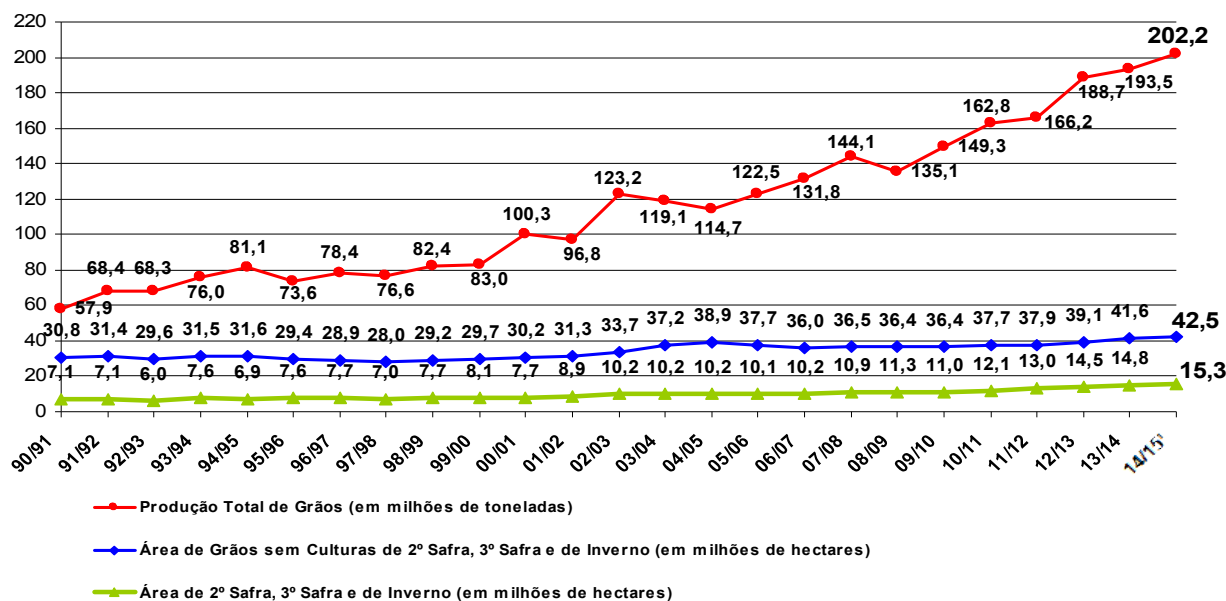


Legenda: (*) Amendoim total, girassol, mamona, sorgo, aveia, canola, centeio e cevada e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

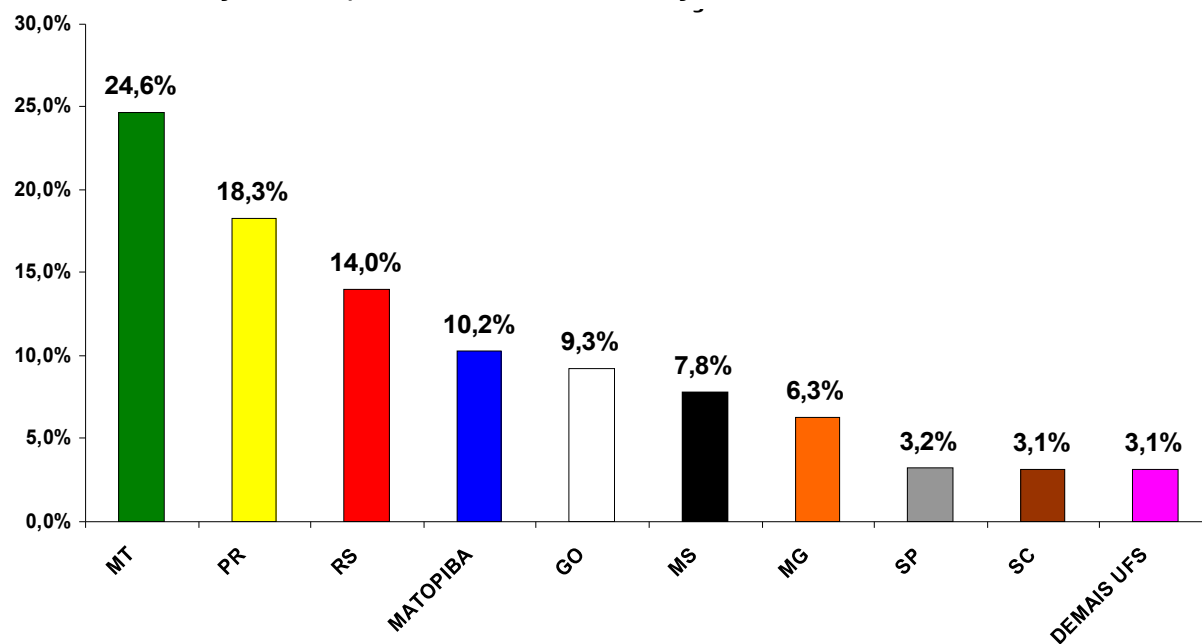
Gráfico 2 – Evolução da área e produção



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Gráfico 3 – Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	2.127,3	2.222,7	4,5	2.967	3.042	2,5	6.310,7	6.760,4	7,1
RR	39,5	42,5	7,6	3.600	3.781	5,0	142,2	160,7	13,0
RO	421,9	436,1	3,4	2.900	2.975	2,6	1.223,7	1.297,6	6,0
AC	64,3	61,3	(4,7)	1.926	1.969	2,2	123,8	120,7	(2,5)
AM	19,7	19,7	-	2.132	2.173	1,9	42,0	42,8	1,9
AP	5,5	5,5	-	1.018	1.073	5,4	5,6	5,9	5,4
PA	515,1	515,1	-	2.750	2.834	3,1	1.416,5	1.460,0	3,1
TO	1.061,3	1.142,5	7,7	3.163	3.215	1,6	3.356,9	3.672,7	9,4
NORDESTE	8.287,3	8.549,6	3,2	2.027	2.236	10,3	16.800,7	19.117,5	13,8
MA	1.769,1	1.769,1	-	2.431	2.610	7,3	4.300,6	4.616,7	7,4
PI	1.388,1	1.474,1	6,2	2.001	2.400	20,0	2.777,3	3.538,2	27,4
CE	921,5	921,5	-	621	665	7,0	572,6	612,4	7,0
RN	69,0	69,0	-	555	490	(11,7)	38,3	33,8	(11,7)
PB	155,3	155,3	-	374	394	5,4	58,1	61,2	5,3
PE	482,0	482,0	-	392	386	(1,5)	188,9	186,2	(1,4)
AL	81,2	81,2	-	828	847	2,3	67,2	68,8	2,4
SE	266,5	266,5	-	4.216	4.221	0,1	1.123,5	1.125,0	0,1
BA	3.154,6	3.330,9	5,6	2.433	2.665	9,5	7.674,2	8.875,2	15,6
CENTRO-OESTE	22.041,2	22.525,8	2,2	3.702	3.790	2,4	81.596,4	85.380,4	4,6
MT	13.323,0	13.656,1	2,5	3.580	3.646	1,9	47.702,5	49.795,7	4,4
MS	3.768,5	3.940,2	4,6	3.840	3.991	3,9	14.470,5	15.725,9	8,7
GO	4.763,0	4.742,8	(0,4)	3.841	3.958	3,1	18.293,4	18.773,5	2,6
DF	186,7	186,7	-	6.052	5.813	(3,9)	1.130,0	1.085,3	(4,0)
SUDESTE	5.090,4	5.031,4	(1,2)	3.522	3.825	8,6	17.929,4	19.245,7	7,3
MG	3.244,0	3.195,3	(1,5)	3.596	3.960	10,1	11.664,9	12.653,1	8,5
ES	38,1	34,6	(9,2)	1.945	1.908	(1,9)	74,1	66,0	(10,9)
RJ	8,0	7,0	(12,5)	1.988	1.943	(2,3)	15,9	13,6	(14,5)
SP	1.800,3	1.794,5	(0,3)	3.430	3.629	5,8	6.174,5	6.513,0	5,5
SUL	19.442,2	19.425,6	(0,1)	3.639	3.690	1,4	70.748,9	71.679,8	1,3
PR	9.616,0	9.557,5	(0,6)	3.694	3.870	4,8	35.525,0	36.983,3	4,1
SC	1.326,5	1.298,0	(2,1)	4.952	4.870	(1,7)	6.568,2	6.321,0	(3,8)
RS	8.499,7	8.570,1	0,8	3.371	3.311	(1,8)	28.655,7	28.375,5	(1,0)
NORTE/NORDESTE	10.414,6	10.772,3	3,4	2.219	2.402	8,2	23.111,4	25.877,9	12,0
CENTRO-SUL	46.573,8	46.982,8	0,9	3.656	3.753	2,7	170.274,7	176.305,9	3,5
BRASIL	56.988,4	57.755,1	1,3	3.393	3.501	3,2	193.386,1	202.183,8	4,5

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

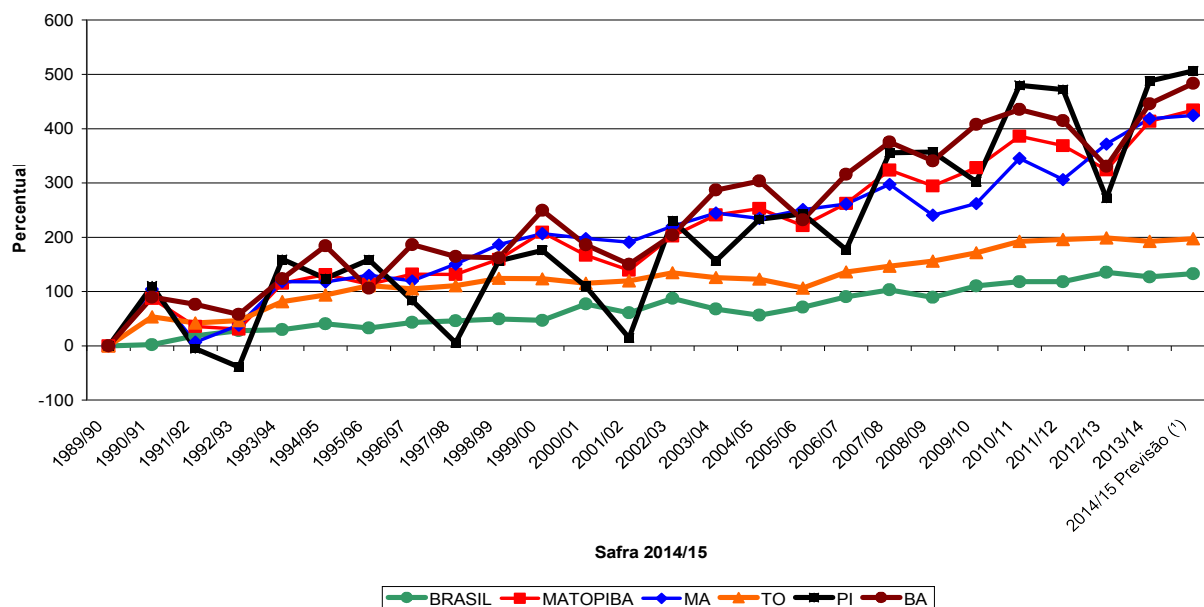
6. MATOPIBA

As fronteiras agrícolas são regiões normalmente com áreas de pastagens (degradadas, na sua maioria), relativamente planas (chapadões) favoráveis à mecanização e, sobretudo, carente de infraestrutura e baixa fertilidade que tem contribuído para o aumento da produção e do segurança alimentar e nutricional.

Nesses últimos tempos uma região tem se destacado neste conceito de fronteira agrícola, o MATOPIBA, que corresponde ao sul do Maranhão, leste do Tocantins, sudoeste do Piauí e oeste da Bahia. Essa região possui características diversas de clima, solo e manejo, mas tem um papel importante na segurança alimentar e nutricional do país, podendo destacar a sua importância no abastecimento da Região Nordeste em função da logística favorável. Cabe destacar, ainda, a Ferrovia Norte-Sul que atravessa essa região e favorece o escoamento dos excedentes de produção.

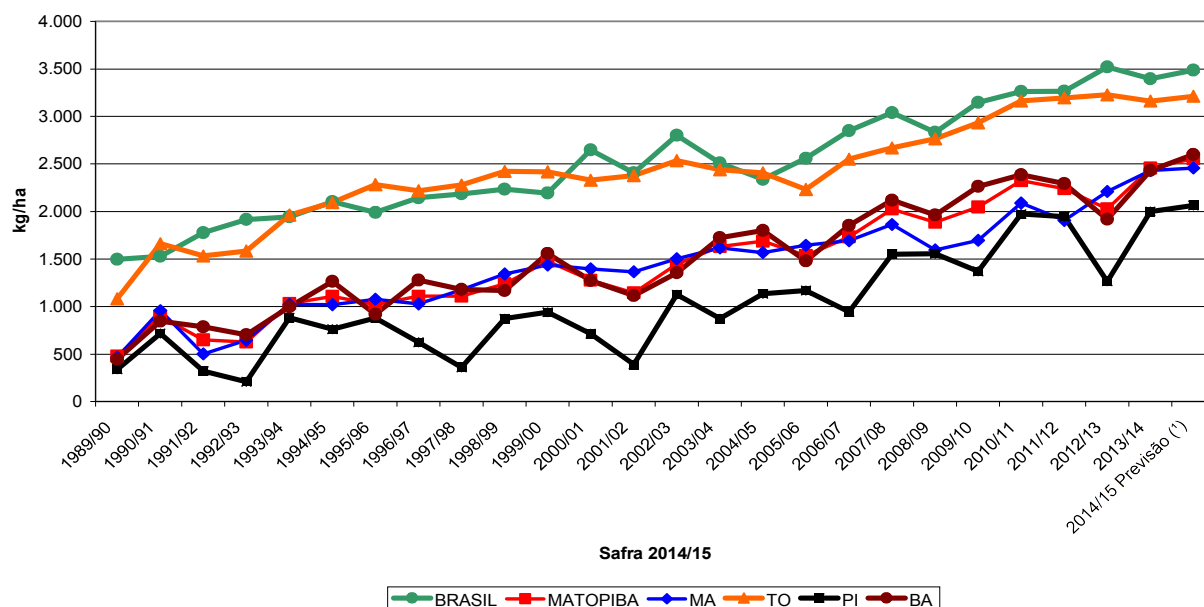
A agricultura nesta Região está num estágio de desenvolvimento avançado. Nos últimos 25 anos o Maranhão aumentou sua produtividade em 424,3%, o Tocantins em 197,2%, o Piauí em 506,7% e a Bahia em 483,4%. A média brasileira foi de 133,0% no mesmo período (Gráfico 4). O Tocantins só não teve maior ganho porque, há 25 anos, a sua produtividade média (1.081 kg/ha) já era maior que Maranhão (469 kg/ha), Piauí (340 kg/ha) e Bahia (446 kg/ha) (Gráfico 5). Se compararmos a média de produtividade absoluta, a do Tocantins já se encontra em patamares próximos a média do Brasil, estado altamente tecnificado.

Gráfico 4 – Evolução percentual da produtividade



Fonte: Conab.

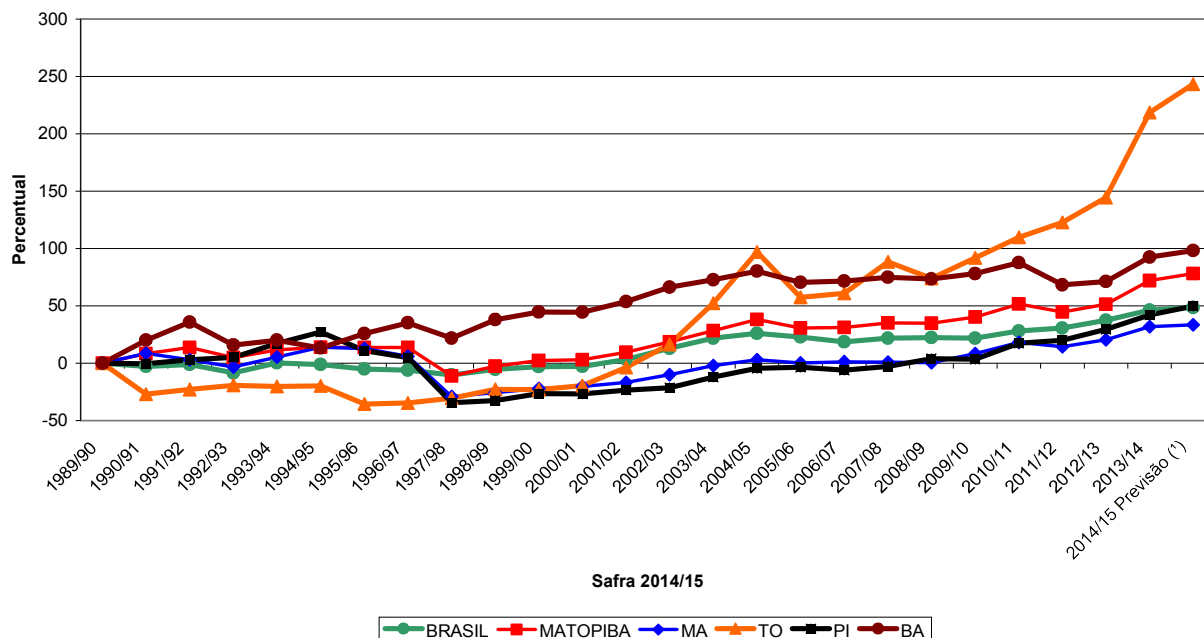
Gráfico 5 – Evolução absoluta da produtividade



Fonte: Conab.

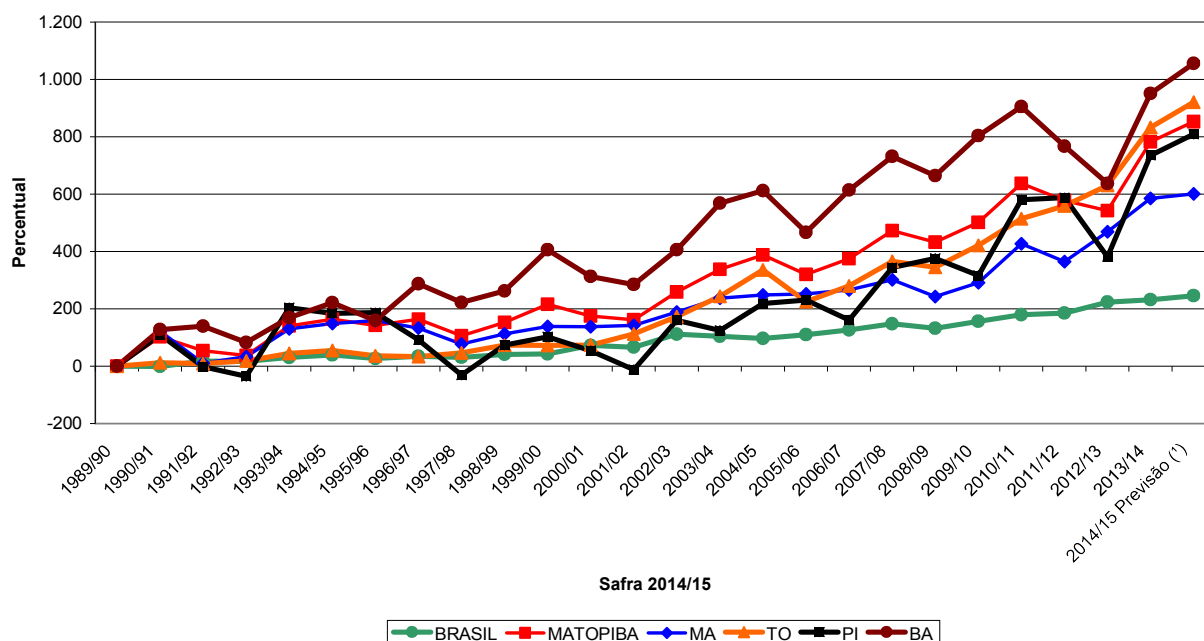
O ganho de produtividade na Região fica mais evidente quando se analisa o aumento de área em comparação com ganho de produção. Nos mesmos 25 anos, a área de MATOPIBA aumentou 78,2% (Gráfico 6) enquanto a produção teve salto de 852,4% (Gráfico 7).

Gráfico 6 – Evolução percentual de área



Fonte: Conab.

Gráfico 7 – Evolução percentual de produção



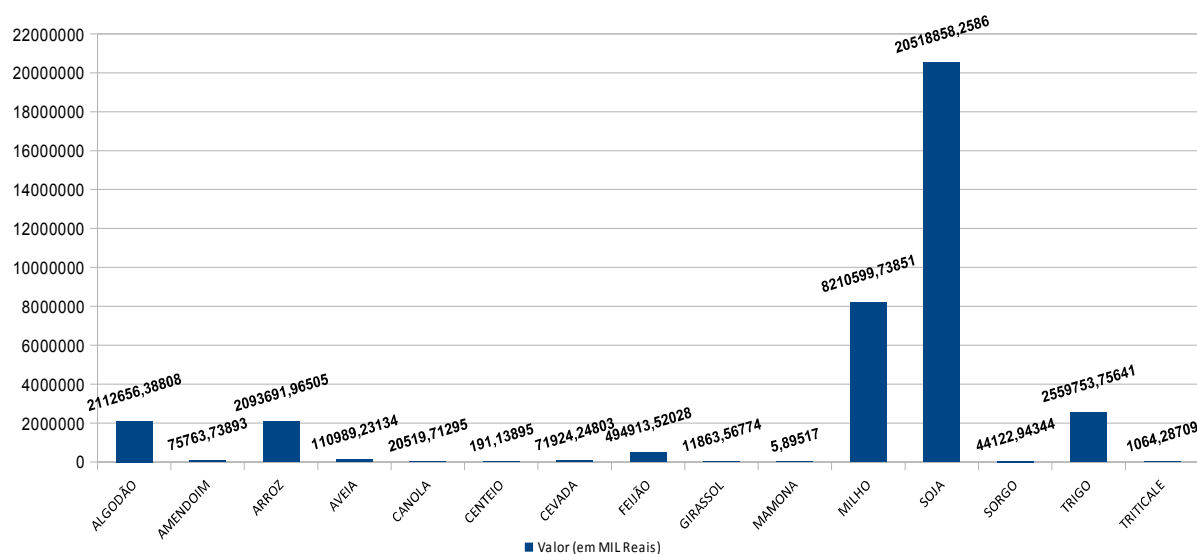
Fonte: Conab.

7. Crédito rural

O crédito é uma variável fundamental no processo produtivo e a sua origem pode, em parte, explicar a conjuntura agrícola e os seus reflexos na comercialização agropecuária, no abastecimento e na segurança alimentar e nutricional. Os financiamentos de custeio concedidos aos produtores e cooperativas, no período entre janeiro e dezembro de 2014, podem ser observados nos quadros e gráficos abaixo.

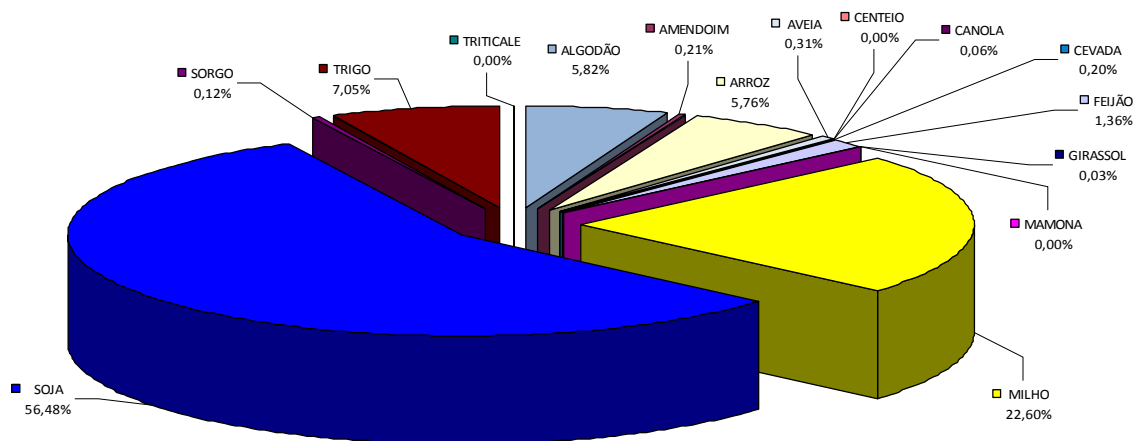
Pode-se observar que a soja, o milho, o trigo, o algodão e o arroz se destacam como culturas que absorveram a maior parte dos créditos disponibilizados pelas instituições financeiras.

Gráfico 8 – Distribuição dos recursos de custeio de lavoura a produtores e cooperativas – Grãos



Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

Gráfico 9 – Distribuição dos recursos de custeio de lavoura a produtores e cooperativas – Grãos

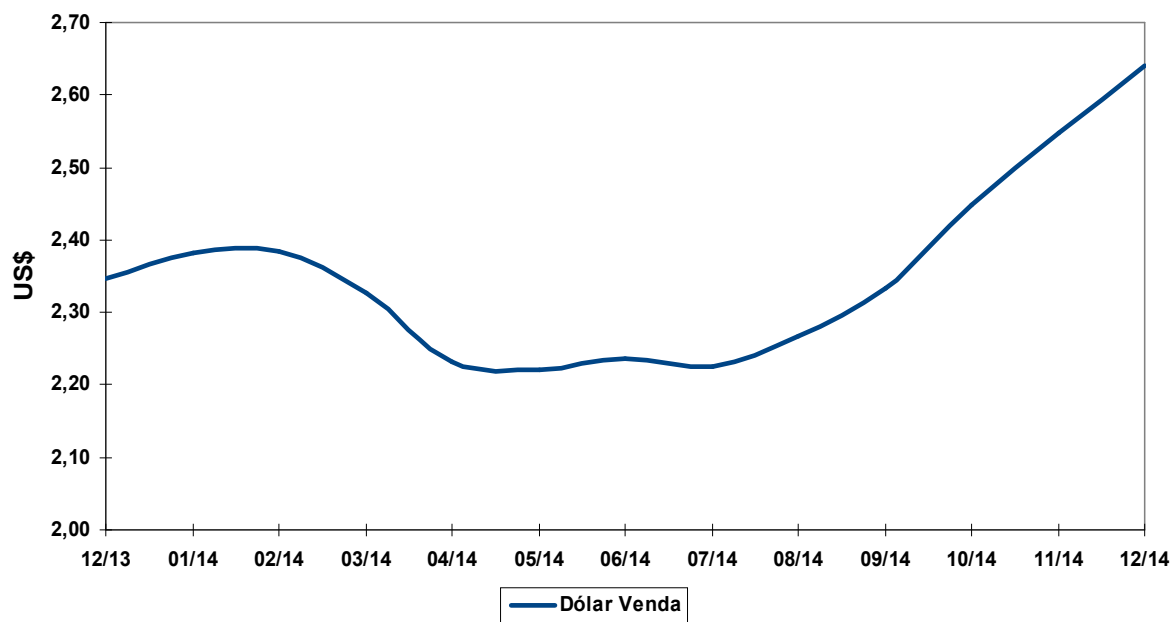


Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

8. Câmbio

O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de venda do dólar americano no período de dezembro de 2013 a dezembro de 2014.

Gráfico 10 – Câmbio dólar – Venda



Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: Período de dezembro/2013 a dezembro/2014.

9. Monitoramento agrícola: culturas de inverno (safra 2014) e de verão (safra 2014/2015) – dezembro de 2014

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas através de monitoramentos complementares: agrometeorológico e espectral, e os resultados são apresentados nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, dos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e às condições hídricas gerais (BMA). Os recursos técnicos utilizados têm origem em três fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)¹ das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; e c) dados de campo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: culturas de verão – safra 2014/2015 (algodão, amendoim 1ª safra, arroz, feijão 1ª safra, milho 1ª safra e soja).

9.1. Condições meteorológicas recentes

Durante o mês de dezembro, a atuação da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS) foi responsável pelo excesso de chuvas ocorrido nas Regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, principalmente, na região oeste e sul de São Paulo. O centro-leste da Bahia também apresentou anomalias positivas. As demais áreas de ambas as regiões apresentaram precipitação abaixo da Normal. Esse padrão de anomalias é decorrente da atuação de campos atmosféricos e oceânicos que favoreceram a manutenção de condições de bloqueio atmosférico e a ocorrência do vórtice ciclônico no oceano Atlântico, que atenuaram a estiagem na primeira quinzena de dezembro. Na segunda quinzena, esses sistemas inibiram as chuvas em parte da Região Centro-Oeste e nas Regiões Sudeste e Nordeste.

Alguns estados apresentaram anomalias acima de 2 °C na temperatura máxima. Foram eles: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Grande parte da Região Sul do Brasil apresentou anomalias negativas na temperatura máxima mensal, resultante do excesso de nebulosidade e da ocorrência das chuvas sobre esta Região. Na Região Nordeste, apenas os estados da Bahia e Paraíba apresentaram anomalias negativas inferiores à 2 °C. O centro-sul do estado do Pará e o estado do Acre apresentaram anomalias de até 4 °C.

9.2. Prognóstico para o trimestre jan-mar/2015

Para o trimestre Jan-Mar 2015, a análise dos modelos dinâmicos e estocásticos de previsão climática sazonal, indicam que as atuais condições atmosféricas e oceânicas se refletirão em chuvas ligeiramente acima do Normal no Rio Grande do Sul, na faixa de 35 mm. No Nordeste, as chuvas devem se manter abaixo do Normal nos setores norte, leste e central da Região, na faixa de 40 mm. A exceção fica no sul dos estados do Maranhão e

¹ Índice que retrata as condições atuais da vegetação, integrando os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento.

Piauí e oeste da Bahia, regiões que fazem parte do MATOPIBA. O norte da Região Norte deve ter chuvas baixo do Normal, na faixa de 45 mm. As demais áreas devem apresentar seu quadro climático em relação à Normal. Estes cenários são condizentes com a atuação do fenômeno El Niño Neutro. Portanto, a estação chuvosa deve ser fraca durante esta estação e este quadro requer maiores cuidados e ações no que diz respeito ao monitoramento da umidade do solo.

9.3. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura, e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais de baixa intensidade;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

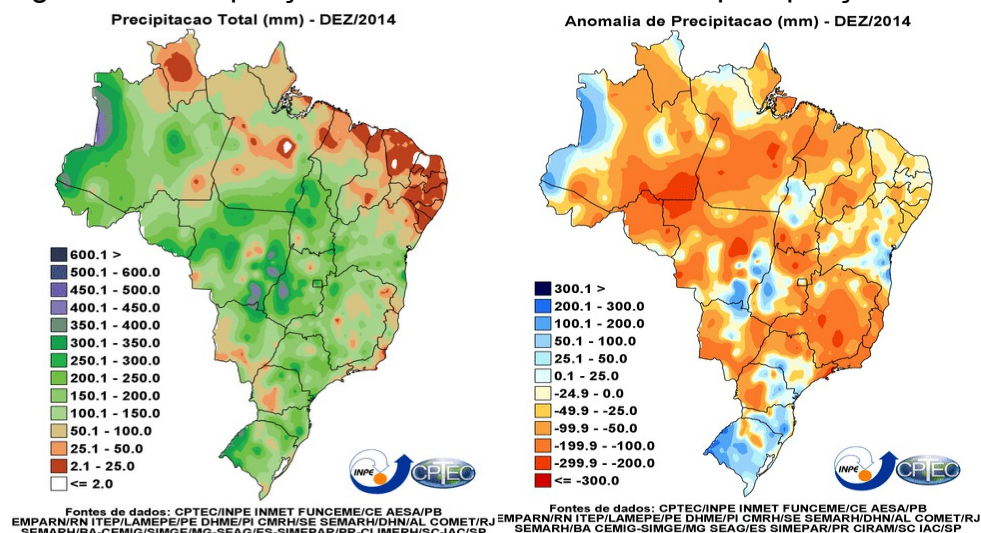
Nas tabelas desses mapas são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. O resultado desse monitoramento é apresentado no capítulo referente à análise das culturas.

As precipitações que ocorreram em dezembro foram suficientes para o desenvolvimento das culturas de verão no MATOPIBA e nas regiões Centro-Oeste e Sudeste do país. A ocorrência de chuvas mais intensas foram observadas no segundo decêndio do mês no MATOPIBA, leste do Mato Grosso e centro-oeste de Goiás. Em regiões pontuais do sudeste do Mato Grosso, o excesso de chuvas pode ter dificultado o manejo das culturas de verão.

No Rio Grande do Sul, a ocorrência de precipitação em maior volume a partir do terceiro decêndio do mês permitiu a recuperação da umidade do solo para a germinação/desenvolvimento vegetativo da soja e retomada do desenvolvimento da maior parte do milho em frutificação.

Em Santa Catarina, as condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento das culturas de verão. No Paraná, verificaram-se as mesmas condições para essas culturas. No entanto, pode haver problemas pontuais por falta de chuva na região centro-sul do estado.

Figura 1 – Precipitação acumulada e anomalia de precipitação



Fonte: INPE/CPTEC

Figura 2 – Precipitação acumulada decendial

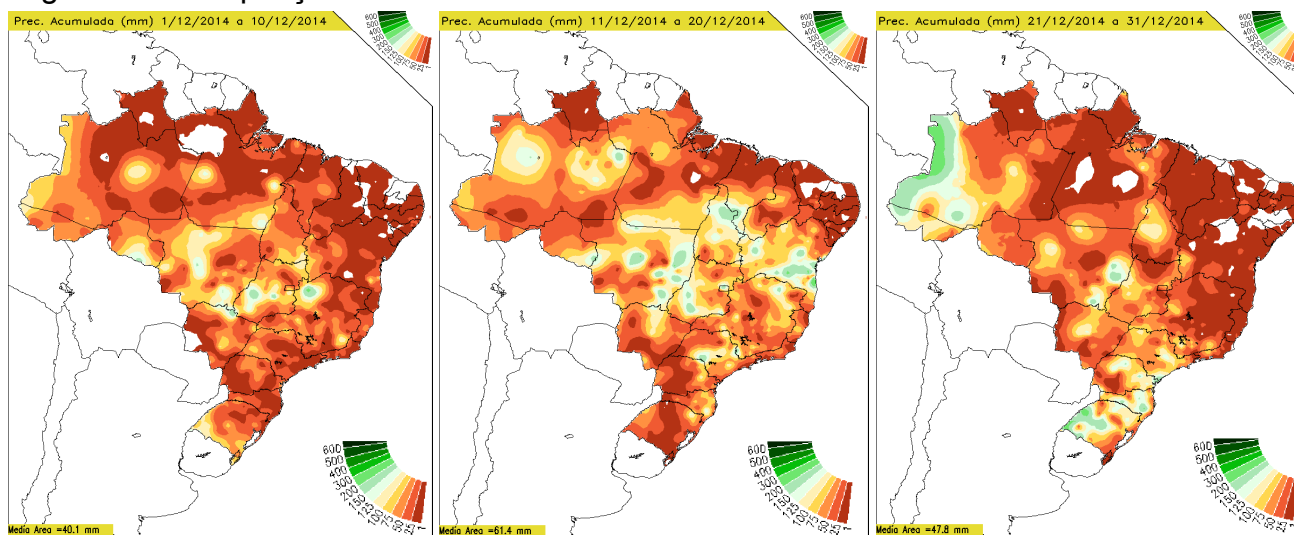


Figura 3 – Temperatura e anomalia de temperatura máxima

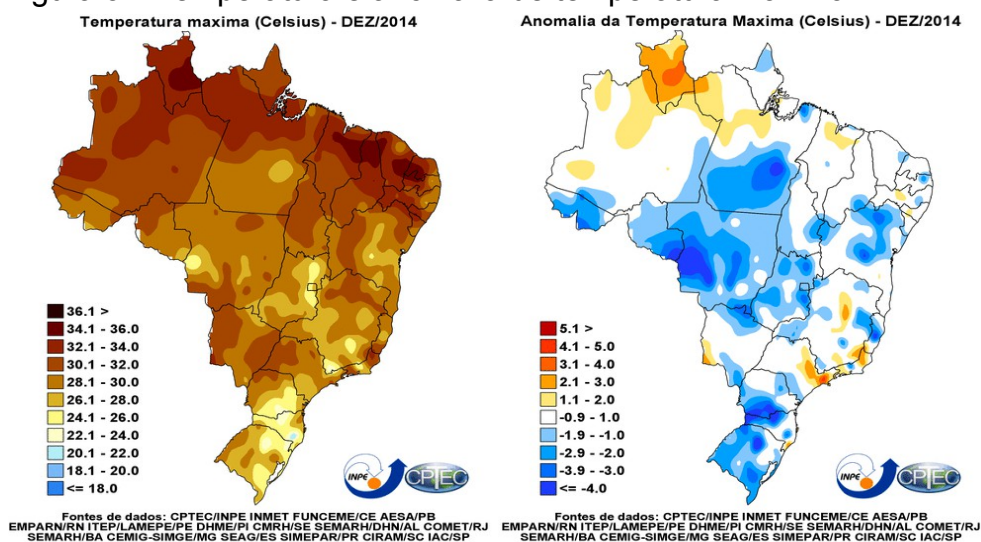
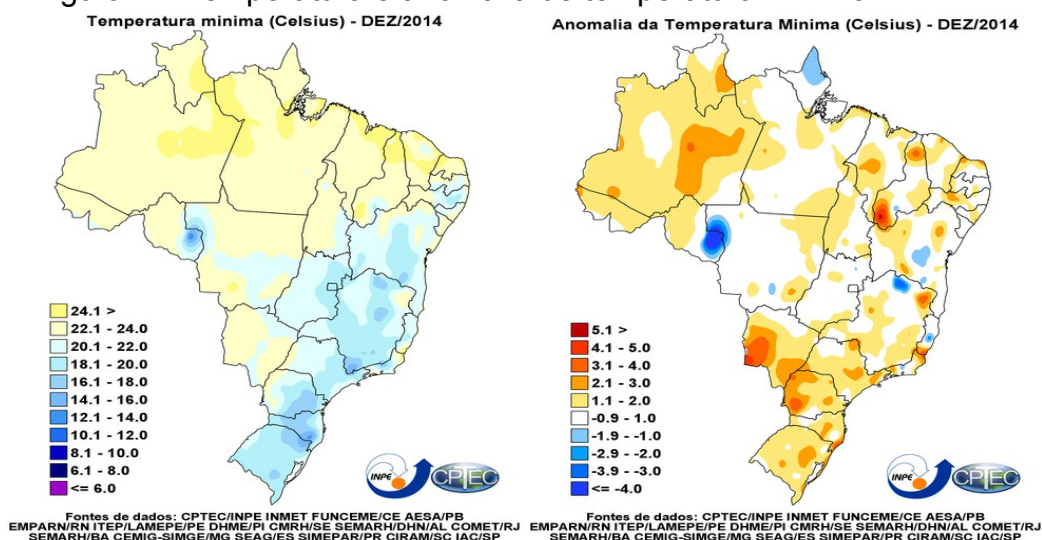


Figura 4 – Temperatura e anomalia de temperatura mínima



9.4. Monitoramento espectral

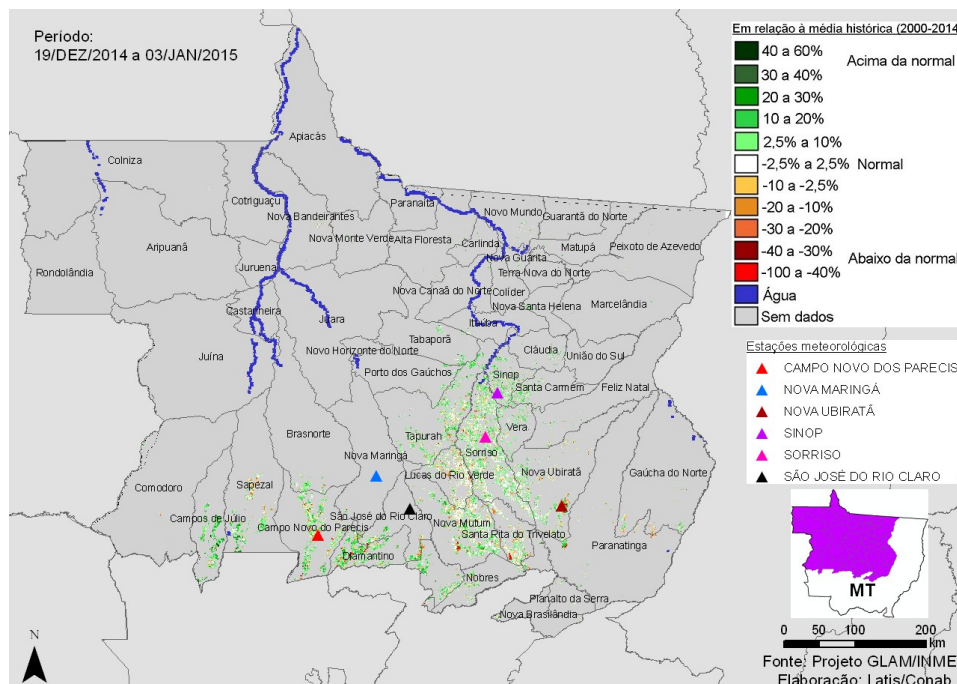
O propósito do monitoramento agrícola é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade nas principais regiões produtoras. No momento o foco é as atuais culturas de verão que estão em pleno desenvolvimento no campo.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à média histórica; b) gráficos da quantificação de unidades de área pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos safra.

No total, estão sendo monitoradas 7 mesorregiões produtoras que cobrem juntas aproximadamente 50% das culturas de verão. Os resultados cobrindo uma maior quantidade de mesorregiões, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis no Boletim de Monitoramento Agrícola, que é divulgado mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal. A seguir são apresentadas as informações e análises mais recentes dessas 7 mesorregiões.

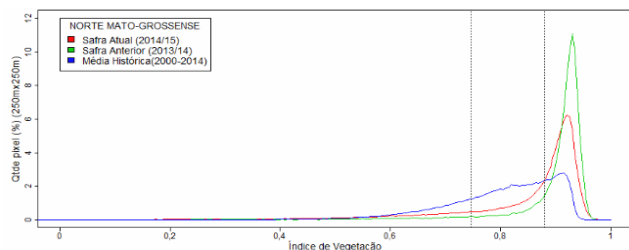
9.4.1. Norte Mato-Grossense

Figura 5 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



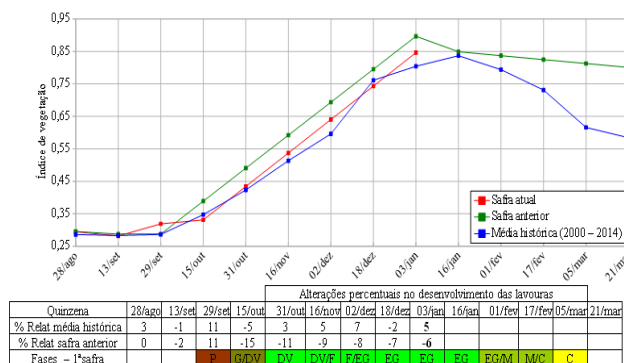
Há predominância de áreas com valores de IV acima da média no mapa, representadas pela cor verde. Essa anomalia positiva indica bom padrão de desenvolvimento das lavouras, mas também está associada ao atraso no plantio. Áreas que já deveriam entrar em maturação, apresentando valores mais baixos do Índice, se encontram atualmente em fases menos adiantadas (desde o desenvolvimento vegetativo à frutificação), cujos valores do IV são maiores. Por isso, comparando com a média histórica, essas áreas têm anomalias positivas. As áreas mais claras (laranja), menos expressivas, são aquelas que foram plantadas mais cedo e não precisaram de replantio, e que – diferentemente da média histórica – já estão em maturação, e/ou, apresentam alguma falha na formação dos stands decorrente da falta de chuvas na época da germinação.

Gráfico 11 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de IV	0 - 0,7464	0,7464 - 0,8806	0,8806 - 1
Safra Atual (2014/15)	15,86 %	26,2 %	58,14 %
Safra Anterior (2013/14)	5,34 %	12,74 %	81,91 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-9,34 %	-23,8 %	33,14 %

Gráfico 12 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



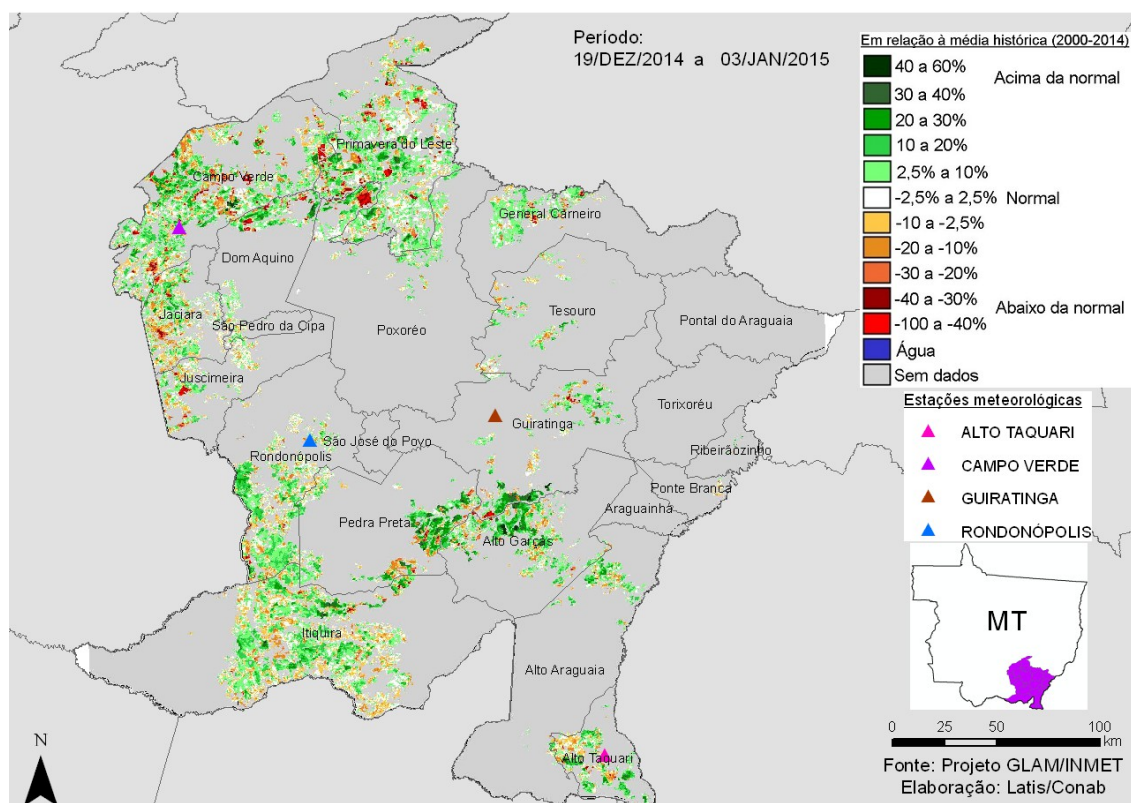
Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras													
Quinzena	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar
% Relat média histórica	3	-1	11	-5	3	5	7	-2	5	10	10	10	10
% Relat safra anterior	0	-2	11	-15	-11	-9	-8	-7	-6	-5	-4	-3	-2
Fases - 1ª safra	P	G/DV	DV	DVF	F/RG	FG	FG	FG	FG	FG	FG	FG	C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 9,3% a menos que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 23,8% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 33,1% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 58,1% de suas lavouras com altos valores de IV contra 81,9% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5% acima da média histórica e 6% abaixo da safra anterior.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa em meados de outubro caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva no momento ideal da semeadura. Devido ao excesso de cobertura de nuvens nas quinzenas seguintes, os dados de satélite não foram suficientes para traçar os trechos da linha até o dia 18/dez, e os valores ponderados do IV foram calculados considerando o resultado do dia 03/jan. Atualmente, o IV da safra atual situa-se acima da média histórica, em função principalmente do bom desenvolvimento das lavouras. Já a diferença com relação à safra anterior (menos 6%) deve estar relacionada com o atraso no plantio, pois a safra atual pode ainda não ter atingido o seu valor máximo do IV.

9.4.2. Sudeste Mato-Grossense

Figura 6 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



O mapa acima mostra as áreas agrícolas com padrões variados do IV. As anomalias positivas mais intensas e abrangentes estão ocorrendo em Pedra Preta a Alto

Garças. No entanto, em toda a mesorregião, o predomínio é de áreas em verde - indicando bom padrão de desenvolvimento das lavouras. Mas, da mesma forma que no Norte Mato-Grossense, as anomalias também estão associadas ao atraso no plantio. Já as áreas marrons, mais visíveis no sudeste do estado, devem ser aquelas onde o algodão 1ª safra está sendo plantado e que ainda não apresentam cobertura foliar.

Gráfico 13 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

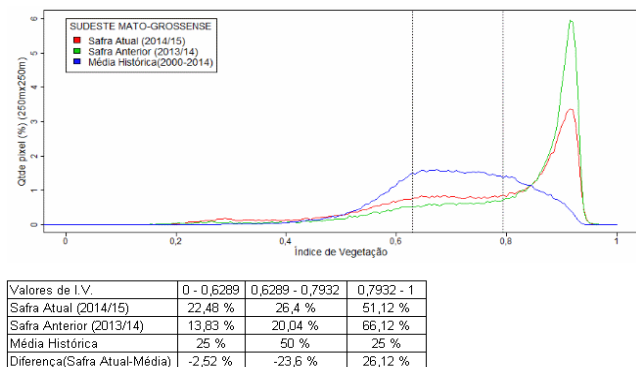
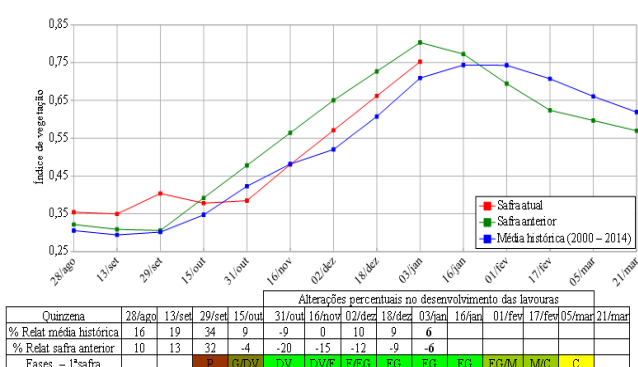


Gráfico 14 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

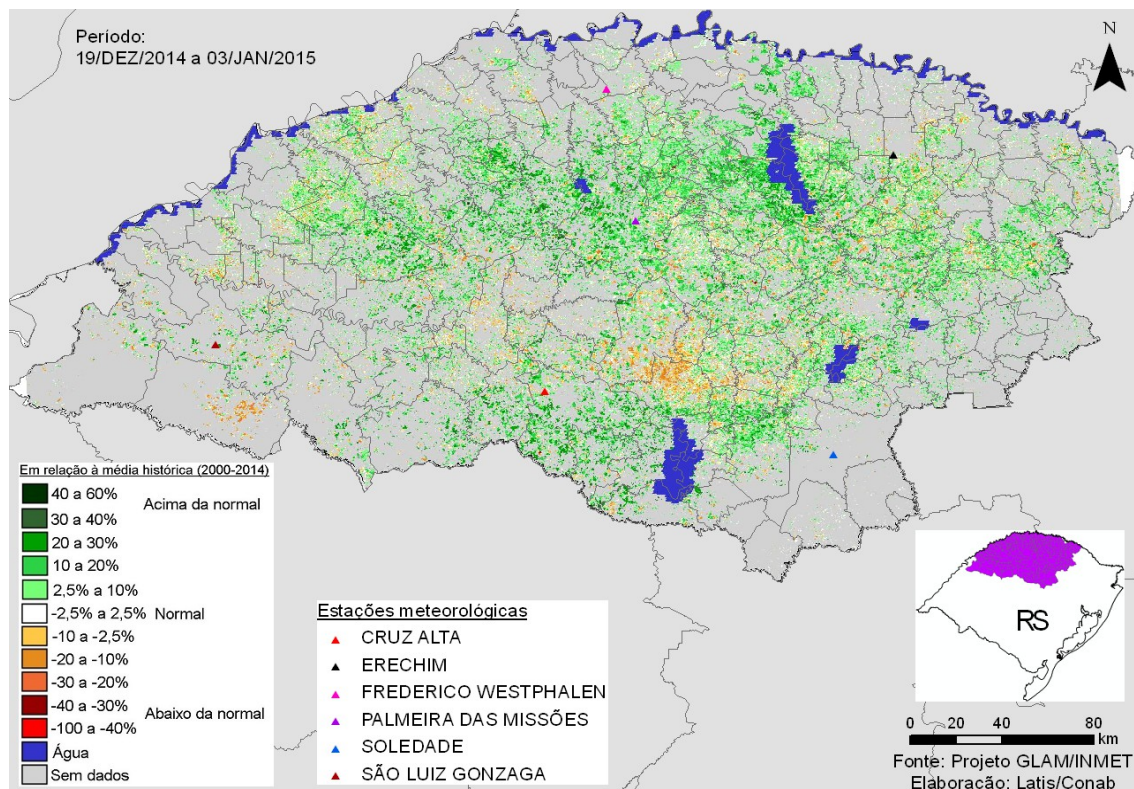


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 2,5% a menos que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. Tem 23,6% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 26,1% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 51,1% de suas lavouras com altos valores de IV contra 66,1% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 6% acima da média histórica e 6% abaixo da safra anterior.

No gráfico da evolução temporal, o trecho da linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa, no final de outubro, caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva na época normal de semeadura. Devido ao excesso de cobertura de nuvens nas quinzenas seguintes, os dados de satélite não foram suficientes para traçar os trechos da linha até o dia 18/dez, e os valores ponderados do IV foram calculados considerando o resultado do dia 03/jan. Atualmente, o IV da safra atual situa-se acima da média histórica, em função principalmente do bom desenvolvimento das lavouras. Já a diferença com relação à safra anterior (menos 6%) deve estar relacionada com o atraso no plantio, pois a safra atual pode ainda não ter atingido o seu valor máximo do IV.

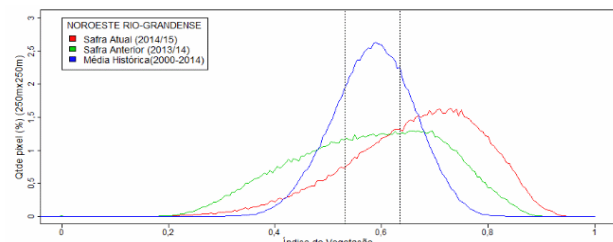
9.4.3. Noroeste Rio-Grandense

Figura 7 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



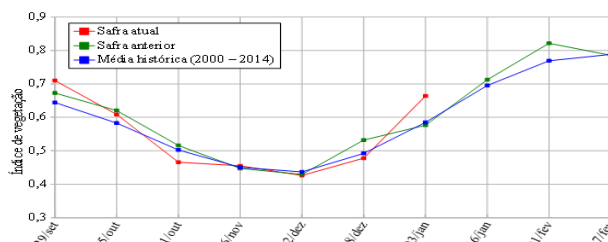
No mapa acima há predominância das áreas com valores de IV acima da média, representadas pela cor verde. Essas áreas correspondem, principalmente, às lavouras de milho e soja em boas condições de desenvolvimento. As áreas mais claras (laranja) devem ser aquelas onde o milho e a soja estão em plantio ou início do desenvolvimento, ou onde o milho já se encontra em maturação.

Gráfico 15 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de IV	0 - 0,5315	0,5315 - 0,6352	0,6352 - 1
Safral Atual (2014/15)	15,8 %	22,4 %	61,8 %
Safral Anterior (2013/14)	37,77 %	25,36 %	36,86 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safral Atual-Média)	-9,2 %	-27,6 %	36,8 %

Gráfico 16 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	29/sep	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev
% Relat média histórica	10	4	-7	1	-2	-3	13			
% Relat safral anterior	6	-2	-10	2	-1	-10	15			
Fases – safral verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/E	E	E	E/M	M	M/C

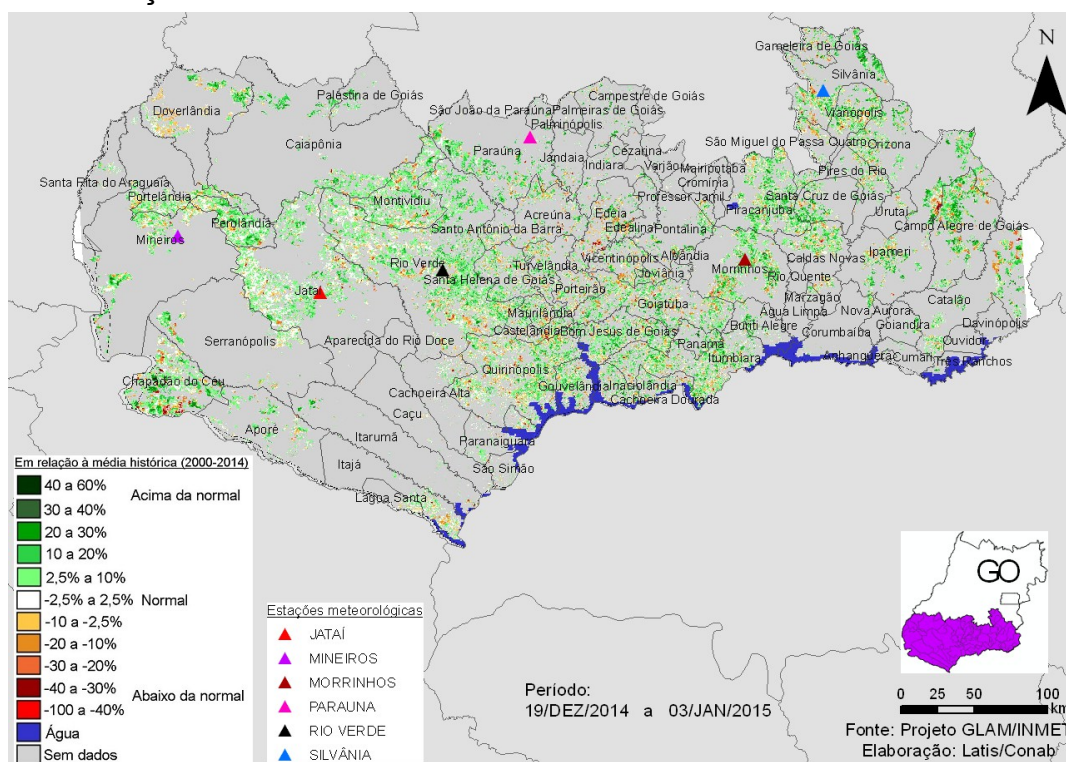
A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safral atual tem 9,2% a menos que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em laranja no mapa anterior. Tem 27,6% a menos que a média histórica de lavouras com padrão médio de desenvolvimento e 36,8% a mais que a média histórica de lavouras

com altos valores de IV. São as áreas em verde no mapa. A safra atual tem 61,8% das lavouras com alta resposta de IV contra 36,8% da safra passada, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 13% acima da média histórica e 15% acima da safra anterior.

No gráfico de evolução temporal do IV, o crescimento mais lento da linha vermelha na primeira quinzena de dezembro, em relação à safra anterior, mostra que houve um pequeno atraso no plantio e no início do desenvolvimento da soja, devido às condições climáticas adversas. No entanto, na quinzena seguinte, esse atraso foi recuperado e, atualmente, o IV da safra atual está bem superior à média histórica e à safra anterior, indicando boas expectativas de produtividade.

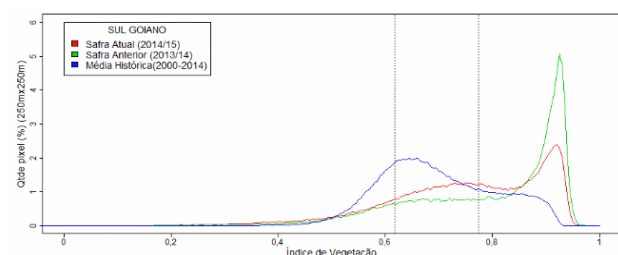
9.4.4. Sul Goiano

Figura 8 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



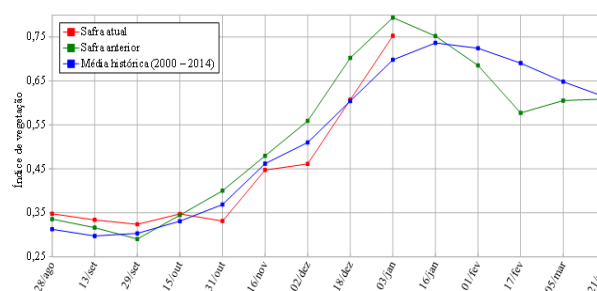
No mapa acima há predominância de áreas com valores de IV acima da média, representadas pela cor verde. Essa anomalia positiva indica bom padrão de desenvolvimento das lavouras, mas também está associada ao atraso no plantio. Áreas que já deveriam entrar em maturação, apresentando valores mais baixos do Índice, se encontram atualmente em fases menos adiantadas (desde o desenvolvimento vegetativo à frutificação), cujos valores do IV são maiores. Por isso, comparando com a média histórica, essas áreas têm anomalias positivas. As áreas mais claras (laranja), menos expressivas, devem ser são aquelas que foram plantadas mais cedo e que apresentam alguma falha nos stands decorrente da falta de chuvas na época da germinação.

Gráfico 17 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,6178	0,6178 - 0,7745	0,7745 - 1
Safra Atual (2014/15)	17,13 %	34,47 %	48,4 %
Safra Anterior (2013/14)	13,96 %	23,38 %	62,64 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-7,87 %	-15,53 %	23,4 %

Gráfico 18 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



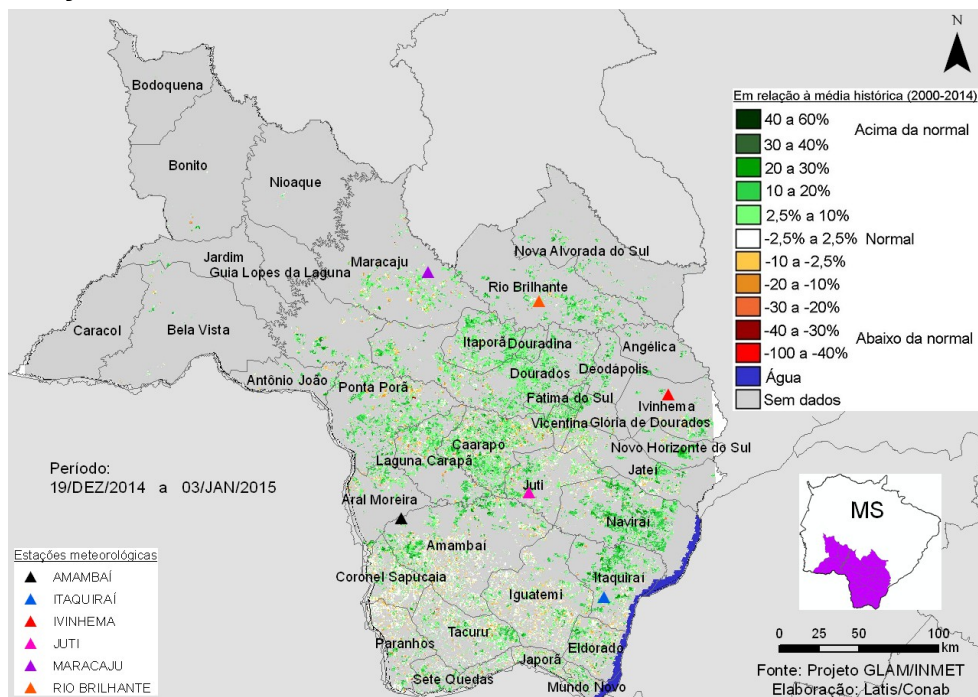
Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras												
Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev
% Relat média histórica	11	12	6,7	5,0	-10,2	-3,2	-9,6	0,5	-7,9			
% Relat safra anterior	4	6	11,5	0,8	-17,3	-6,8	-17,5	-13,6	-5,2			
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EGM
												M/C
												C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 7,9% a menos que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 15,5% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 23,4% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. A safra atual tem 48,4% de suas lavouras com altos valores de IV contra 62,6% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7,9% acima da média histórica e 5,2% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra que a atual safra respondeu em baixa e teve algumas variações, desde meados de outubro a início de dezembro, resultado da falta de chuvas que atrasou o plantio. Nas quinzenas seguintes houve recuperação e, atualmente, o IV da safra atual situa-se acima da média histórica, em função principalmente do bom desenvolvimento das lavouras. Já a diferença com relação à safra anterior (menos 5,2%) deve estar relacionada com o atraso no plantio, pois a safra atual pode ainda não ter atingido o seu valor máximo do IV.

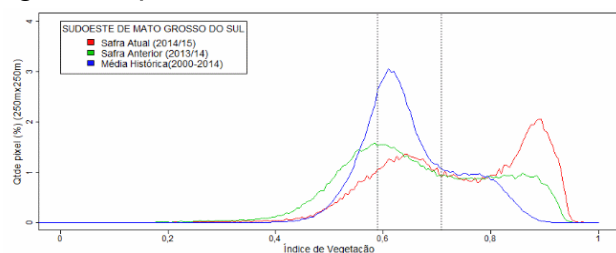
9.4.5. Sudoeste do Mato Grosso do Sul

Figura 9 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



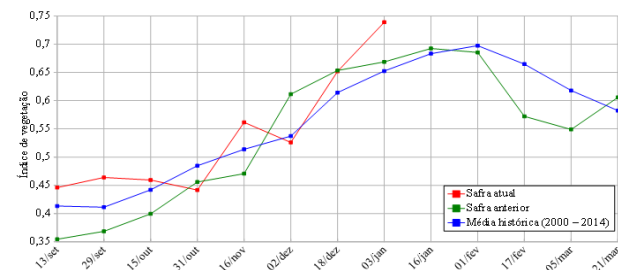
O mapa acima mostra a predominância das áreas com valores de IV acima da média, representadas pela cor verde. As chuvas de novembro propiciaram o avanço acelerado do plantio, e as boas condições de dezembro normalizaram o andamento da atual safra, que estava atrasada em função da irregularidade das chuvas em outubro. As áreas em cores amarelo e laranja são aquelas que ainda não apresentam expressiva cobertura vegetal, possivelmente devido ao retardo do plantio pela falta de chuvas na época da semeadura e pela necessidade de replantio de algumas áreas.

Gráfico 19 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,589	0,589 - 0,7078	0,7078 - 1
Safra Atual (2014/15)	15,41 %	28,38 %	56,21 %
Safra Anterior (2013/14)	32,43 %	30 %	37,67 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-9,59 %	-21,62 %	31,21 %

Gráfico 20 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras												
Data (final do período)	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar
% Relat média histórica	8	13	4	-9	9	-2	6	13				
% Relat safra anterior	26	26	15	-3	19	-14	0	11				
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	DVF	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	N/C	C	

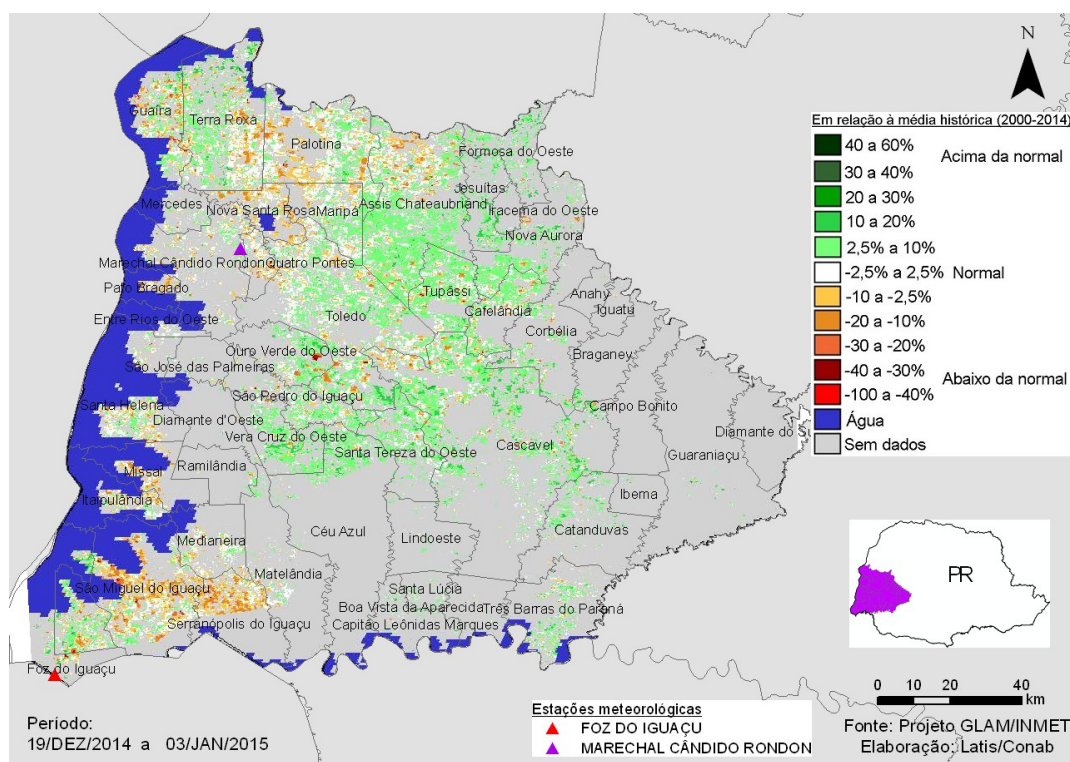
A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 9,6% a menos que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 21,6% a menos de cultivos com médio padrão

e tem, também, 31,2% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 56,2% de suas lavouras com altos valores de IV contra 37,6% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 13% acima da média histórica e 11% acima da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra variações bruscas do IV. No final de outubro constata-se queda, na 1ª quinzena de novembro houve recuperação e no final do mês novamente queda acentuada do padrão de desenvolvimento, caracterizando atraso de plantio, e replantio de algumas áreas, das culturas de verão. Nas quinzenas seguintes, esse atraso foi recuperado e, atualmente, o IV da safra atual está bem superior à média histórica e à safra anterior, indicando boas perspectivas de produtividade.

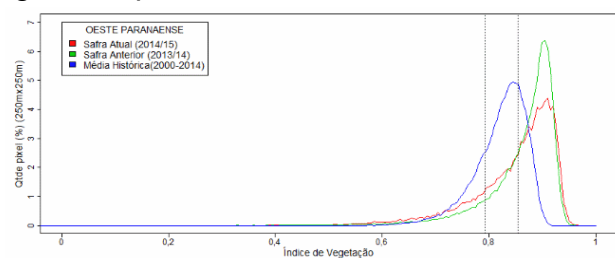
9.4.6. Oeste Paranaense

Figura 10 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



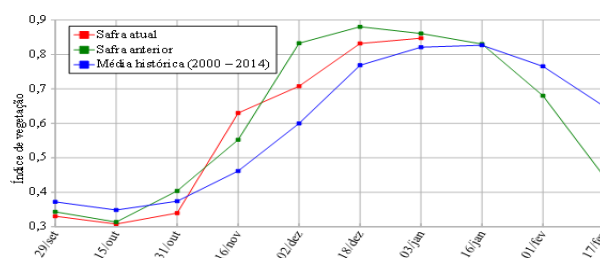
O mapa acima mostra áreas em dois padrões. Em amarelo, laranja e marrom são áreas de milho e soja já entrando em maturação, ou de lavouras afetadas pela irregularidade das chuvas. As áreas em verde, mais expressivas, correspondem às lavouras com padrão acima da média histórica e, conseqüentemente, em boas condições de desenvolvimento. Entretanto, essa anomalia positiva também decorre da diferença entre os calendários/ciclos dos cultivares de anos recentes e os da média histórica.

Gráfico 21 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,7928	0,7928 - 0,8539	0,8539 - 1
Safra Atual (2014/15)	19,84 %	21,95 %	58,21 %
Safra Anterior (2013/14)	12,87 %	19,64 %	67,5 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-5,16 %	-28,05 %	33,21 %

Gráfico 22 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



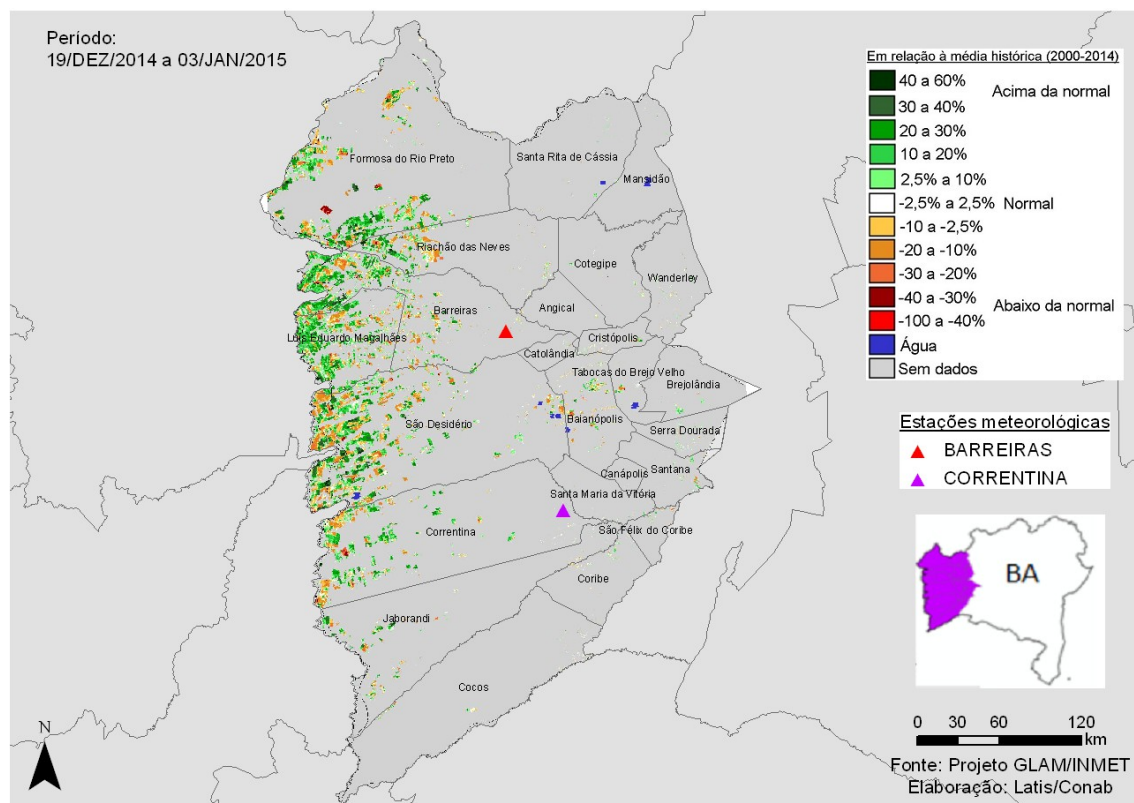
Data (final do período)	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras									
	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev
% Relat média histórica	-11	-12	-9	36	18	8	3			
% Relat safra anterior	-4	-2	-16	14	-15	-6	-2			
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas, mostra que a safra atual tem 5,1% a menos que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 28% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 33,2% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 58,2% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 67,5% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 3% acima da média histórica e 2% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra a safra atual com baixo padrão no final de outubro. No início do mês seguinte constata-se forte recuperação e, na 2ª quinzena de novembro houve novamente redução no crescimento que, embora ainda acima da média histórica, respondeu bem abaixo do padrão do ano passado. Essas variações ocorreram, principalmente, em função da irregularidade e má distribuição das chuvas. Na primeira quinzena de dezembro, houve recuperação na taxa de crescimento que, no entanto, reduziu novamente na quinzena seguinte. Essa última redução também pode estar associada ao início da maturação das lavouras. Atualmente, o IV da safra atual está acima da média histórica e próximo da safra passada, indicando perspectivas de produtividade normal.

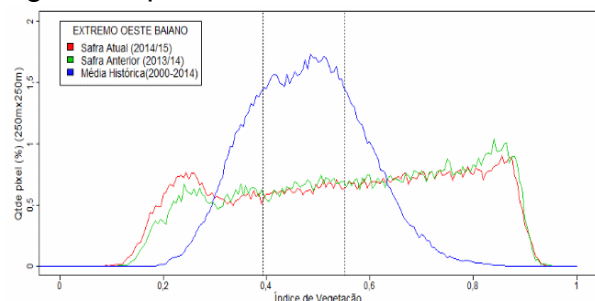
9.4.7. Oeste Baiano

Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



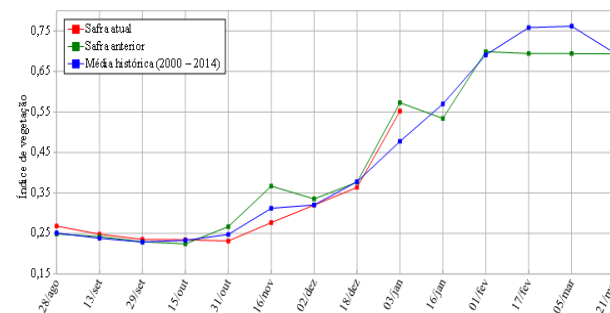
O mapa acima mostra as áreas visualizadas pelas imagens em dois padrões. Em verde são áreas onde o clima foi mais favorável e que apresentam bom padrão de desenvolvimento das lavouras. Em amarelo, laranja e marrom são áreas onde, possivelmente, pela deficiência de água no solo, o plantio ocorreu atrasado. Essas duas aparentes anomalias (positiva e negativa) decorrem, também, da expansão de área e da diferença entre os calendários/ciclos dos cultivares de anos recentes e os da média histórica e, desta forma, não implicam, até o momento, em quebra ou aumento de produtividade.

Gráfico 23 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,3929	0,3929 - 0,5508	0,5508 - 1
Safra Atual (2014/15)	28,41 %	19,77 %	51,81 %
Safra Anterior (2013/14)	24,75 %	20,6 %	54,65 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	3,41 %	-30,23 %	26,81 %

Gráfico 24 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras												
Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev
% Relat média histórica	7	4	2,8	0,7	-6,5	-11,4	0,0	-3,7	15,7			
% Relat safra anterior	8	2	2,5	4,6	-13,3	-24,6	-4,5	-3,4	-3,6			
Fases - safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/E/G	E/G	E/G	E/G/M	M/C
												C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas, mostra que a safra atual tem 3,4% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 30,2% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 26,8% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 51,8% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 54,6% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 15,7% acima da média histórica e 3,6% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra a safra atual com baixo padrão no final de outubro. Em novembro a queda relativa às safras anteriores foi ainda maior. Isso é indicativo de atraso no plantio da safra de verão. O excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados suficientes para o cálculo e traçado do trecho até a 1ª quinzena de dezembro, e os dados foram interpolados a partir do resultado da segunda quinzena desse mês. Atualmente, o IV da safra atual está bem acima de média histórica e muito próximo da safra passada, indicando boa condição de desenvolvimento das lavouras.

– Fonte: USDA / NASA / UMD - Projeto GLAM – <http://pekko.geog.umd.edu/usda/test>.

10. Análise das culturas

10.1. Culturas de verão

10.1.1. Algodão

De todos os segmentos agrícolas do país, a cotonicultura é um dos que tem merecido papel de destaque mundial. O Brasil é o quinto maior produtor de pluma do mundo, atrás de China, Índia, EUA e Paquistão, e deve produzir, nesta safra, cerca de 1,5 milhão de toneladas.

Apesar da capilaridade da cultura, cultivada em 15 estados, cerca de 85% da área plantada de algodão está concentrada em Mato Grosso e Bahia. Particularmente, a cultura se desenvolve em regiões onde a agricultura já está consolidada e em solos com alta fertilidade, o que acaba se concentrando nas regiões produtoras.

O Mato Grosso, maior estado produtor, deve sofrer a maior redução absoluta do país. Cerca de 80,4 mil hectares deixarão de ser plantados nesta safra, sendo que a redução equivale a 12,5% da área total. Neste estado, o plantio do algodão primeira safra já foi finalizado, sendo que a cultura atravessa as fases de germinação (35%), desenvolvimento vegetativo (62,6%) e floração (2,4%). Quanto ao algodão segunda safra, o plantio se inicia em janeiro e deve ser finalizado em fevereiro.

Na Bahia, estima-se que 90,9% das lavouras de algodão já tenham sido plantadas, sendo que toda a cultura se encontra nos estágios de germinação/desenvolvimento vegetativo. A estimativa é de que a área sofra redução de 8% (25,6 mil hectares), alcançando 293,8 mil hectares.

Em Goiás, a redução da área de algodão (27,8%) se deve a efeitos de problemas relacionados ao menor consumo e aos baixos preços praticados nos mercados interno e externo, nessa primeira safra. No entanto, a maior parte do algodão no estado é plantada no regime de segunda safra, durante o mês de janeiro, fator este que poderá se mostrar como alternativa viável na tentativa de diluir os custos e elevar a receita para os produtores.

No Mato Grosso do Sul, a cultura está em fase de plantio nas regiões de Costa Rica e Chapadão do Sul. Na região de São Gabriel D'Oeste é esperado apenas o cultivo do algodão segunda safra, de plantio mais tardio que ocorre no início do mês de fevereiro. Na região sul do estado, a cultura apresenta-se em desenvolvimento vegetativo e em boas condições, devido as precipitações constantes nas últimas semanas. O plantio nessa região sofreu atraso de 20 dias em relação à safra passada, em função da forte estiagem que ocorreu no mês de outubro. Neste levantamento foi observada redução de 10,9% na área do estado em relação à safra anterior, sendo que a produtividade esperada até o momento teve uma redução de 1,8% em relação a safra anterior que foi de 4.275 kg/h, a atual safra foi de 4.200 kg/h. As reduções verificadas na área cultivada são influenciadas pela situação dos mercados internacionais, principalmente pela diminuição significativa nas exportações para a China.

Com relação à incidência de pragas e doenças, a preocupação é constante e algumas medidas são adotadas para redução destas pragas ao longo do ciclo da cultura, como o uso do refúgio para o Manejo de Resistência de Insetos (MRI). O controle do Bicudo do Algodão, maior causador de prejuízos ao longo do ciclo da cultura, tem sido realizado de forma permanente, seja através de armadilhas ou de produtos químicos.

Em Minas Gerais, a área de cultivo de algodão está estimada em 19,3 mil ha, sinalizando uma redução de 7,7%, acompanhando a tendência baixista nos preços de comercialização de pluma, motivada pelo aumento da oferta mundial de algodão acima do

crescimento do consumo. No entanto, em razão das condições climáticas desfavoráveis, o plantio de algodão no estado somente foi iniciado no mês de dezembro

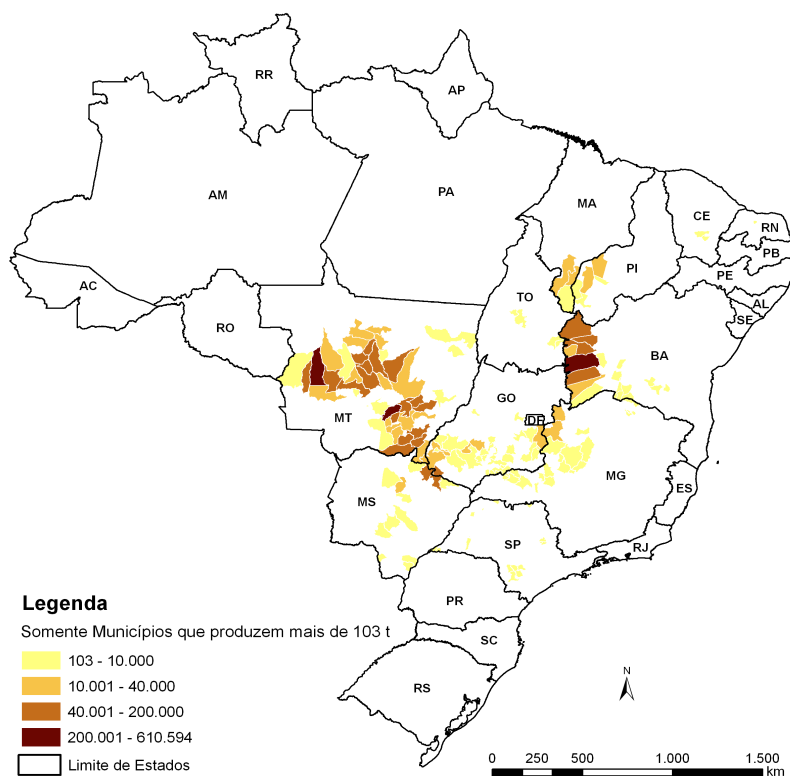
O plantio de algodão no estado normalmente inicia-se a partir de 20 de novembro, quando encerra-se o período de vazio sanitário de 60 dias instituídos pelo Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo e para proteger a produção mineira dos prejuízos ocasionados pela praga. A isenção desta obrigatoriedade foi concedida, pela Portaria IMA nº 1.409/2014, às propriedades do norte de Minas localizadas abaixo de 600 metros de altitude, georreferenciadas pela Amipa e informadas ao IMA, e que poderão, portanto, manter suas áreas de soqueira, situação que em muito auxiliará aqueles produtores que foram severamente castigados pela estiagem na safra 2013/14.

Estimando-se uma produtividade média de 3.600 kg/ha, a produção deverá ficar em 4,1% abaixo do resultado obtido na safra passada, alcançando 69,5 mil toneladas de algodão em caroço.

Considerando os investimentos necessários para a produção do algodão, os problemas econômicos nos mercados interno e externo e a alta rentabilidade da soja faz com que haja desestímulo para o plantio da cultura. No momento, 6,8% do algodão estão em estágio de germinação e 93,2%, em desenvolvimento vegetativo.

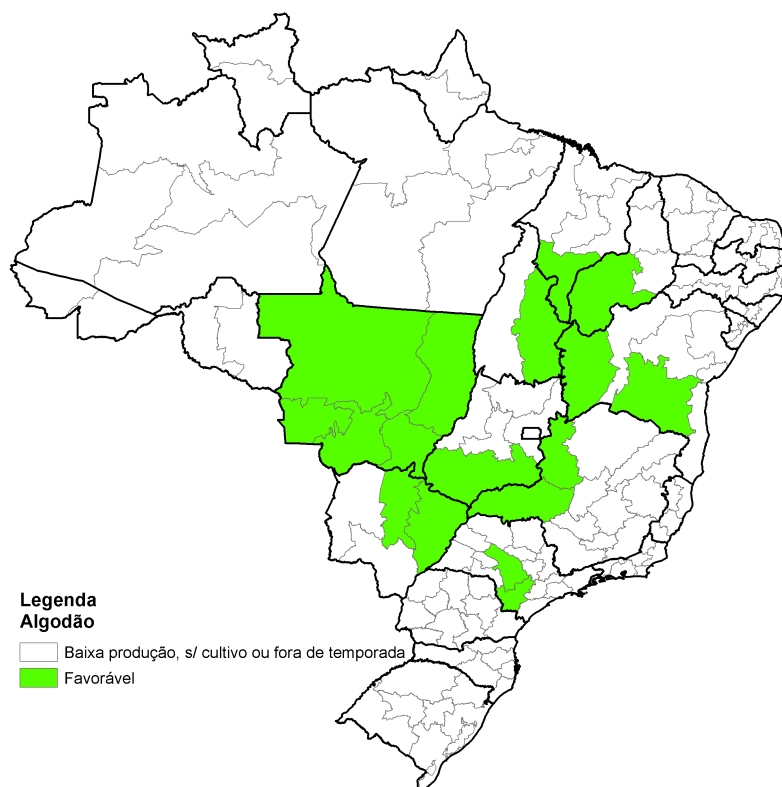
No Tocantins, o algodão deverá ter redução na área plantada de cerca de 13,9%, se comparada à safra anterior. Do total estimado, aproximadamente 75,6% já foram efetivamente plantados, sendo que os 24,4% restantes serão plantados no mês de janeiro. As áreas semeadas utilizam em sua totalidade o sistema de plantio convencional e, do total cultivado, 25% encontram-se na fase de germinação e 75%, em desenvolvimento vegetativo.

Figura 12 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 13 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil em dezembro de 2014.



Fonte: Conab.

Tabela 5 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em dezembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão	- leste do TO (DV) - sul do MA (DV) - sudoeste do PI (DV) - oeste e centro sul da BA (DV) - oeste de MG (DV) - centro norte e leste do MS (P/G/DV) - todo estado do MT (1ª safra) (P/G/DV) - sul de GO (DV) - sul de SP (DV)			

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 1 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	4,1	(14,6)	4.020	4.163	3,6	19,3	17,1	(11,4)
TO	4,8	4,1	(13,9)	4.020	4.163	3,6	19,3	17,1	(11,4)
NORDESTE	352,8	332,8	(5,7)	3.872	4.030	4,1	1.366,2	1.341,3	(1,8)
MA	18,6	22,9	23,0	4.140	4.125	(0,4)	77,0	94,5	22,7
PI	12,1	13,4	10,7	4.125	4.020	(2,5)	49,9	53,9	8,0
CE	1,8	1,8	-	780	651	(16,5)	1,4	1,2	(14,3)
RN	0,4	0,4	-	3.810	3.810	-	1,5	1,5	-
PB	0,1	0,1	-	660	622	(5,8)	0,1	0,1	-
PE	0,3	0,3	-	540	512	(5,2)	0,2	0,2	-
AL	0,1	0,1	-	480	490	2,1	-	-	-
BA	319,4	293,8	(8,0)	3.870	4.050	4,7	1.236,1	1.189,9	(3,7)
CENTRO-OESTE	734,2	634,8	(13,5)	3.974	3.902	(1,8)	2.917,6	2.476,9	(15,1)
MT	643,1	562,7	(12,5)	3.960	3.875	(2,1)	2.546,7	2.180,5	(14,4)
MS	37,5	33,4	(10,9)	4.275	4.200	(1,8)	160,3	140,3	(12,5)
GO	53,6	38,7	(27,8)	3.930	4.034	2,6	210,6	156,1	(25,9)
SUDESTE	28,9	23,1	(20,1)	3.443	3.580	4,0	99,5	82,7	(16,9)
MG	20,9	19,3	(7,7)	3.469	3.600	3,8	72,5	69,5	(4,1)
SP	8,0	3,8	(52,5)	3.375	3.480	3,1	27,0	13,2	(51,1)
SUL	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
PR	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
NORTE/NORDESTE	357,6	336,9	(5,8)	3.874	4.032	4,1	1.385,5	1.358,4	(2,0)
CENTRO-SUL	764,0	658,8	(13,8)	3.952	3.888	(1,6)	3.019,2	2.561,6	(15,2)
BRASIL	1.121,6	995,7	(11,2)	3.927	3.937	0,2	4.404,7	3.920,0	(11,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	4,1	(14,6)	1.548	1.610	4,0	7,4	6,6	(10,8)
TO	4,8	4,1	(13,9)	1.548	1.603	3,6	7,4	6,6	(10,8)
NORDESTE	352,8	332,8	(5,7)	1.515	1.577	4,1	534,6	524,9	(1,8)
MA	18,6	22,9	23,0	1.635	1.629	(0,4)	30,4	37,3	22,7
PI	12,1	13,4	10,7	1.629	1.588	(2,5)	19,7	21,3	8,1
CE	1,8	1,8	-	273	228	(16,5)	0,5	0,4	(20,0)
RN	0,4	0,4	-	1.448	1.448	-	0,6	0,6	-
PB	0,1	0,1	-	231	218	(5,6)	-	-	-
PE	0,3	0,3	-	189	179	(5,3)	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	168	172	2,4	-	-	-
BA	319,4	293,8	(8,0)	1.513	1.584	4,7	483,3	465,2	(3,7)
CENTRO-OESTE	734,2	634,8	(13,5)	1.569	1.541	(1,8)	1.152,2	978,2	(15,1)
MT	643,1	562,7	(12,5)	1.564	1.531	(2,1)	1.005,9	861,3	(14,4)
MS	37,5	33,4	(10,9)	1.689	1.659	(1,8)	63,3	55,4	(12,5)
GO	53,6	38,7	(27,8)	1.548	1.589	2,6	83,0	61,5	(25,9)
SUDESTE	28,9	23,1	(20,1)	1.349	1.398	3,6	39,0	32,3	(17,2)
MG	20,9	19,3	(7,7)	1.353	1.404	3,8	28,3	27,1	(4,2)
SP	8,0	3,8	(52,5)	1.333	1.375	3,2	10,7	5,2	(51,4)
SUL	0,9	0,9	-	889	778	(12,5)	0,8	0,7	(12,5)
PR	0,9	0,9	-	903	828	(8,3)	0,8	0,7	(12,5)
NORTE/NORDESTE	357,6	336,9	(5,8)	1.516	1.578	4,1	542,0	531,5	(1,9)
CENTRO-SUL	764,0	658,8	(13,8)	1.560	1.535	(1,6)	1.192,0	1.011,2	(15,2)
BRASIL	1.121,6	995,7	(11,2)	1.546	1.549	0,2	1.734,0	1.542,7	(11,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	4,1	(14,6)	2.472	2.560	3,6	11,9	10,5	(11,8)
TO	4,8	4,1	(13,9)	2.472	2.560	3,6	11,9	10,5	(11,8)
NORDESTE	352,8	332,8	(5,7)	2.357	2.453	4,1	831,5	816,1	(1,9)
MA	18,6	22,9	23,0	2.505	2.496	(0,4)	46,6	57,1	22,5
PI	12,1	13,4	10,7	2.496	2.432	(2,6)	30,2	32,6	7,9
CE	1,8	1,8	-	507	423	(16,6)	0,9	0,8	(11,1)
RN	0,4	0,4	-	2.362	2.362	-	0,9	0,9	-
PB	0,1	0,1	-	429	404	(5,8)	-	-	-
PE	0,3	0,3	-	351	333	(5,1)	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	312	319	2,2	-	-	-
BA	319,4	293,8	(8,0)	2.357	2.466	4,6	752,8	724,6	(3,7)
CENTRO-OESTE	734,2	634,8	(13,5)	2.404	2.361	(1,8)	1.765,4	1.498,7	(15,1)
MT	643,1	562,7	(12,5)	2.396	2.344	(2,2)	1.540,7	1.319,2	(14,4)
MS	37,5	33,4	(10,9)	2.586	2.541	(1,7)	97,0	84,9	(12,5)
GO	53,6	38,7	(27,8)	2.382	2.445	2,6	127,7	94,6	(25,9)
SUDESTE	28,9	23,1	(20,1)	2.096	2.181	4,1	60,5	50,4	(16,7)
MG	20,9	19,3	(7,7)	2.116	2.196	3,8	44,2	42,4	(4,1)
SP	8,0	3,8	(52,5)	2.042	2.105	3,1	16,3	8,0	(50,9)
SUL	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	357,6	336,9	(5,8)	2.359	2.454	4,0	843,4	826,6	(2,0)
CENTRO-SUL	764,0	658,8	(13,8)	2.392	2.353	(1,6)	1.827,2	1.550,3	(15,2)
BRASIL	1.121,6	995,7	(11,2)	2.381	2.387	0,3	2.670,6	2.376,9	(11,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.1.1. Oferta e demanda

A quarta pesquisa de levantamento da safra 2014/15, realizada pela Conab, aponta para uma produção de 1.542,7 mil toneladas de pluma, indicando, dessa maneira, uma redução em valores absolutos de 191,3 mil toneladas ou 11,03% em termos percentuais, em comparação à safra precedente. Cabe destacar que a justificativa para esse declínio na produção é justificada pela elevada oferta mundial, cuja produção nos últimos cinco anos safra superou as quantidades demandadas pela Indústria, fato que acarretou crescimento exagerado dos montantes de pluma estocados e, conseqüente, redução dos preços internacionais e domésticos dessa commodity.

A Conab manteve inalteradas suas projeções de consumo, exportação e importação para o ano 2015. Contudo, efetuou alterações nos números de comércio exterior de 2014. Dessa feita, o volume de pluma exportado até dezembro daquele ano foi de 748,6 mil toneladas de algodão (43 mil toneladas superior à expectativa antecedente da Conab) e o total importado, por outro lado, foi de 31,5 mil toneladas (4 mil toneladas; número esse inferior à expectativa inicial) fato que acarretou a necessidade de alterar o estoque inicial de 2015, que passou a ser de 471 mil toneladas, volume 9,18% inferior ao divulgado no boletim anterior.

Desse modo, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: Oferta total do produto (Estoque inicial + produção + importação) de 2.032,6 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.550 mil toneladas.

Com a redução da produção e demais ajustes, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 486,7 mil toneladas de pluma, ou seja, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período aproximado de três meses e vinte dias.

10.1.2. Amendoim

10.1.2.1. Amendoim primeira safra

Em Minas Gerais, a área de cultivo de amendoim está estimada em 2,8 mil hectares, acréscimo de 7,7% em relação à safra anterior. Estima-se uma produtividade média de 3.680 kg/ha, resultando numa produção de 10,3 mil toneladas, acréscimo de 7,3% em relação à safra anterior.

O plantio comercial de amendoim tem se concentrado, basicamente, no Triângulo Mineiro, que responde por 80% da área de cultivo e por 93% do volume de produção do estado. Nesta região, as lavouras são altamente tecnificadas, com sementes de boa qualidade (IAC505). São plantadas, normalmente, em novembro e dezembro, com colheita entre março e maio. Já foram plantadas 40% das áreas.

Já nas demais regiões – norte, Rio Doce, Jequitinhonha/Mucuri e Central – a cultura ocupa pequenas áreas de agricultura familiar, exploradas com baixo nível tecnológico, e respondem pelos restantes 20% de área e 7,0% da produção estadual, obedecendo ao mesmo calendário de plantio.

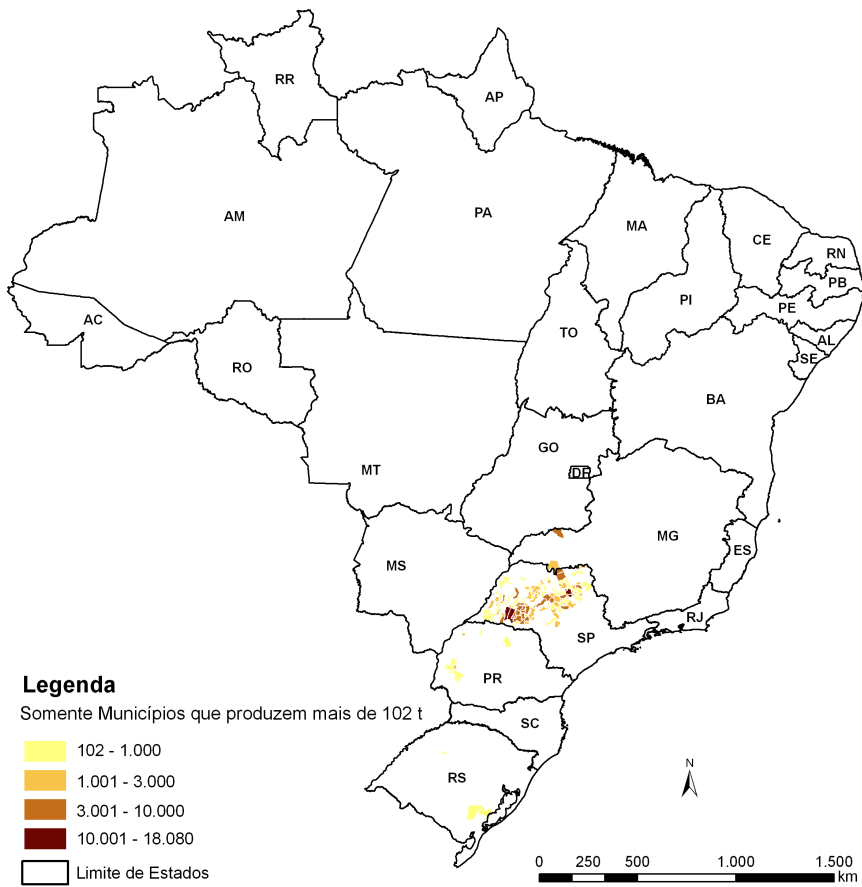
Em São Paulo, maior produtor de amendoim do país, a cultura apresenta problemas de expansão devido à indisponibilidade de terras para o seu crescimento. Um dos motivos é a menor renovação dos canaviais, com os quais faz-se a rotação de cultura. O amendoim está 30% em germinação e 70% em estágio de desenvolvimento vegetativo. Em torno de 80% da produção são destinados aos mercados da Europa.

Quadro 2 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

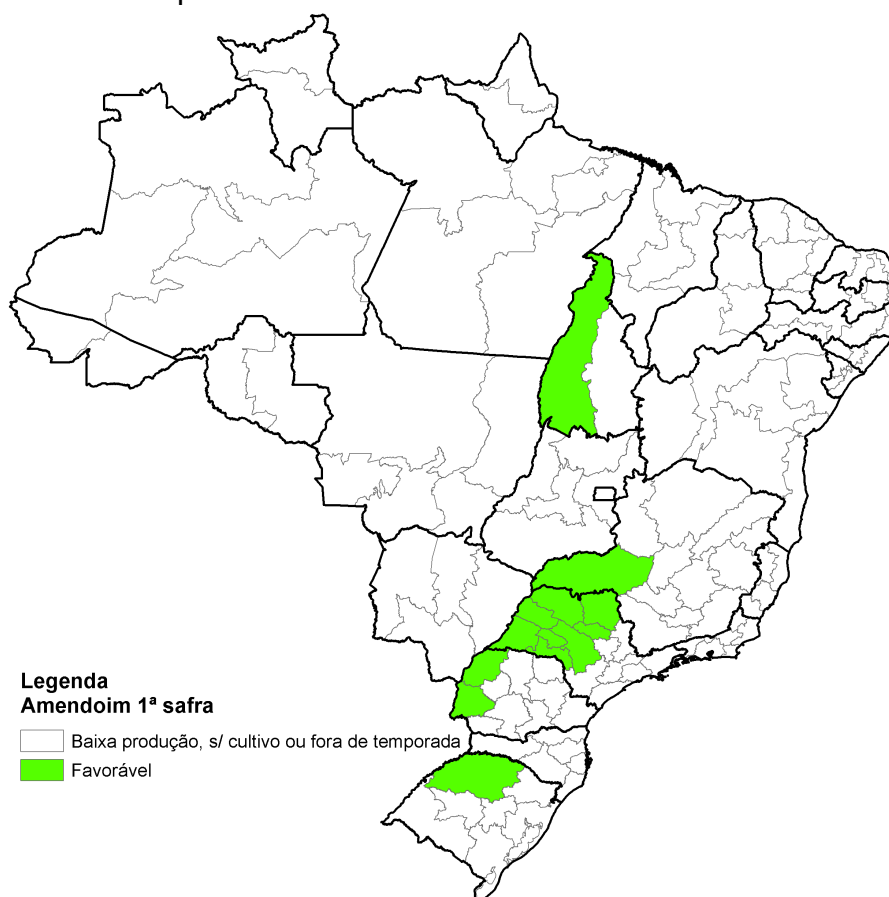
Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 14 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 15 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil em dezembro de 2014.



Fonte: Conab.

Tabela 9 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em dezembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim 1ª safra	oeste do PR (F/FR) noroeste do RS (F) Triângulo MG (F) todo estado de SP (F)			

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

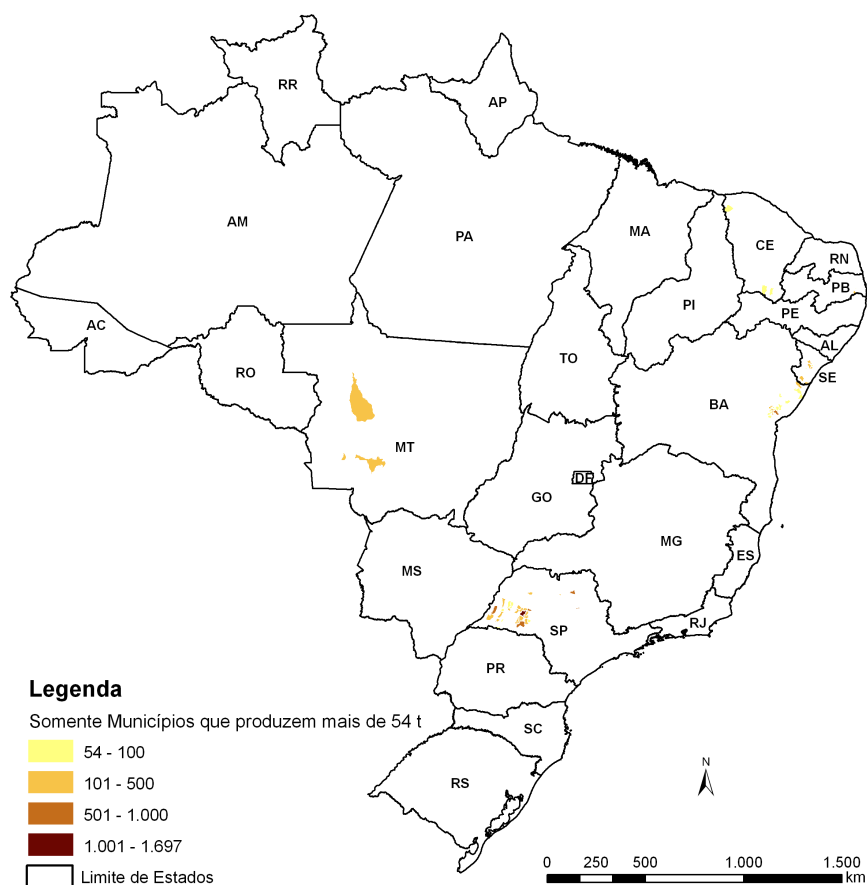
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	88,8	86,7	(2,4)	3.162	3.206	1,4	280,8	277,9	(1,0)
MG	2,6	2,8	7,7	3.680	3.680	-	9,6	10,3	7,3
SP	86,2	83,9	(2,7)	3.146	3.190	1,4	271,2	267,6	(1,3)
SUL	5,4	5,3	(1,9)	1.998	2.090	4,6	10,8	11,1	2,8
PR	2,2	2,2	(2,0)	2.408	2.582	7,2	5,3	5,7	7,5
RS	3,2	3,1	(1,6)	1.716	1.741	1,5	5,5	5,4	(1,8)
CENTRO-SUL	94,2	92,0	(2,3)	3.095	3.142	1,5	291,6	289,0	(0,9)
BRASIL	94,2	92,0	(2,3)	3.095	3.142	1,5	291,6	289,0	(0,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

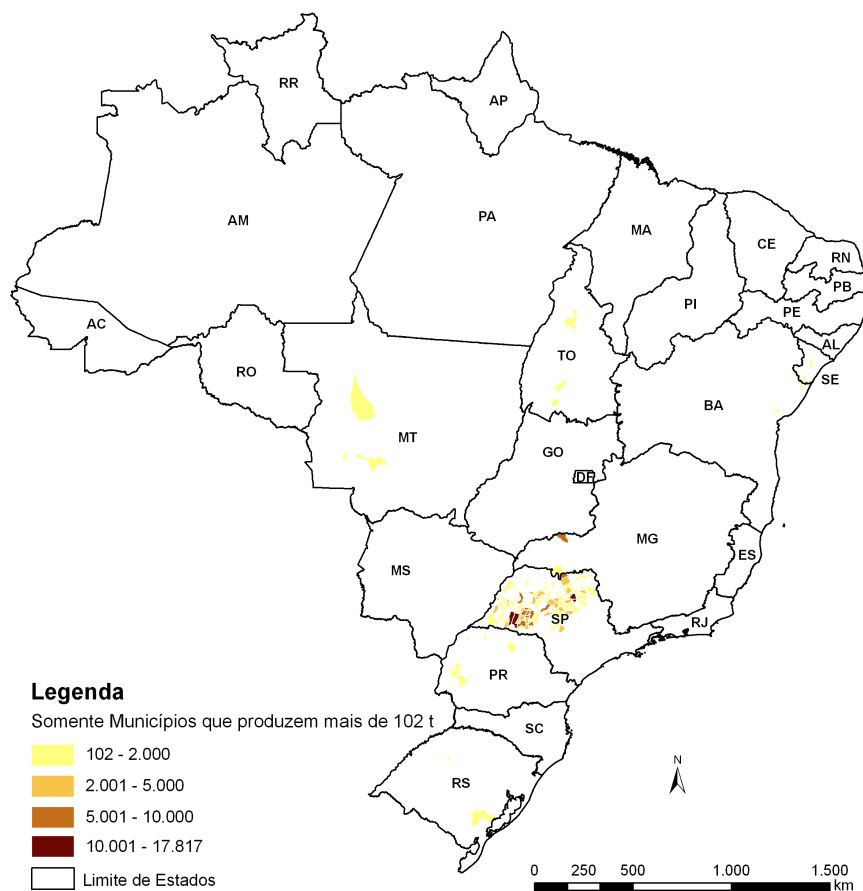
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,8	2,5	212,5	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
TO	0,8	2,5	214,8	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
NORDESTE	3,9	3,9	-	1.215	783	(35,6)	4,8	3,1	(35,4)
CE	1,0	1,0	-	1.154	139	(88,0)	1,2	0,1	(91,7)
PB	0,3	0,3	-	319	550	72,4	0,1	0,2	100,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.220	(29,9)	2,3	1,6	(30,4)
BA	1,3	1,3	-	945	895	(5,3)	1,2	1,2	-
CENTRO-OESTE	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
MT	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
SUDESTE	6,0	6,0	-	2.600	2.674	2,8	15,6	16,0	2,6
SP	6,0	6,0	-	2.600	2.674	2,8	15,6	16,0	2,6
NORTE/NORDESTE	4,7	6,4	36,2	1.804	1.943	7,7	7,6	12,5	64,5
CENTRO-SUL	6,4	6,4	-	2.594	2.671	3,0	16,6	17,1	3,0
BRASIL	11,1	12,8	15,3	2.179	2.307	5,9	24,2	29,6	22,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.2.3. Amendoim total

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	0,8	2,5	212,5	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
TO	0,8	2,5	212,5	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
NORDESTE	3,9	3,9	-	1.215	783	(35,6)	4,8	3,1	(35,4)
CE	1,0	1,0	-	1.154	139	(88,0)	1,2	0,1	(91,7)
PB	0,3	0,3	-	319	550	72,4	0,1	0,2	100,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.220	(29,9)	2,3	1,6	(30,4)
BA	1,3	1,3	-	945	895	(5,3)	1,2	1,2	-
CENTRO-OESTE	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
MT	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
SUDESTE	94,8	92,7	(2,2)	3.126	3.171	1,4	296,4	293,9	(0,8)
MG	2,6	2,8	7,7	3.680	3.680	-	9,6	10,3	7,3
SP	92,2	89,9	(2,5)	3.110	3.156	1,4	286,8	283,6	(1,1)
SUL	5,4	5,3	(1,9)	1.998	2.090	4,6	10,8	11,1	2,8
PR	2,2	2,2	-	2.408	2.582	7,2	5,3	5,7	7,5
RS	3,2	3,1	(3,1)	1.716	1.741	1,5	5,5	5,4	(1,8)
NORTE/NORDESTE	4,7	6,4	36,2	1.614	1.943	20,4	7,6	12,5	64,5
CENTRO-SUL	100,6	98,4	(2,2)	3.063	3.111	1,6	308,2	306,1	(0,7)
BRASIL	105,3	104,8	(0,5)	2.998	3.040	1,4	315,8	318,6	0,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.3. Arroz

Em Goiás, a cultura é altamente dependente de ações do governo estadual (lavoura comunitária), com exceções dos plantios irrigados. Estima-se que o plantio está encerrado e que a produção sofrerá redução.

No Mato Grosso do Sul, a área cultivada de arroz irrigado nesta safra foi aproximadamente 19,4% superior em relação à safra passada. A produtividade se manteve inalterada em relação ao último levantamento, na ordem de 6.150 kg ha.

O aumento se deve ao retorno do arroz às áreas de várzea migradas para soja, uma vez que a produtividade média do arroz é o dobro em relação à soja, o custo de produção é menor e o preço praticado está atrativo.

Devido ao escalonamento do plantio realizado pelos produtores, o arroz é semeado em épocas diferentes, inclusive no período atual. Com isso, essa cultura apresentou diferentes estágios, desde semeadura, até a uma área colhida, com aproximadamente 9% da área já colhida. Uma pequena parcela ainda está para ser plantada, finalizando o plantio em dezembro. O atraso ocorreu devido às elevadas precipitações ocorridas em novembro e dezembro.

Em Minas Gerais, a redução no plantio, comparativamente à safra passada, explica-se pelo aumento no custo da mão de obra, pelos baixos preços de mercado, pela perda de competitividade em relação a outras culturas como milho, soja e feijão e pela vulnerabilidade aos riscos climáticos e as restrições ao cultivo em áreas de várzea.

O plantio está estimado em 12,0 mil ha. Com a irregularidade das chuvas no mês de novembro, o plantio foi atrasado nas regiões produtoras. Ainda assim, estima-se que o plantio total aconteça até o final de dezembro. Predomina o cultivo de subsistência e as lavouras são geralmente conduzidas com baixo nível de tecnologia, mas espera-se uma recuperação nos níveis de produtividade em torno de 16,3% em relação à safra anterior, que sofreu severas perdas com a estiagem. Ainda assim, projeta-se uma queda de 28,1% na produção, que deve ficar em 28,2 mil toneladas.

A aquisição de arroz por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar

(PNAE), pelas Prefeituras e Governo do Estado, tem contribuído para a manutenção do cultivo do produto em algumas regiões de Minas Gerais, considerando a aquisição por meio da agricultura familiar.

No Paraná, na principal região produtora de arroz irrigado, o plantio já foi concluído. A área permanece estável em relação à safra anterior, pois o cultivo é em áreas sistematizadas. As lavouras estão em boas condições, estando com 56% de desenvolvimento vegetativo, 34% em floração e 10% em início de frutificação.

No Piauí é previsto pequeno incremento na área 9,2% em relação à safra anterior, que se explica pela introdução da cultura para correção de solo e posteriormente plantio de soja. Até o momento, não há indicativos de plantio. Existe ainda estoque da cultura armazenado a espera de preços melhores.

Em Rondônia, o arroz é plantado normalmente em outubro, novembro e dezembro e os tratos culturais são realizados de novembro a janeiro. A situação da cultura está quase toda em desenvolvimento vegetativo. As maiores partes da produção se concentram em áreas maiores e é destinada aos grandes compradores, que por sua vez, ofertam os recursos necessários aos produtores para que eles possam realizar as suas plantações. A cultura se encontra nos estágios iniciais de suas lavouras: germinação 2%, desenvolvimento vegetativo 88% e floração 10%. Como nesse período do ano as chuvas são bem definidas, essas lavouras estão se desenvolvendo satisfatoriamente e suas condições se apresentam com um bom aspecto.

No Rio Grande do Sul, a área cultivada com arroz na safra 2014/15 está estimada em 1.119,2 mil hectares, 0,1% menor que a cultivada na safra anterior. A semeadura se aproximou de 100% da área prevista. A semeadura que iniciou ainda em setembro atrasou em comparação com a área que estava semeada no mesmo período nas safras anteriores.

Dentro da janela ideal indicada pela pesquisa (20 de novembro) foram semeados 85% da área prevista. Os 15% restantes poderão influenciar nos índices de produtividade da lavoura como um todo.

Dentre os fatores que podem influenciar na lucratividade do produtor está o uso maior de insumos agrícolas como dessecantes, que devido à alta umidade do solo tiveram suas doses aumentadas como também o número de aplicações necessárias, devido à dificuldade de entrar na lavoura no momento ideal. Além disso, o uso da aviação agrícola foi intenso, pelos mesmos motivos. Esta prática, além de onerar a lavoura provocou perda em lavouras adjacentes pela deriva da pulverização.

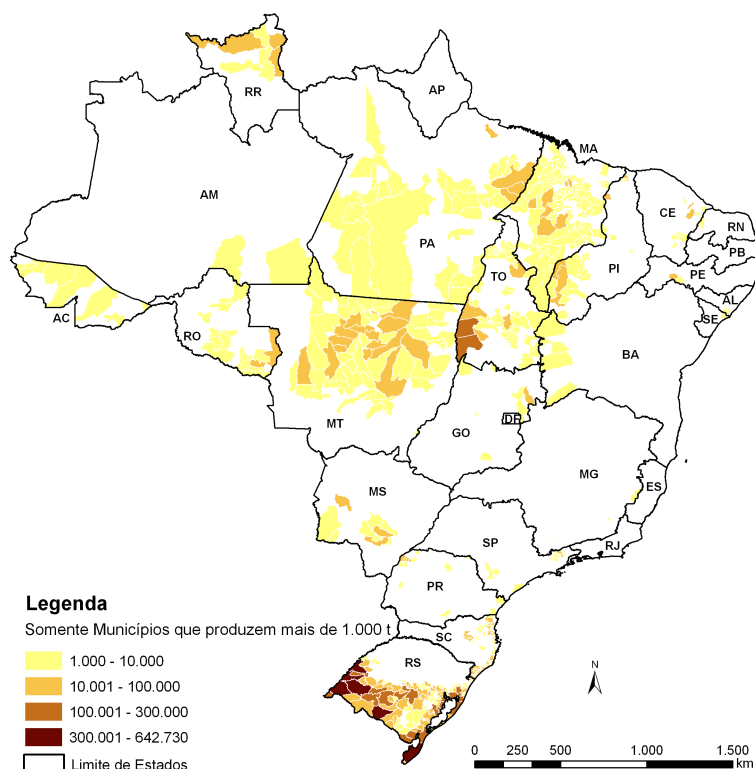
A quantidade de água disponível nos mananciais é suficiente para irrigação. O aumento da energia elétrica, insumo altamente impactante no custo de produção, preocupa os produtores.

A variação do uso de materiais propagativos é acentuada de uma região para outra, com predomínio absoluto do CL (Clear Field) Puitá. Verificado também o crescimento do CL Guri, embora sua suscetibilidade maior às doenças do arroz crie algumas limitações.

Os materiais nobres (BR IRGA 409 e 417) estão perdendo terreno para materiais com maior produtividade (IRGA 424 e IRGA 428). O sistema de cultivo pré-germinado tem significância, com alguns municípios (Cachoeira do Sul e Eldorado do Sul) utilizando o sistema em mais de 30% da área cultivada com arroz.

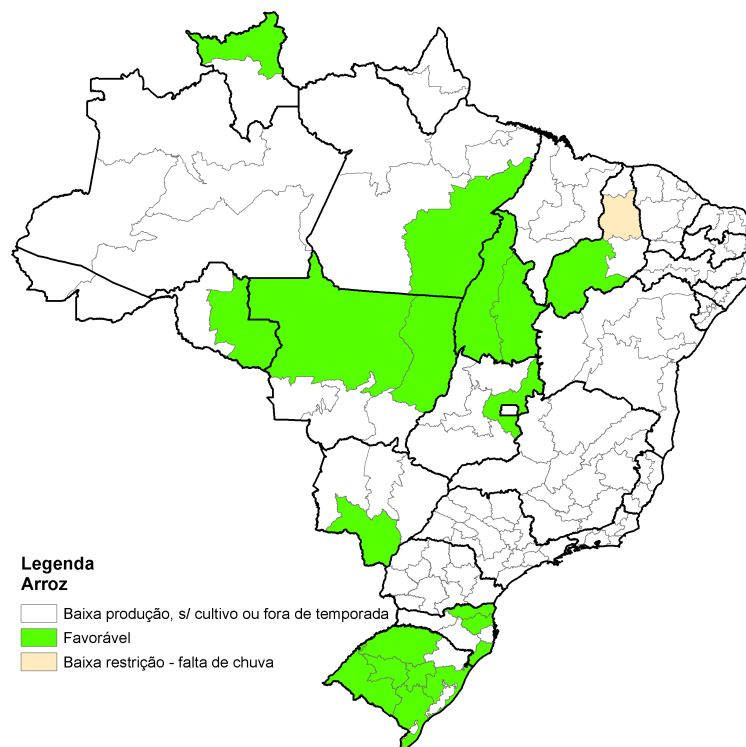
Em São Paulo, a produção de arroz sinaliza queda na área plantada de 3,9%, com aumento na produtividade de 2,9% em relação à safra anterior. A cultura se encontra com 50% em germinação e 50% em desenvolvimento vegetativo. Registre-se que o arroz consumido nos grandes centros do estado é oriundo do Rio Grande do Sul. O arroz paulista é consumido nas próprias regiões produtoras.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 19 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em dezembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 13 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em dezembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	leste de RO (DV) norte de RR (FR) - irrigado sudeste do PA (PP) oeste do TO (FR) - irrigado leste do TO (F) sudoeste do PI (DV) leste de SC (G/DV) - irrigado todo estado do RS (G/DV) - irrigado sudoeste do MS (F) norte e nordeste do MT (F) leste de GO (F)			centro-norte do PI (PP)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C		C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, o clima para o plantio da nova safra foi favorável, embora, na parte sul do estado, os reservatórios de águas, bem como os rios que fornecem água para irrigação, estejam com um volume abaixo da média. Não há informações de ataques de pragas, nem doenças nas culturas.

O plantio no estado já foi encerrado, sendo que nas regiões do vale do Itajaí e litoral norte do estado, o plantio tem início no final do mês de junho, enquanto que na região sul o plantio, foi a partir do início do mês de setembro. Pode-se observar que partes das lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo (78,7%) enquanto que o restante (21,3%) encontra-se na fase de floração. A área de plantio terá uma leve redução (1,5%) em relação à safra anterior. Esta área será utilizada para outras culturas, como milho, hortifrutigranjeiro, maracujá, mandioca, entre outras.

A estimativa da produção de arroz em Tocantins é de crescimento de 6,2% da área a ser cultivada em relação à safra anterior. O plantio de sequeiro é realizado pelo sistema convencional e a cultura se apresenta, em sua maioria, no estágio de desenvolvimento vegetativo.

A área estimada de plantio do arroz irrigado em Tocantins é de 82,90 mil hectares. O sistema utilizado é, em sua maioria, o convencional, sendo 29% no sistema de plantio direto. O estágio da cultura que prevalece no momento da pesquisa é de desenvolvimento vegetativo.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	268,9	270,2	0,5	3.597	3.763	4,6	967,2	1.016,8	5,1
RR	12,0	15,0	25,0	6.500	6.709	3,2	78,0	100,6	29,0
RO	48,5	44,0	(9,2)	2.819	2.796	(0,8)	136,7	123,0	(10,0)
AC	7,5	7,1	(4,7)	1.201	1.370	14,1	9,0	9,7	7,8
AM	3,4	3,4	-	2.261	2.288	1,2	7,7	7,8	1,3
AP	2,0	2,0	-	1.218	1.255	3,0	2,4	2,5	4,2
PA	81,6	81,6	-	2.326	2.398	3,1	189,8	195,7	3,1
TO	113,9	117,1	2,8	4.773	4.932	3,3	543,6	577,5	6,2
NORDESTE	539,5	530,4	(1,7)	1.695	1.716	1,2	914,6	910,3	(0,5)
MA	389,1	370,4	(4,8)	1.692	1.546	(8,6)	658,4	572,6	(13,0)
PI	105,9	115,6	9,2	1.400	1.746	24,7	148,3	201,8	36,1
CE	22,1	22,1	-	1.436	2.417	68,3	31,7	53,4	68,5
RN	1,5	1,5	-	3.074	3.215	4,6	4,6	4,8	4,3
PB	1,2	1,2	-	817	837	2,4	1,0	1,0	-
PE	0,7	0,7	-	6.923	7.098	2,5	4,8	5,0	4,2
AL	3,1	3,1	-	5.858	5.987	2,2	18,2	18,6	2,2
SE	7,1	7,1	-	5.570	5.701	2,4	39,5	40,5	2,5
BA	8,8	8,7	(1,7)	920	1.447	57,3	8,1	12,6	55,6
CENTRO-OESTE	229,8	231,4	0,7	3.543	3.487	(1,6)	814,1	806,8	(0,9)
MT	176,3	184,9	4,9	3.285	3.210	(2,3)	579,1	593,5	2,5
MS	15,5	18,5	19,4	6.150	6.150	-	95,3	113,8	19,4
GO	38,0	28,0	(26,3)	3.677	3.553	(3,4)	139,7	99,5	(28,8)
SUDESTE	34,8	26,9	(22,7)	2.485	2.799	12,6	86,5	75,2	(13,1)
MG	19,4	12,0	(38,1)	2.020	2.350	16,3	39,2	28,2	(28,1)
ES	0,5	0,5	-	2.557	2.806	9,7	1,3	1,4	7,7
RJ	0,9	0,9	-	3.476	3.492	0,5	3,1	3,1	-
SP	14,0	13,5	(3,9)	3.063	3.151	2,9	42,9	42,5	(0,9)
SUL	1.299,9	1.295,0	(0,4)	7.185	7.250	0,9	9.339,2	9.388,7	0,5
PR	29,7	27,9	(6,0)	5.356	5.770	7,7	159,1	161,0	1,2
SC	150,1	147,9	(1,5)	7.110	7.150	0,6	1.067,2	1.057,5	(0,9)
RS	1.120,1	1.119,2	(0,1)	7.243	7.300	0,8	8.112,9	8.170,2	0,7
NORTE/NORDESTE	808,4	800,6	(1,0)	2.328	2.407	3,4	1.881,8	1.927,1	2,4
CENTRO-SUL	1.564,5	1.553,3	(0,7)	6.545	6.612	1,0	10.239,8	10.270,7	0,3
BRASIL	2.372,9	2.353,9	(0,8)	5.108	5.182	1,4	12.121,6	12.197,8	0,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.3.1. Oferta e demanda

Para a atual safra agrícola brasileira 2014/15 de arroz, a produção média deverá ser 0,6% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.197,8 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre devido à expectativa de aumento da produtividade, pois a área semeada deverá ser 0,8% inferior ao ciclo passado.

Com esses resultados, o consumo da safra agrícola 2014/15 é estimado em 12,0 milhões de toneladas, o que resultará em um estoque de passagem de 1.001,5 mil toneladas, volume praticamente idêntico ao da safra anterior.

A alta do dólar nos últimos meses poderá impulsionar as exportações, aumentando a previsão inicial de saldo na balança comercial de 200,0 mil toneladas.

10.1.4. Feijão

10.1.4.1. Feijão primeira safra

A forte redução de área em Goiás deve-se aos baixos preços recebidos pelos produtores e a elevação dos custos de produção.

No Mato Grosso do Sul a cultura é pouco expressiva nesta safra, sendo que apenas nos municípios de Aral Moreira, Chapadão do Sul e Ponta Porã foram detectadas áreas cultivadas.

Foi verificada uma redução drástica na área plantada, em torno de 57,1%, e estima-se que ocorra um aumento significativo na produtividade média em relação à safra passada, quando houve perdas elevadas principalmente em Aral Moreira. Em Chapadão do Sul a cultura apresenta-se na fase de frutificação, em Aral Moreira em maturação e em Ponta Porã a colheita foi encerrada atingindo produtividade média de 1.800 kg/ha.

Em Minas Gerais, a estimativa de retração na área de cultivo do feijão das águas é de 11,0%, em razão do desestímulo dos preços de mercado, que permanecem inferiores ao preço mínimo de garantia, da melhor competitividade das culturas de milho e soja e dos elevados riscos de perdas, especialmente na colheita.

Com a perda de espaço para a soja, o plantio deve ficar em 159,1 mil ha. Mesmo estimando-se uma produtividade média de 1.235kg/ha, superior em 5,6% à obtida na safra passada, a produção deverá sofrer uma redução de 6,1%, ficando em 196,5 mil t. Plantio já concluído.

No Rio Grande do Sul, a redução da área cultivada é uma constante em todas as regiões do estado. As causas apontadas são: escassez e custo da mão de obra (principal) e a concorrência com a soja.

O problema de escassez e custo da mão de obra é mais acentuado entre os pequenos produtores, cuja dependência chega a 50% para produção e as fases de tratos culturais e colheita esse insumo é determinante. Na lavoura empresarial a perda de área para soja é mais significativa do que a mão de obra, embora esta última cause impacto no custo de produção.

O tamanho da área continua indefinido, devido à dificuldade de prospecção das áreas semeadas.

Em São Paulo, o plantio já foi encerrado. Registrou-se redução de área de 17,6% e da produtividade de 9,8%, principalmente em razão de preços não remuneradores. O produtor optou em plantio da soja dada a sua maior rentabilidade.

Em Santa Catarina, as chuvas têm ocorrido em todas as regiões produtoras, apesar de seus volumes e frequências diferirem entre as regiões e, dentro delas. Contudo, o volume tem sido suficiente, até o momento, para suprir boa parte da necessidade da cultura. As temperaturas estão dentro da normalidade, sem ocorrência de excessos de calor, típicos da estação, que pudessem afetar a qualidade das lavouras.

Não foram relatados problemas decorrentes do ataque de pragas e doenças sobre a cultura. O clima mais seco nas últimas semanas tem auxiliado para evitar a proliferação

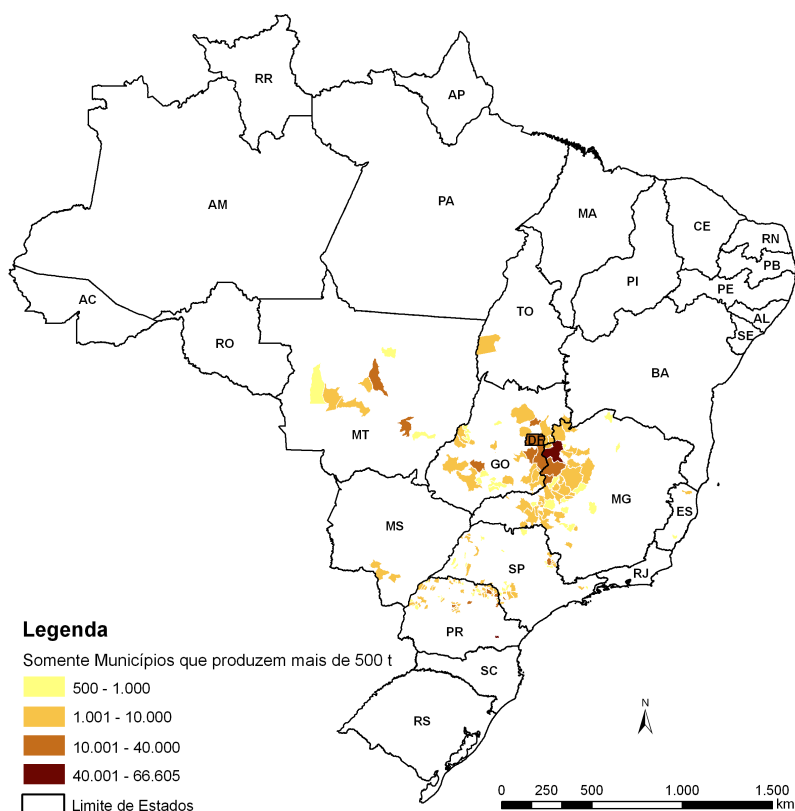
de doenças.

Estima-se a redução da área de plantio na atual safra de 15,0% em relação a safra anterior, devido a expectativa futura de baixos preços no mercado. A cultura está com boa qualidade e grande parte encontra-se em estágio vegetativo, seguido pelo de florescimento e granação.

Em algumas regiões a colheita iniciou no final de dezembro, embora seu montante seja insignificante. Boa parte deve ser colhida em janeiro, dando tempo para fazer nova safra, ou ser destinada ao cultivo da soja, a qual tem avançado sobre a região com opção de cultivo nesta época.

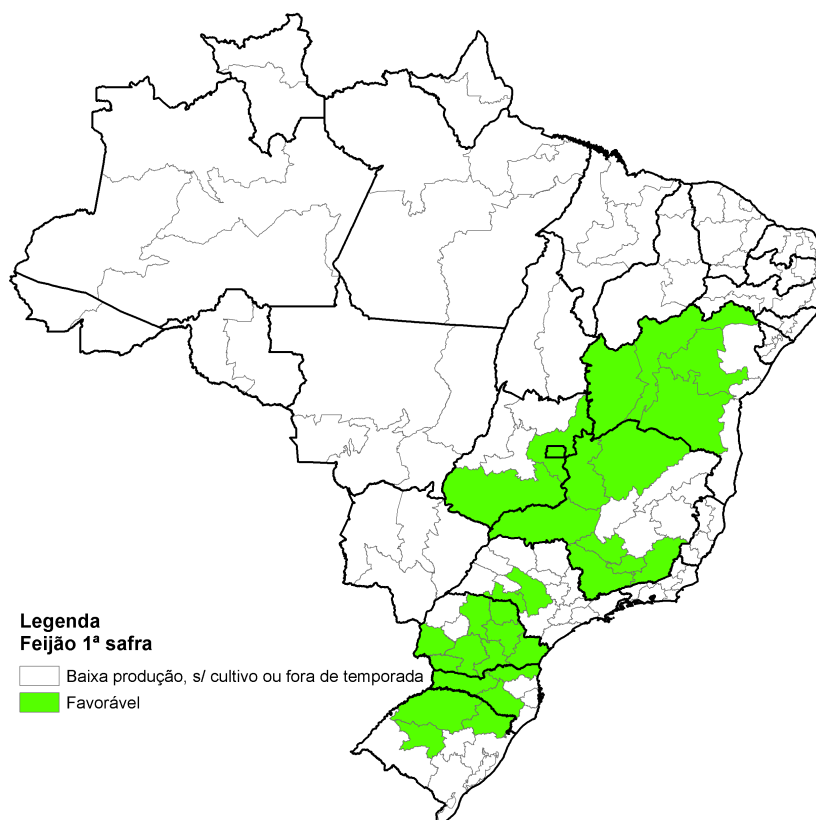
Em Tocantins, o incremento na área plantada é de 10,0%. O sistema de plantio é o convencional. Em razão do plantio em períodos diferenciados a cultura, dependendo da região, se encontra em estágio de germinação ou desenvolvimento vegetativo.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 21 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em dezembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 15 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em dezembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra	- oeste, leste e sul do PR, exceto regiões pontuais do centro-sul (FR) - todo estado de SC (FR) - norte do RS, exceto regiões pontuais do noroeste (FR) - todo estado de MG (F) - leste e sul de GO (FR) - DF (FR) - centro e oeste da BA (DV/F)		- centro-sul de SP (C) - norte do PR (M/C)	- regiões pontuais do noroeste do RS (FR)** - regiões pontuais do centro-sul do PR (FR)**

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C					P	P	
SC	P	P	C	C	C	C	C				P	
RS	P	P	C	C	C	C	C			P	P	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

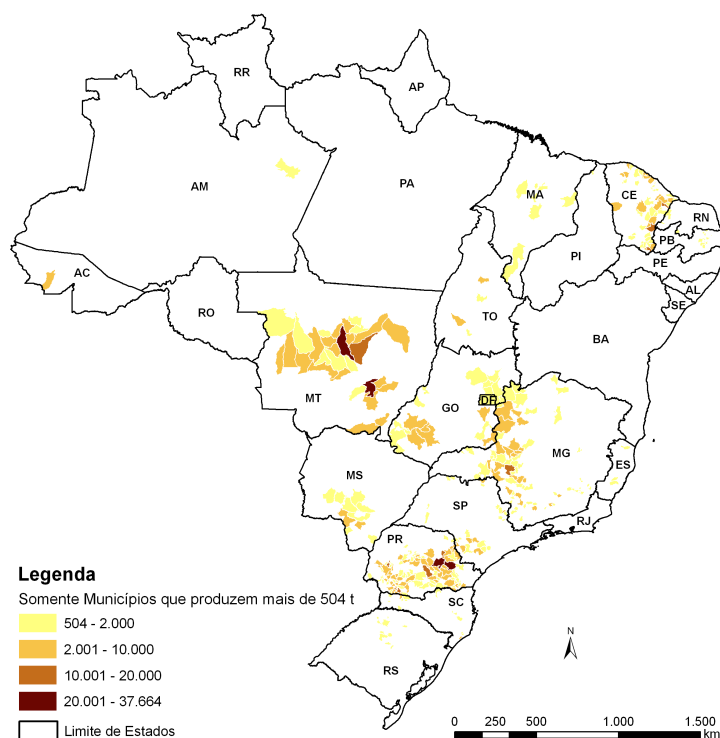
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,0	4,4	10,0	629	621	(1,3)	2,5	2,7	8,0
TO	4,0	4,4	10,0	629	621	(1,3)	2,5	2,7	8,0
NORDESTE	518,2	510,8	(1,4)	326	425	30,4	168,8	216,9	28,5
MA	40,8	37,7	(7,6)	430	471	9,5	17,5	17,8	1,7
PI	209,0	212,1	1,5	242	475	96,3	50,6	100,7	99,0
BA	268,4	261,0	(2,8)	375	377	0,5	100,7	98,4	(2,3)
CENTRO-OESTE	81,8	62,8	(23,2)	2.225	2.102	(5,5)	182,1	132,0	(27,5)
MT	11,9	11,9	-	1.590	1.591	0,1	18,9	18,9	-
MS	2,1	0,9	(57,1)	930	1.800	93,5	2,0	1,6	(20,0)
GO	55,8	38,0	(31,9)	2.315	2.144	(7,4)	129,2	81,5	(36,9)
DF	12,0	12,0	-	2.665	2.500	(6,2)	32,0	30,0	(6,3)
SUDESTE	234,6	206,6	(11,9)	1.389	1.378	(0,7)	325,8	284,7	(12,6)
MG	178,8	159,1	(11,0)	1.170	1.235	5,6	209,2	196,5	(6,1)
ES	6,5	6,7	3,1	777	768	(1,2)	5,1	5,1	-
RJ	1,1	1,1	-	895	903	0,9	1,0	1,0	-
SP	48,2	39,7	(17,6)	2.293	2.068	(9,8)	110,5	82,1	(25,7)
SUL	341,3	291,0	(14,7)	1.698	1.716	1,1	579,5	499,4	(13,8)
PR	238,2	194,2	(18,5)	1.689	1.780	5,4	402,3	345,7	(14,1)
SC	62,0	52,7	(15,0)	1.800	1.850	2,8	111,6	97,5	(12,6)
RS	41,1	44,1	7,3	1.596	1.275	(20,1)	65,6	56,2	(14,3)
NORTE/NORDESTE	522,2	515,2	(1,3)	328	426	30,0	171,3	219,6	28,2
CENTRO-SUL	657,7	560,4	(14,8)	1.653	1.635	(1,1)	1.087,4	916,1	(15,8)
BRASIL	1.179,9	1.075,6	(8,8)	1.067	1.056	(1,0)	1.258,7	1.135,7	(9,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.4.2. Feijão segunda safra

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

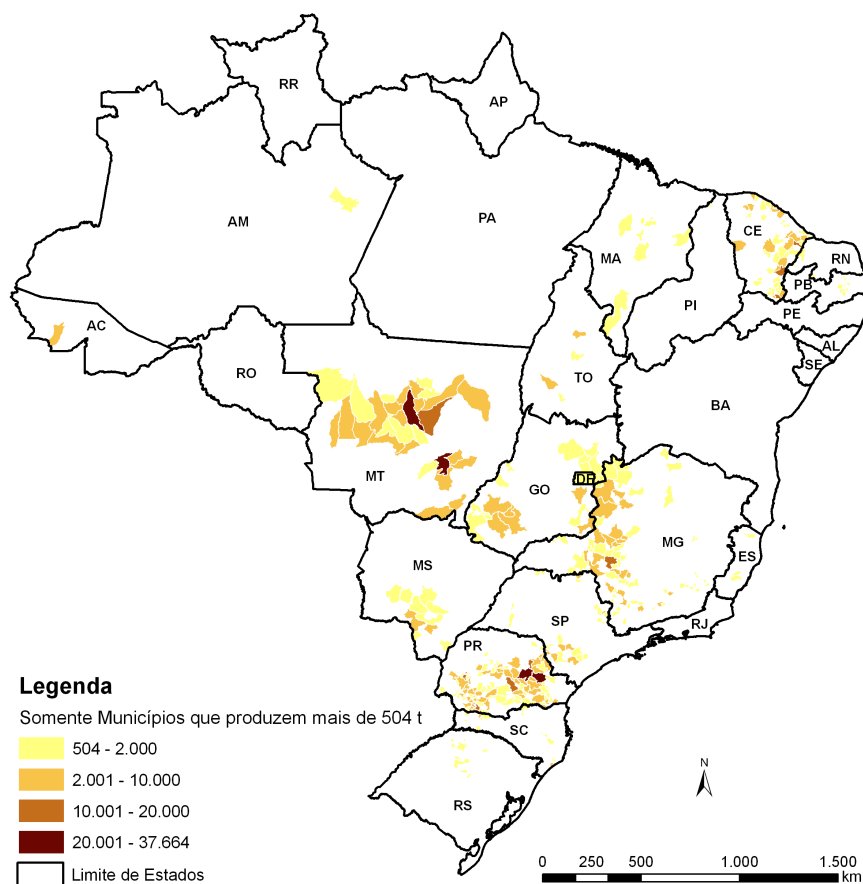
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	67,1	67,1	-	747	732	(2,1)	50,1	49,1	(2,0)
RR	3,0	3,0	-	667	685	2,7	2,0	2,1	5,0
RO	33,0	33,0	-	722	631	(12,6)	23,8	20,8	(12,6)
AC	10,3	10,3	-	582	548	(5,8)	6,0	5,6	(6,7)
AM	5,3	5,3	-	1.027	972	(5,4)	5,4	5,2	(3,7)
AP	1,3	1,3	-	902	956	6,0	1,2	1,2	-
TO	14,2	14,2	-	825	1.000	21,2	11,7	14,2	21,4
NORDESTE	700,2	700,2	-	326	322	(1,2)	228,5	225,6	(1,3)
MA	52,0	52,0	-	549	559	1,8	28,5	29,1	2,1
PI	20,4	20,4	-	756	785	3,8	15,4	16,0	3,9
CE	393,8	393,8	-	309	284	(8,1)	121,7	111,8	(8,1)
RN	33,5	33,5	-	333	356	6,9	11,2	11,9	6,3
PB	76,9	76,9	-	277	294	6,1	21,3	22,6	6,1
PE	123,6	123,6	-	246	277	12,6	30,4	34,2	12,5
CENTRO-OESTE	269,3	269,3	-	1.405	1.403	(0,1)	378,5	377,9	(0,2)
MT	234,9	234,9	-	1.358	1.358	-	319,0	319,0	-
MS	17,6	17,6	-	1.600	1.436	(10,3)	28,2	25,3	(10,3)
GO	15,9	15,9	-	1.857	2.013	8,4	29,5	32,0	8,5
DF	0,9	0,9	-	2.000	1.826	(8,7)	1,8	1,6	(11,1)
SUDESTE	150,5	150,5	-	1.351	1.380	2,2	203,3	207,6	2,1
MG	121,2	121,2	-	1.355	1.387	2,4	164,2	168,1	2,4
ES	8,8	8,8	-	813	845	3,9	7,2	7,4	2,8
RJ	1,6	1,6	-	951	1.012	6,4	1,5	1,6	6,7
SP	18,9	18,9	-	1.606	1.615	0,6	30,4	30,5	0,3
SUL	304,1	255,1	(16,1)	1.478	1.842	24,7	449,3	469,8	4,6
PR	272,3	223,3	(18,0)	1.475	1.885	27,8	401,6	420,9	4,8
SC	22,5	22,5	-	1.450	1.486	2,5	32,6	33,4	2,5
RS	9,3	9,3	-	1.622	1.669	2,9	15,1	15,5	2,6
NORTE/NORDESTE	767,3	767,3	-	363	358	(1,4)	278,6	274,7	(1,4)
CENTRO-SUL	723,9	674,9	(6,8)	1.424	1.564	9,8	1.031,1	1.055,3	2,3
BRASIL	1.491,2	1.442,2	(3,3)	878	922	5,0	1.309,7	1.330,0	1,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.4.3. Feijão terceira safra

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

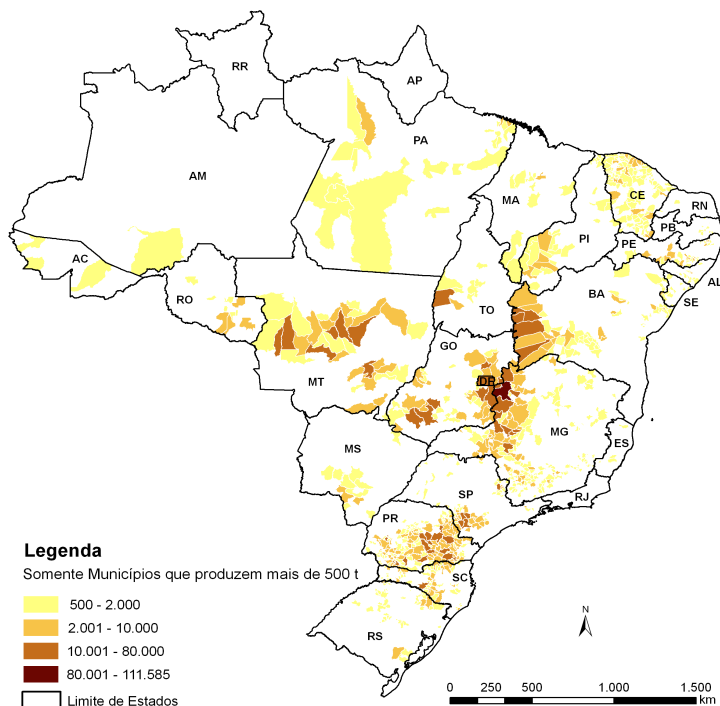
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	30,9	-	809	859	6,2	25,0	26,5	6,0
PA	28,0	28,0	-	760	800	5,3	21,3	22,4	5,2
TO	2,9	2,9	-	1.281	1.425	11,2	3,7	4,1	10,8
NORDESTE	423,5	423,5	-	654	635	(2,9)	276,8	268,9	(2,9)
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.109	5,2	10,9	11,4	4,6
PE	122,1	122,1	-	467	465	(0,4)	57,0	56,8	(0,4)
AL	47,0	47,0	-	458	482	5,2	21,5	22,7	5,6
SE	31,5	31,5	-	746	785	5,2	23,5	24,7	5,1
BA	212,6	212,6	-	771	721	(6,5)	163,9	153,3	(6,5)
CENTRO-OESTE	116,9	116,9	-	2.672	2.589	(3,1)	312,4	302,7	(3,1)
MT	76,8	76,8	-	2.566	2.414	(5,9)	197,1	185,4	(5,9)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,5	-	2.868	2.914	1,6	104,7	106,4	1,6
DF	3,2	3,2	-	3.159	3.221	2,0	10,1	10,3	2,0
SUDESTE	103,1	103,1	-	2.368	2.615	10,4	244,2	269,6	10,4
MG	85,0	85,0	-	2.370	2.642	11,5	201,5	224,6	11,5
SP	18,1	18,1	-	2.359	2.488	5,5	42,7	45,0	5,4
SUL	4,9	4,9	-	1.013	960	(5,2)	5,0	4,7	(6,0)
PR	4,9	4,9	-	1.013	960	(5,2)	5,0	4,7	(6,0)
NORTE/NORDESTE	454,4	454,4	-	664	650	(2,1)	301,8	295,4	(2,1)
CENTRO-SUL	224,9	224,9	-	2.497	2.565	2,8	561,6	577,0	2,7
BRASIL	679,3	679,3	-	1.271	1.284	1,0	863,4	872,4	1,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.4.4. Feijão total

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	102,0	102,4	0,4	761	765	0,5	77,6	78,4	1,0
RR	3,0	3,0	-	667	700	5,0	2,0	2,1	5,0
RO	33,0	33,0	-	721	630	(12,6)	23,8	20,8	(12,6)
AC	10,3	10,3	-	583	544	(6,7)	6,0	5,6	(6,7)
AM	5,3	5,3	-	1.019	981	(3,7)	5,4	5,2	(3,7)
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	28,0	-	761	800	5,2	21,3	22,4	5,2
TO	21,1	21,5	1,9	848	981	15,7	17,9	21,1	17,9
NORDESTE	1.641,9	1.634,5	(0,5)	411	435	6,0	674,1	711,5	5,5
MA	92,8	89,7	(3,3)	497	522	5,0	46,1	46,8	1,5
PI	229,4	232,5	1,4	288	502	74,6	66,0	116,8	77,0
CE	404,1	404,1	-	328	305	(6,9)	132,5	123,3	(6,9)
RN	33,5	33,5	-	334	355	6,3	11,2	11,9	6,3
PB	76,9	76,9	-	277	294	6,1	21,3	22,6	6,1
PE	245,7	245,7	-	356	370	4,1	87,4	91,0	4,1
AL	47,0	47,0	-	457	483	5,6	21,5	22,7	5,6
SE	31,5	31,5	-	746	784	5,1	23,5	24,7	5,1
BA	481,0	473,6	(1,5)	550	531	(3,4)	264,6	251,7	(4,9)
CENTRO-OESTE	468,0	449,0	(4,1)	1.865	1.810	(3,0)	872,9	812,5	(6,9)
MT	323,6	323,6	-	1.653	1.617	(2,2)	535,0	523,3	(2,2)
MS	20,1	18,9	(6,0)	1.522	1.450	(4,8)	30,6	27,4	(10,5)
GO	108,2	90,4	(16,5)	2.434	2.431	(0,1)	263,4	219,8	(16,6)
DF	16,1	16,1	-	2.727	2.609	(4,3)	43,9	42,0	(4,3)
SUDESTE	488,2	460,2	(5,7)	1.584	1.656	4,6	773,2	762,1	(1,4)
MG	385,0	365,3	(5,1)	1.493	1.613	8,0	574,9	589,2	2,5
ES	15,3	15,5	1,3	797	813	1,9	12,2	12,6	3,3
RJ	2,7	2,7	-	926	963	4,0	2,5	2,6	4,0
SP	85,2	76,7	(10,0)	2.155	2.056	(4,6)	183,6	157,7	(14,1)
SUL	650,3	551,0	(15,3)	1.590	1.768	11,2	1.033,8	973,9	(5,8)
PR	515,4	422,4	(18,0)	1.569	1.826	16,3	808,9	771,3	(4,6)
SC	84,5	75,2	(11,0)	1.707	1.741	2,0	144,2	130,9	(9,2)
RS	50,4	53,4	6,0	1.601	1.343	(16,1)	80,7	71,7	(11,2)
NORTE/NORDESTE	1.743,9	1.736,9	(0,4)	431	455	5,5	751,7	789,9	5,1
CENTRO-SUL	1.606,5	1.460,2	(9,1)	1.668	1.745	4,6	2.679,9	2.548,5	(4,9)
BRASIL	3.350,4	3.197,1	(4,6)	1.024	1.044	1,9	3.431,6	3.338,4	(2,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.4.5. Oferta e demanda

Feijão comum cores

O mercado segue firme, em função da menor oferta, especialmente da mercadoria extra. Os preços que vinham em queda começaram a subir a partir de novembro/14. Os principais responsáveis para tal comportamento foram: vazio sanitário que limitou o plantio em várias regiões para meados de junho; adversidades climáticas e retração no plantio da 1ª safra 2014/15.

Neste momento, como de hábito, os compradores se retraem na comercialização, mas a colheita se intensifica. No Paraná, cerca de 35% da área foram colhidos em dezembro, ou 33,4 mil toneladas, e o “pico” dar-se-á em janeiro. Já em Minas Gerais e Goiás a mesma está apenas iniciando. Com essa conjunção de fatores - menor consumo e maior oferta -, é provável que os preços recuem, mas ainda devem continuar remuneradores em função do menor plantio na 1ª safra.

Feijão comum preto

Os preços seguem valorizados devido à escassez de mercadoria de boa qualidade e da alta do dólar.

Para a temporada em curso prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira safra, apurada no levantamento de campo realizado em dezembro, pela Conab, mais as previsões para a segunda e terceira safras, totalizarão 3.338,4 mil toneladas, que somadas ao estoque de passagem e às importações projetadas em 446,4 mil toneladas, propiciarão um suprimento de 3,78 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 389,8 mil toneladas.

10.1.5. Girassol

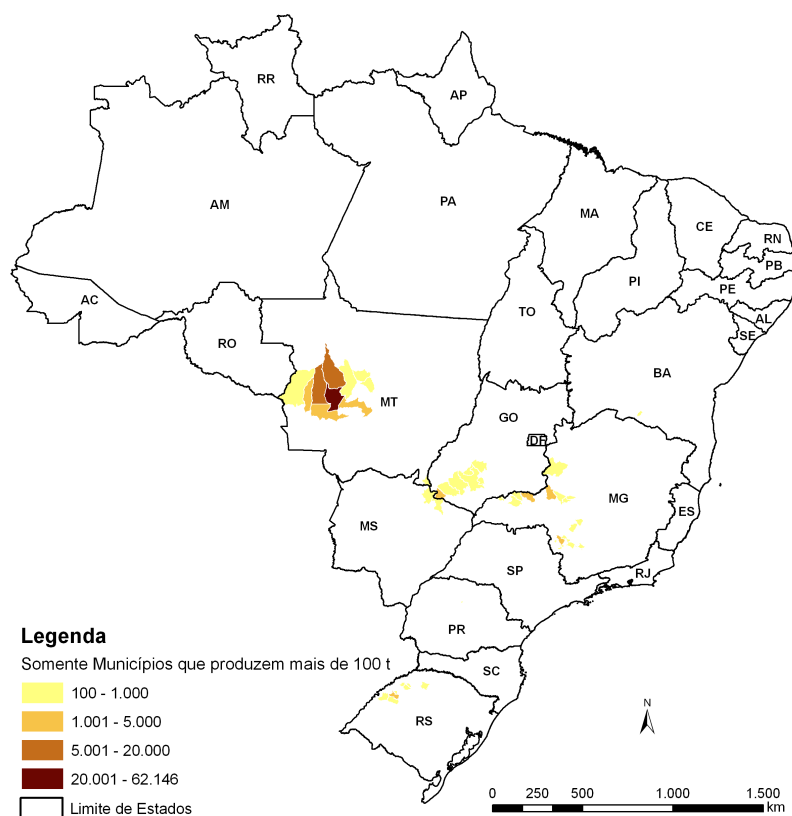
Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	131,1	131,1	-	1.617	1.428	(11,7)	212,0	187,2	(11,7)
MT	126,2	126,2	-	1.611	1.428	(11,4)	203,3	180,2	(11,4)
MS	0,7	0,7	-	1.544	1.316	(14,8)	1,1	0,9	(18,2)
GO	4,2	4,2	-	1.815	1.455	(19,8)	7,6	6,1	(19,7)
SUDESTE	11,3	11,3	-	1.378	1.455	5,6	15,6	16,4	5,1
MG	11,3	11,3	-	1.378	1.455	5,6	15,6	16,4	5,1
SUL	3,3	3,3	-	1.463	1.390	(5,0)	5,1	4,6	(9,8)
RS	3,3	3,3	-	1.535	1.390	(9,4)	5,1	4,6	(9,8)
CENTRO-SUL	145,7	145,7	-	1.597	1.429	(10,5)	232,7	208,2	(10,5)
BRASIL	145,7	145,7	-	1.597	1.429	(10,5)	232,7	208,2	(10,5)

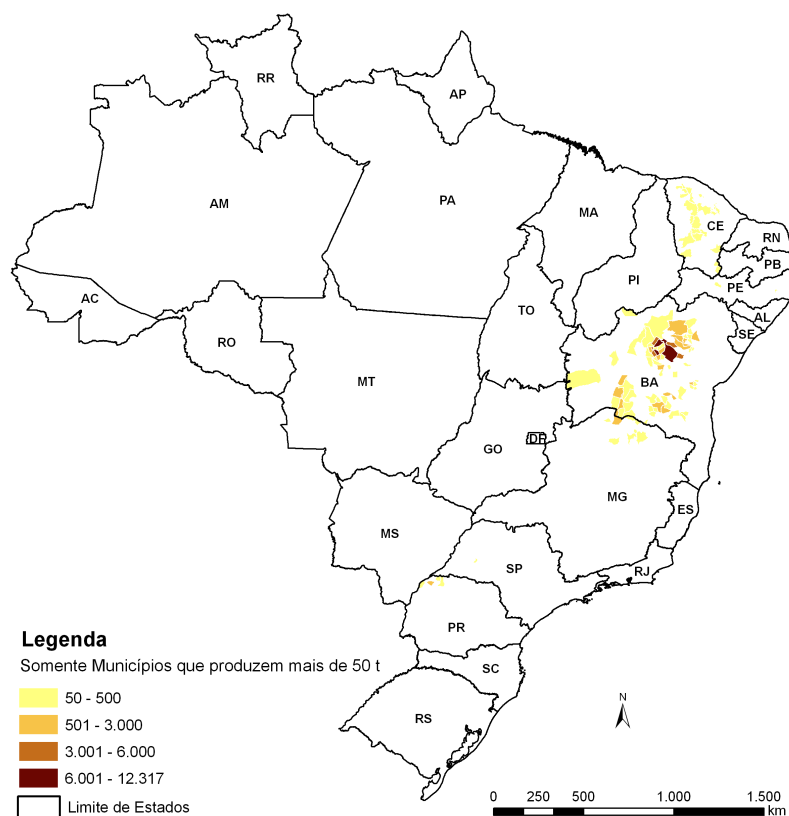
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.6. Mamona

Este levantamento confirma a forte tendência de redução das áreas de cultivo de mamona no estado de Minas Gerais, estimado em 66,7%, em razão dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante a comercialização. Concentrado, basicamente, na região Norte de Minas, o plantio da mamona deve ficar em 800 ha; e se o clima se mostrar favorável permitindo uma recuperação da produtividade, severamente prejudicada pela estiagem na safra anterior, a produção poderá alcançar 1,2 mil toneladas.

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	98,6	136,5	38,4	439	317	(27,8)	43,3	105,7	144,1
PI	0,7	0,7	-	300	846	182,0	0,2	0,6	200,0
CE	11,2	11,2	-	284	468	64,8	3,2	5,2	62,5
PE	4,9	4,9	-	334	452	35,3	1,6	2,2	37,5
BA	81,8	119,7	46,3	468	816	74,4	38,3	97,7	155,1
SUDESTE	2,5	0,9	(64,0)	506	1.405	177,8	1,3	1,4	7,7
MG	2,4	0,8	(66,7)	450	1.480	228,9	1,1	1,2	9,1
SP	0,1	0,1	-	1.848	1.856	0,4	0,2	0,2	-
SUL	0,2	0,2	-	622	622	-	0,1	0,1	-
PR	0,2	0,2	-	622	622	-	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	98,6	136,5	38,4	439	317	(27,8)	43,3	105,7	144,1
CENTRO-SUL	2,7	1,1	(59,3)	515	1.263	145,5	1,4	1,5	7,1
BRASIL	101,3	137,6	35,8	441	325	(26,4)	44,7	107,2	139,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.7. Milho

10.1.7.1. Milho primeira safra

O desenvolvimento da lavoura é satisfatório e há perspectiva de aumento de produtividade. Estima-se redução de área, principalmente, em razão da maior competitividade e liquidez da cultura de soja.

Na região oeste da Bahia, o plantio do milho encontra-se finalizado. Para as demais regiões do estado, o percentual plantado já supera os 70%.

Mesmo diante da elevação nos preços pagos ao produtor, pode-se observar o desinteresse no plantio do milho primeira safra, devido a melhor liquidez que a soja proporciona. Há preocupações com o plantio da segunda safra em decorrência do atraso no plantio do milho primeira safra, devido à escassez de chuvas no período de plantio.

No Mato Grosso do Sul, essa cultura sofreu uma redução significativa na área cultivada em relação à safra passada de aproximadamente 24,1%. A quase totalidade da área de redução de plantio foi ocupada com o plantio da soja. Em contrapartida é esperado aumento nos índices de produtividade, principalmente em função das expectativas de condições climáticas favoráveis, aliado ao incremento nos investimentos em tecnologia. No norte do estado, onde estão concentradas as maiores áreas cultivadas,

as lavouras encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo e no sul, em fase de florescimento e frutificação.

Para o plantio desta safra os insumos foram adquiridos antecipadamente pela maior parte dos produtores e não houve relatos de falta de insumos. As cooperativas vêm atuando no setor, fornecendo insumos para os produtores quitarem suas dívidas por ocasião da colheita.

Nesta safra, são poucos os casos de produtores que comercializaram parte da safra de forma antecipada, sendo que a maioria prefere aguardar a colheita, visando melhores condições de venda.

Em Minas Gerais, estima-se em 7,8% a redução no plantio de milho na safra de verão, que deve ficar em torno de 1.012,8 mil ha, devido a maior competitividade e liquidez da cultura de soja e à expectativa pouco otimista de mercado futuro projetada para o milho, em razão dos elevados estoques mundial.

Para a presente safra, projeta-se um crescimento de 14,7% na produtividade média do milho, compatível com o nível tecnológico das lavouras e condições climáticas regulares, comparativamente aos resultados alcançados na safra passada, que sofreu severas perdas decorrentes de estiagem ocorrida no início de 2014. De acordo com o presente levantamento, estima-se um crescimento de 5,8% na produção de milho primeira safra, que pode atingir 6.076,8 mil t. Fase de plantio já concluída.

É digno de registro que os produtores que optaram pela soja têm ampliando o plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o plantio de uma maior área de milho 2ª safra.

No Piauí, o plantio já foi iniciado, mas é de pouca proporção – aproximadamente 5%. Com a retomada das chuvas, ainda há expectativa de plantio do milho segunda safra, podendo ocorrer redução de área. Ainda existe estoque da safra anterior.

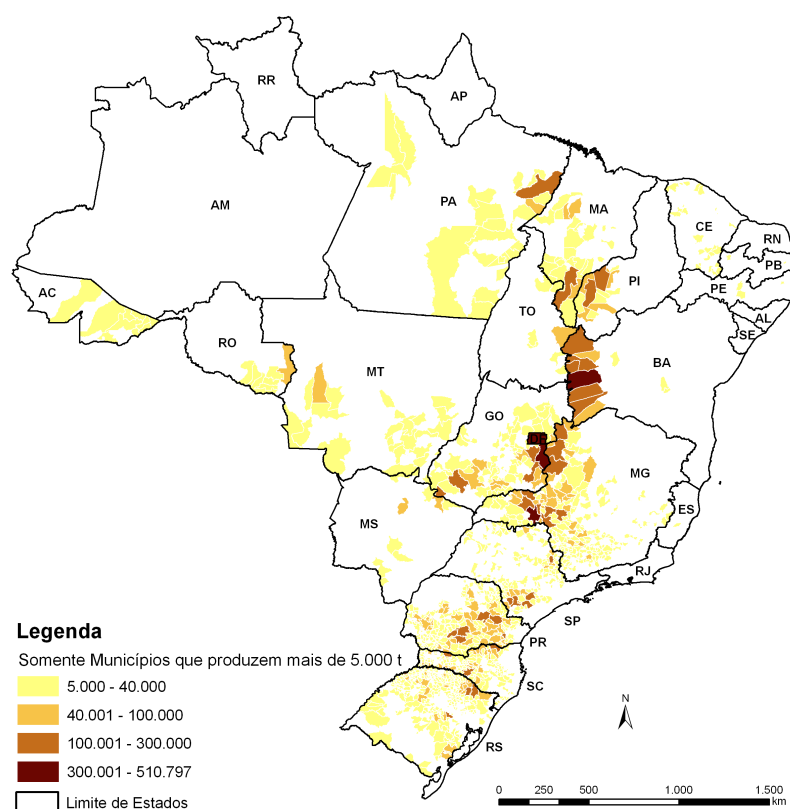
O milho 1ª safra é plantado no estado de Rondônia, de outubro a dezembro. A sua colheita acontece de fevereiro a abril/maio. A cultura está com seus estágios assim definidos: desenvolvimento vegetativo 50%, floração 35%, frutificação 13% e maturação 2%. O plantio desta 1ª safra ocorre basicamente em nível de pequenas propriedades, ou seja, características de agricultura familiar, e a produção se destina ao consumo na propriedade para alimentação de seus animais. Grande parte da cultura se apresenta em boas condições.

No Rio Grande do Sul a área de milho teve redução de 8,8%, perdendo espaço para a lavoura de soja e deve ficar em torno de 940 mil hectares. O custo de produção, o mercado e a liquidez da soja são fatores que contribuem para essa redução.

A produtividade estimada, que era otimista devido ao crescimento da irrigação, hoje apresenta indícios de perda devido à má distribuição das chuvas, afetando as lavouras de sequeiro. A preocupação é com o equilíbrio da oferta e demanda, visto que o consumo médio de milho no estado fica em torno de seis milhões de toneladas.

Quanto ao uso de sementes para a lavoura de milho, os híbridos tratados estão presentes em praticamente toda a área cultivada, predominando os híbridos simples e precoces. A semeadura começou no mês de agosto e continua até o mês de fevereiro. A semeadura em segunda safra do estado deve ficar em torno de 9%. A concentração ocorre nas regiões produtoras de fumo, cultura esta usada em primeira safra.

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C	C				P
GO	P	P	P		C	C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Legenda
Milho 1ª safra

□ Baixa produção, s/ cultivo ou fora de temporada

■ Favorável

Tabela 22 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em dezembro

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: Conab.

O desenvolvimento da lavoura é satisfatório e acompanha as diversidades regionais quanto a clima, tecnologia empregada e tamanho de produtor. Na Fronteira e Missões predominam o florescimento e a fase reprodutiva, com início da colheita previsto para janeiro de 2015. Estão nestas regiões as lavouras que apresentam problemas causados pela má distribuição das chuvas. Os municípios mais atingidos estão na região de Ijuí – Ajuricaba, Mauá, Chiapeta e adjacências. Nestes locais foram encaminhados vários pedidos de Proagro. Em Santa Rosa, Palmeira das Missões, Ibirubá e Cruz Alta, as perdas estão estimadas em torno de 20% da produtividade esperada.

Nas regiões Nordeste e Norte, o predomínio é do desenvolvimento vegetativo e depressão Central e Zona Sul encontrando todas as fases de desenvolvimento.

Pode-se observar o uso de agricultura de precisão na lavoura de milho, algumas com ciclo completo outras apenas na fase de produção. Isto colabora para o aumento da produtividade do estado, cuja variação vai desde os 1.500 kg/ha até 12.000 kg/ha.

Surpreende a área semeada com milho destinado a silagem, devendo superar os 350 mil hectares, com produtividade prevista de 40 toneladas por hectare.

O plantio de milho em São Paulo encontra-se com 40% em estágio de germinação e 60% em desenvolvimento vegetativo. Em razão das boas condições climáticas, espera-se melhoria de produtividade. Assim como na safra anterior, o produtor migrou para o plantio de soja, que oferece melhor remuneração.

Em Santa Catarina, a cultura encontra-se em grande parte no estágio vegetativo, seguido pelo florescimento. Sua condição é boa, tanto fisiológica quanto sanitária, pois o clima tem auxiliado no bom desenvolvimento das lavouras, de forma geral.

Observa-se redução de área em favor da soja que, pelo entender dos produtores, tem apresentado melhor desempenho econômico.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	362,2	336,9	(7,0)	2.843	2.995	5,4	1.029,7	1.009,2	(2,0)
RR	6,5	6,5	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	26,7
RO	60,9	41,2	(32,4)	2.035	2.186	7,4	123,9	90,1	(27,3)
AC	46,5	43,9	(5,5)	2.340	2.402	2,6	108,8	105,4	(3,1)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	3,1
AP	2,2	2,2	-	921	979	6,3	2,0	2,2	10,0
PA	184,1	184,1	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	3,4
TO	51,0	48,0	(5,9)	4.378	4.563	4,2	223,3	219,0	(1,9)
NORDESTE	2.113,3	2.183,3	3,3	2.248	2.410	7,2	4.750,0	5.262,2	10,8
MA	379,0	379,0	-	2.266	2.606	15,0	858,8	987,7	15,0
PI	371,6	400,2	7,7	2.321	2.470	6,4	862,5	988,5	14,6
CE	480,6	480,6	-	835	892	6,8	401,3	428,7	6,8
RN	32,4	32,4	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	(26,3)
PB	76,6	76,6	-	462	485	5,0	35,4	37,2	5,1
PE	228,6	228,6	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	(8,1)
BA	544,5	585,9	7,6	4.550	4.640	2,0	2.477,5	2.718,6	9,7
CENTRO-OESTE	422,2	345,1	(18,3)	7.544	7.594	0,7	3.184,9	2.620,6	(17,7)
MT	68,0	68,0	-	6.209	6.381	2,8	422,2	433,9	2,8
MS	27,0	20,5	(24,1)	8.350	8.700	4,2	225,5	178,4	(20,9)
GO	288,2	217,6	(24,5)	7.500	7.706	2,7	2.161,5	1.676,8	(22,4)
DF	39,0	39,0	-	9.634	8.500	(11,8)	375,7	331,5	(11,8)
SUDESTE	1.552,0	1.425,4	(8,2)	5.194	5.816	12,0	8.060,9	8.290,6	2,8
MG	1.098,0	1.012,8	(7,8)	5.230	6.000	14,7	5.742,5	6.076,8	5,8
ES	22,3	18,6	(16,6)	2.711	2.802	3,4	60,5	52,1	(13,9)
RJ	4,4	3,4	(22,7)	2.332	2.324	(0,3)	10,3	7,9	(23,3)
SP	427,3	390,6	(8,6)	5.260	5.514	4,8	2.247,6	2.153,8	(4,2)
SUL	2.168,3	1.887,7	(12,9)	6.746	6.600	(2,2)	14.627,4	12.458,2	(14,8)
PR	665,2	536,2	(19,4)	8.156	8.534	4,6	5.425,4	4.575,9	(15,7)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.505	1,6	3.485,0	3.088,3	(11,4)
RS	1.031,2	940,0	(8,8)	5.544	5.100	(8,0)	5.717,0	4.794,0	(16,1)
NORTE/NORDESTE	2.475,5	2.520,2	1,8	2.335	2.488	6,6	5.779,7	6.271,4	8,5
CENTRO-SUL	4.142,5	3.658,2	(11,7)	6.246	6.388	2,3	25.873,2	23.369,4	(9,7)
BRASIL	6.618,0	6.178,4	(6,6)	4.783	4.797	0,3	31.652,9	29.640,8	(6,4)

Fonte: Conab.

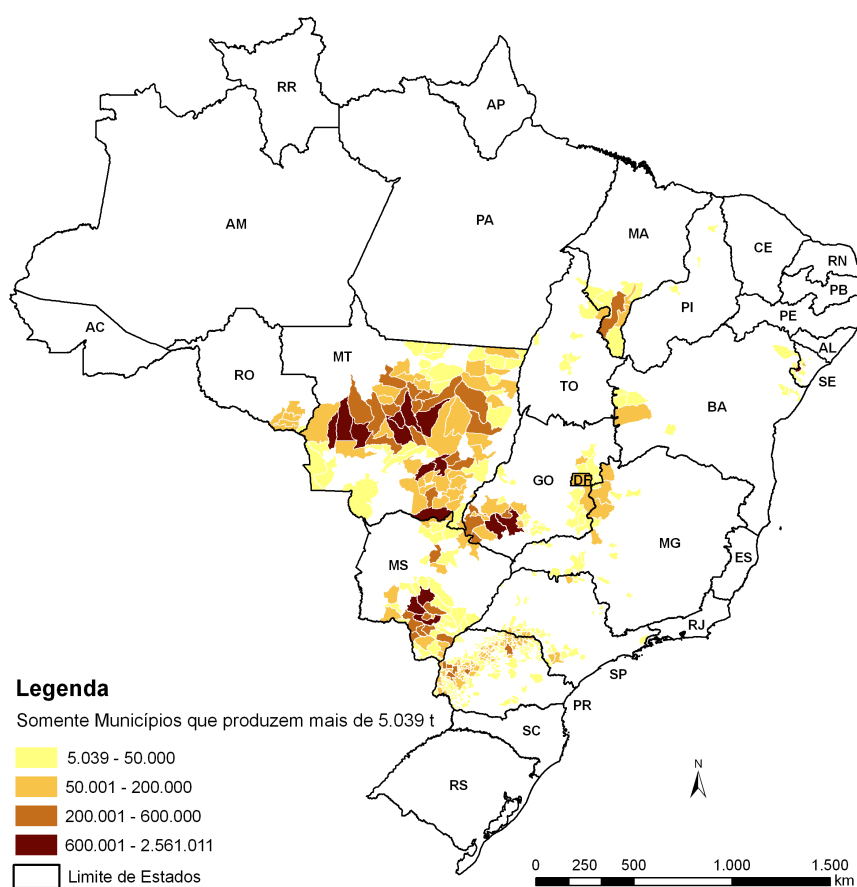
Nota: Estimativa em janeiro/2015.

As lavouras já estão 100% plantadas, sendo a maior parte em estágio de floração e frutificação. As condições das lavouras são boas. O nível tecnológico aplicado nas lavouras é alto e na maioria delas em que os produtores adotam os pacotes de tecnologias indicados pelas cooperativas, onde a adubação segue indicação das análises de solo e as sementes usadas são de alta performance.

Pelo levantamento realizado, 90% das sementes são transgênicas e 100% híbridas de alta tecnologia, assim distribuídas: 65% de ciclo médio; 31% precoce 4% tardio. Alguns materiais dotados de tecnologia Bt foram atacados por lagartas, sendo necessário tratamento complementar para controle da praga.

10.1.7.2. Milho segunda safra

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	189,3	189,3	-	4.183	4.183	-	791,8	791,8	-
RO	88,4	88,4	-	3.751	3.751	-	331,6	331,6	-
TO	100,9	100,9	-	4.561	4.561	-	460,2	460,2	-
NORDESTE	786,4	786,4	-	3.592	3.624	0,9	2.824,5	2.850,0	0,9
MA	227,4	227,4	-	3.813	3.813	-	867,1	867,1	-
PI	33,4	33,4	-	4.998	4.998	-	166,9	166,9	-
AL	31,0	31,0	-	887	887	-	27,5	27,5	-
SE	226,6	226,6	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	-
BA	268,0	268,0	-	2.630	2.725	3,6	704,8	730,3	3,6
CENTRO-OESTE	5.751,5	5.751,5	-	5.516	5.714	3,6	31.722,5	32.864,1	3,6
MT	3.230,2	3.230,2	-	5.457	5.632	3,2	17.627,2	18.192,5	3,2
MS	1.519,0	1.519,0	-	5.140	5.408	5,2	7.807,7	8.214,8	5,2
GO	952,3	952,3	-	6.130	6.321	3,1	5.837,6	6.019,5	3,1
DF	50,0	50,0	-	9.000	8.747	(2,8)	450,0	437,4	(2,8)
SUDESTE	554,5	554,5	-	4.810	4.976	3,4	2.667,4	2.759,3	3,4
MG	228,0	228,0	-	5.265	5.542	5,3	1.200,4	1.263,6	5,3
SP	326,5	326,5	-	4.493	4.581	2,0	1.467,0	1.495,7	2,0
SUL	1.901,0	1.901,0	-	5.390	5.337	(1,0)	10.246,4	10.145,6	(1,0)
PR	1.901,0	1.901,0	-	5.390	5.337	(1,0)	10.246,4	10.145,6	(1,0)
NORTE/NORDESTE	975,7	975,7	-	3.706	3.733	0,7	3.616,3	3.641,8	0,7
CENTRO-SUL	8.207,0	8.207,0	-	5.439	5.577	2,5	44.636,3	45.769,0	2,5
BRASIL	9.182,7	9.182,7	-	5.255	5.381	2,4	48.252,6	49.410,8	2,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.1.7.3. Milho total

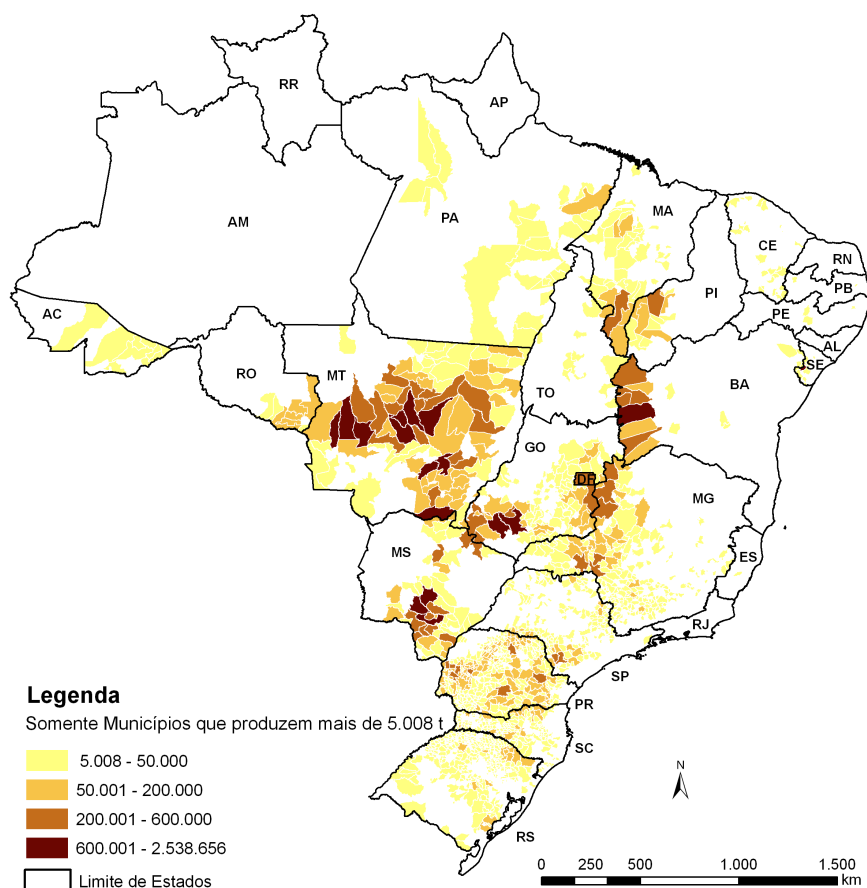
Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	551,5	526,2	(4,6)	3.303	3.423	3,6	1.821,5	1.801,0	(1,1)
RR	6,5	6,5	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	26,7
RO	149,3	129,6	(13,2)	3.051	3.253	6,6	455,5	421,7	(7,4)
AC	46,5	43,9	(5,6)	2.340	2.402	2,6	108,8	105,4	(3,1)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	3,1
AP	2,2	2,2	-	921	979	6,3	2,0	2,2	10,0
PA	184,1	184,1	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	3,4
TO	151,9	148,9	(2,0)	4.500	4.562	1,4	683,5	679,2	(0,6)
NORDESTE	2.899,7	2.969,7	2,4	2.612	2.732	4,6	7.574,5	8.112,2	7,1
MA	606,4	606,4	-	2.846	3.059	7,5	1.725,9	1.854,8	7,5
PI	405,0	433,6	7,1	2.542	2.665	4,8	1.029,4	1.155,4	12,2
CE	480,6	480,6	-	835	892	6,8	401,3	428,7	6,8
RN	32,4	32,4	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	(26,3)
PB	76,6	76,6	-	462	485	5,0	35,4	37,2	5,1
PE	228,6	228,6	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	(8,1)
AL	31,0	31,0	-	887	887	-	27,5	27,5	-
SE	226,6	226,6	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	-
BA	812,5	853,9	5,1	3.917	4.039	3,1	3.182,3	3.448,9	8,4
CENTRO-OESTE	6.173,7	6.096,6	(1,2)	5.654	5.820	2,9	34.907,3	35.484,7	1,7
MT	3.298,2	3.298,2	-	5.473	5.647	3,2	18.049,4	18.626,4	3,2
MS	1.546,0	1.539,5	(0,4)	5.196	5.452	4,9	8.033,1	8.393,1	4,5
GO	1.240,5	1.169,9	(5,7)	6.448	6.579	2,0	7.999,1	7.696,3	(3,8)
DF	89,0	89,0	-	9.278	8.639	(6,9)	825,7	768,9	(6,9)
SUDESTE	2.106,5	1.979,9	(6,0)	5.093	5.581	9,6	10.728,4	11.049,9	3,0
MG	1.326,0	1.240,8	(6,4)	5.236	5.916	13,0	6.943,0	7.340,4	5,7
ES	22,3	18,6	(16,6)	2.711	2.802	3,4	60,5	52,1	(13,9)
RJ	4,4	3,4	(22,7)	2.332	2.324	(0,3)	10,3	7,9	(23,3)
SP	753,8	717,1	(4,9)	4.928	5.089	3,3	3.714,6	3.649,5	(1,8)
SUL	4.069,3	3.788,7	(6,9)	6.113	5.966	(2,4)	24.873,8	22.603,9	(9,1)
PR	2.566,2	2.437,2	(5,0)	6.107	6.040	(1,1)	15.671,8	14.721,6	(6,1)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.505	1,6	3.485,0	3.088,3	(11,4)
RS	1.031,2	940,0	(8,8)	5.544	5.100	(8,0)	5.717,0	4.794,0	(16,1)
NORTE/NORDESTE	3.451,2	3.495,9	1,3	2.723	2.836	4,2	9.396,0	9.913,2	5,5
CENTRO-SUL	12.349,5	11.865,2	(3,9)	5.709	5.827	2,1	70.509,5	69.138,5	(1,9)
BRASIL	15.800,7	15.361,1	(2,8)	5.057	5.146	1,8	79.905,5	79.051,7	(1,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

10.1.8. Soja

Na Bahia, o plantio foi finalizado e já é possível encontrar lavouras em fase de floração. Em algumas regiões, já se encontra na fase vegetativa, entre o 3º e 4º trifólio, com bons aspectos sanitários.

No estado do Mato Grosso do Sul, a área e a produtividade se mantiveram inalteradas em relação ao último levantamento, com um total de 2.300,5 mil hectares e 3.062 kg/ha, respectivamente. Em relação à safra passada, houve um aumento de 8,5% da área.

A cultura já está totalmente semeada. A região sudeste do Estado foi a primeira a completar o plantio, com o pico do plantio ocorrendo em 15 de outubro. A região norte do estado foi a última a completar a semeadura, cujo pico ocorreu em 10 de outubro. Mesmo com o pico do plantio ocorrendo em outubro, em algumas regiões do Estado o clima desfavorável em setembro e outubro prejudicou a continuidade da semeadura. Na safra passada, a cultura já estava totalmente semeada até dia 20 de novembro e na atual, isso ocorreu apenas em 05 de dezembro, com um atraso de 15 dias.

Na região norte do Estado, a leguminosa encontra-se nos estádios de germinação, floração e predominantemente em desenvolvimento vegetativo. A fenologia da soja nessa região em relação às demais se encontra atrasada, em função do atraso do plantio, do clima mais ameno e das cultivares utilizadas. Nas demais regiões, a fenologia varia desde

uma pequena parte em germinação até início de frutificação. Essa gama de estádios ocorre em função do plantio ter sido realizado em diferentes momentos em função do clima, e também em função da principal cultivar utilizada ser de ciclo indeterminado que, mesmo após o florescimento, continua seu desenvolvimento vegetativo.

Em relação às pragas e doenças, a incidência na safra atual encontra-se abaixo do normal, surpreendendo os agricultores. O clima tem favorecido essa baixa incidência. O maior problema tem sido a infestação por plantas daninhas, principalmente pela buva e capim amargoso, cujo controle químico não tem sido eficiente.

Em Minas Gerais, o atual levantamento indica um incremento de 5,4% na área cultivada, comparativamente à safra anterior, devendo ficar em 1.304,8 mil hectares, em face de sua melhor competitividade e liquidez, comparativamente às demais alternativas de cultivo na safra de verão. As áreas de soja devem avançar sobre áreas de milho, bem como de cana-de-açúcar, feijão primeira safra e pastagens degradadas. O plantio, que ficou prejudicado com o atraso no início do período chuvoso, já se encontra concluído. O atraso é motivo de preocupação para os produtores devido à redução da “janela” de plantio da segunda safra de milho, que deverá ser implantada logo após a colheita da soja.

Projeta-se um avanço na produtividade média da ordem de 11,6%, pautada na constante evolução do pacote tecnológico adotado pelos sojicultores e na recuperação de perdas ocorridas na safra passada, em função de adversidades climáticas. Com uma produtividade média de 3.000 kg/ha, plenamente viável em condições climáticas normais, a produção deverá aumentar em 17,7%, atingindo 3.914,4 mil toneladas.

No Piauí, é previsto incremento de 6,9% na área. Do total da área, mais de 70% já foi plantado (o mesmo percentual encontra-se germinado). Com o retorno das chuvas, o plantio foi reiniciado e, no geral, mais de 10% devem ser replantados.

No plantio observou-se que as variedades de sementes mais utilizadas são as convencionais (20% da área), de ciclos precoce (20%), médio (60%) e tardio (20%). As variedades transgênicas (80% da área) se apresentam como de ciclos precoce (20%), médio (60%) e tardio (20%).

O sistema de plantio observado no estado do Piauí é de 80% da área com plantio direto e 20% no sistema convencional.

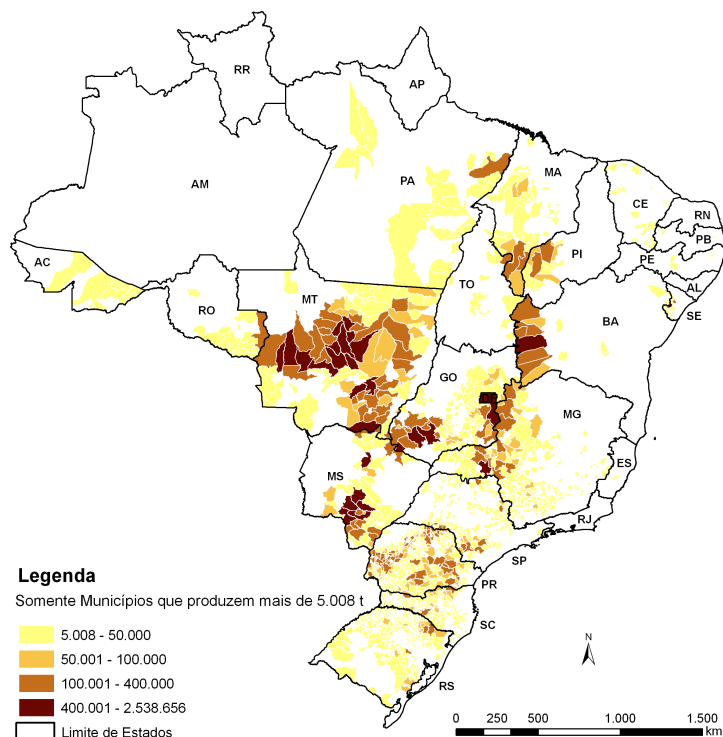
No Rio Grande do Sul o aumento da área cultivada acontecerá em todas as regiões produtoras. O percentual de aumento será menor do que na safra anterior devido o fator área de expansão ser limitante. O crescimento deve ser de 3,2%, ganhando áreas antes cultivadas com milho e de pecuária.

A soja em várzea deve ultrapassar 75 mil hectares na safra 2014/15. Vale salientar que esta área corresponde à rotação de cultura de arroz com soja, ficando de fora o cultivo da leguminosa em terras baixas às margens de rios.

A semeadura que era para acontecer a partir do dia 15 de outubro não se confirmou por conta do clima. Até o momento, o total semeado atingiu 98%. O insumo terra passou a impactar o custo de produção pelo aumento da demanda. O arrendamento pago pelo produtor subiu na faixa de 50% para contratos novos e os prazos de vigência estão mais reduzidos, trazendo preocupação ao produtor na hora de investir no solo.

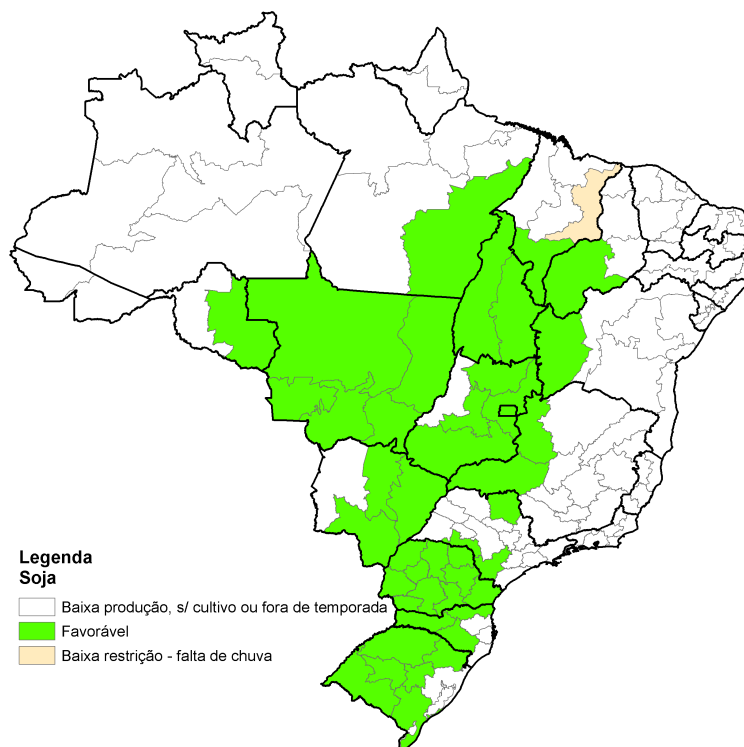
De um modo geral, a lavoura está bastante tecnificada devido o acesso do produtor ao maquinário moderno e às tecnologias difundidas nos sistemas de plantio utilizados. O uso da agricultura de precisão é crescente, embora nem todos os produtores consigam praticá-la em sua plenitude. Para a maioria, falta a colheita por colheitadeiras com sensores de produção.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 32 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em dezembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 26 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- leste de RO (DV/F) - sudeste do PA (DV) - todo estado do TO (DV) - sul do MA (DV) - sudoeste do PI (DV) - oeste da BA (DV) - oeste de MG (DV) - sul e norte de SP (DV) - todo estado do PR, exceto regiões pontuais do centro sul (F) - todo estado de SC (DV) - todo estado do RS (DV) - todo estado do MS (DV/F) - todo estado do MT (DV/F) - todo estado de GO (DV/F) - DF (DV/F)			- leste do MA (G/DV)** - regiões pontuais do centro-sul do PR (DV/F)**

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

O uso de variedades modernas com tecnologias agregadas é comum, o que deve influenciar na produtividade. A variedade Intacta enfrenta dificuldades na comercialização das sementes devido ao preço dos *royalties* cobrado pelas empresas que desenvolveram a tecnologia. Em muitos casos, este é maior do que o gasto com o uso de inseticidas para cumprir o mesmo papel da tecnologia.

A lavoura tem desenvolvimento normal, com uma pequena parcela da semeadura realizada fora da janela recomendada. O clima tem causado alguns contratempos para as lavouras das Missões e noroeste do estado, devido a má distribuição das precipitações. Nestas regiões, a soja está perdendo crescimento, o que pode impactar na produtividade final. Faz-se necessário a ocorrência de chuvas generalizadas para sanar este problema. Nas demais regiões, não houve relatos de adversidades climáticas mais significativas para a cultura.

Em Rondônia, a introdução dessa cultura se deu no sul do Estado, apoiada de pesquisa tecnológica. A consolidação da oleaginosa na região se deve ao empreendedorismo dos agricultores, à abertura do escoamento da Hidrovia Madeira Amazonas e as perspectivas de bons resultados econômicos.

Atualmente o plantio da soja está se expandindo de uma forma acentuada, acompanhado da construção de estruturas de processamento (armazenamento/secagem) para vários outros municípios do estado, com ênfase para aqueles mais próximos da capital, onde está sendo construído um novo porto para escoamento de grãos.

O início do cultivo da soja se deu no mês de outubro e seguiu até o início de dezembro, enquanto a colheita de fevereiro até março e sua comercialização de abril até maio. Os estágios dessa cultura estão em suas fases iniciais. Com germinação em torno de 20%, em desenvolvimento vegetativo 60%, floração 15% e frutificação 5%. Toda a cultura está em torno de 80% em boas condições e 20% em regulares.

Em São Paulo, a área de produção está estimada em 798,1 mil hectares e sua produtividade de 2.672 kg/ha, superior à safra anterior em 6,2% e 19%, respectivamente. O aumento da área tem nos preços remuneradores sua explicação. O incremento da produtividade está relacionado com as boas condições climáticas. A cultura está em 30% em germinação e 70% em desenvolvimento vegetativo.

Em Santa Catarina, ela pode ser avaliada de boa qualidade e encontra-se, em sua maior parte, no estágio vegetativo, se aproximando do florescimento pleno, este em torno de 10%.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.178,9	1.296,9	10,0	2.877	2.934	2,0	3.391,3	3.805,1	12,2
RR	18,0	18,0	-	3.120	2.798	(10,3)	56,2	50,4	(10,3)
RO	191,1	229,5	20,1	3.180	3.190	0,3	607,7	732,1	20,5
PA	221,4	221,4	-	3.020	3.102	2,7	668,6	686,8	2,7
TO	748,4	828,0	10,6	2.751	2.821	2,5	2.058,8	2.335,8	13,5
NORDESTE	2.602,2	2.772,3	6,5	2.544	2.945	15,7	6.620,9	8.164,0	23,3
MA	662,2	679,7	2,6	2.754	3.068	11,4	1.823,7	2.085,3	14,3
PI	627,3	670,6	6,9	2.374	3.000	26,4	1.489,2	2.011,8	35,1
BA	1.312,7	1.422,0	8,3	2.520	2.860	13,5	3.308,0	4.066,9	22,9
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.587,9	4,9	3.005	3.112	3,6	41.800,5	45.398,2	8,6
MT	8.615,7	9.020,6	4,7	3.069	3.128	1,9	26.441,6	28.216,4	6,7
MS	2.120,0	2.300,5	8,5	2.900	3.062	5,6	6.148,0	7.044,1	14,6
GO	3.101,7	3.194,8	3,0	2.900	3.099	6,9	8.994,9	9.900,7	10,1
DF	72,0	72,0	-	3.000	3.291	9,7	216,0	237,0	9,7
SUDESTE	1.989,9	2.102,9	5,7	2.520	2.876	14,1	5.015,3	6.046,9	20,6
MG	1.238,2	1.304,8	5,4	2.687	3.000	11,6	3.327,0	3.914,4	17,7
SP	751,7	798,1	6,2	2.246	2.672	19,0	1.688,3	2.132,5	26,3
SUL	10.492,7	10.861,8	3,5	2.792	2.993	7,2	29.292,8	32.505,6	11,0
PR	5.010,4	5.175,7	3,3	2.950	3.328	12,8	14.780,7	17.224,7	16,5
SC	542,7	586,1	8,0	3.030	3.100	2,3	1.644,4	1.816,9	10,5
RS	4.939,6	5.100,0	3,2	2.605	2.640	1,3	12.867,7	13.464,0	4,6
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.069,2	7,6	2.648	2.941	11,1	10.012,2	11.969,1	19,5
CENTRO-SUL	26.392,0	27.552,6	4,4	2.884	3.047	5,7	76.108,6	83.950,7	10,3
BRASIL	30.173,1	31.621,8	4,8	2.854	3.033	6,3	86.120,8	95.919,8	11,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

O clima tem se mostrado favorável na maior parte da região, suprimindo as necessidades da cultura e contribuindo com as condições sanitárias. Contudo, algumas pragas estão requerendo certos cuidados por parte dos produtores, principalmente as lagartas, cuja ação é favorecida pelas condições do clima.

Há relatos do surgimento e ataque de lesmas e caracóis sobre esta e outras culturas. Apesar de localizados, os ataques foram de certa forma severos, haja vista estas pragas não possuem muitos produtos disponíveis para seu controle, o que é feito, geralmente, com iscas distribuídas na lavoura. Este problema já havia sido percebido na safra passada, mas em níveis muito baixos, não sendo feito o controle, tornou a ocorrer na safra atual, em níveis mais perceptíveis.

A expectativa é de aumento de área na ordem de 8%, passando de 542,7 mil hectares plantados na safra passada para 586,1 mil hectares, neste ano. Os investimentos em tecnologia explicam o aumento de 2,3% na produtividade, comparada com o ano anterior.

No Tocantins, a estimativa é de aumento de área 10,6% e produtividade 2,5%, se comparada com a safra anterior, o que reflete no incremento de produção. O sistema de plantio observado, em sua maioria, é o de plantio direto, e a cultura encontra-se em estágio de desenvolvimento vegetativo, em sua maior parte.

10.1.8.1. Oferta e demanda

O mês de dezembro foi de estabilidade nos preços internacionais. Apesar do aumento de oferta mundial devido a grande safra americana e estimativa de safra sul-americana (Brasil e Argentina) e consecutiva recuperação nos estoques mundiais, os preços internacionais continuam acima dos US\$ 10,00/bu.

Os preços estão sustentados pela forte demanda interna dos Estados Unidos, principalmente para farelo de soja, além da forte importação chinesa em 2015.

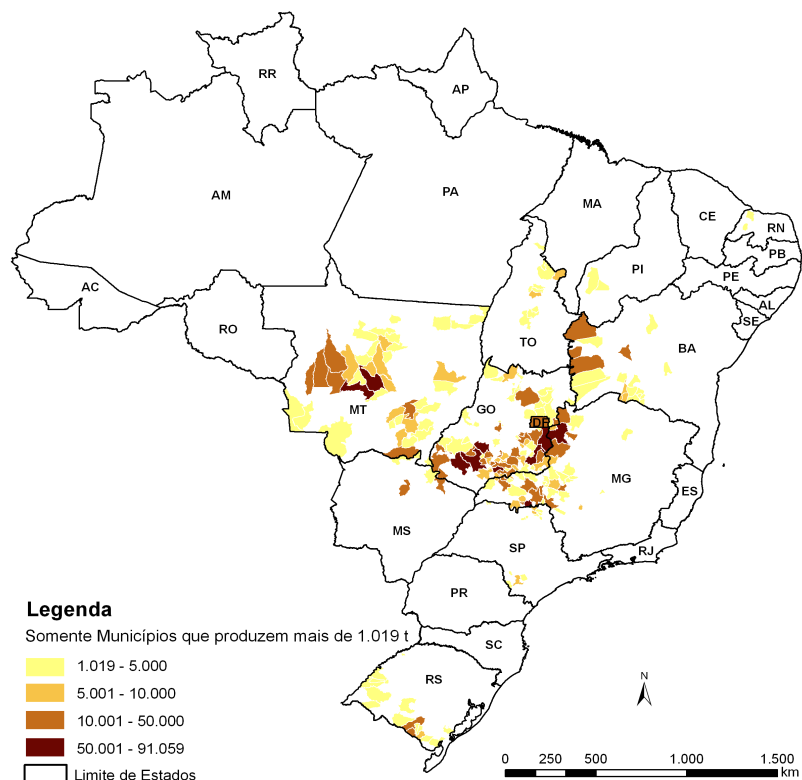
No mercado nacional os preços tiveram uma pequena baixa em relação ao mês anterior, no entanto, continuam em patamares altos devido à desvalorização do real frente ao dólar.

As exportações brasileiras de 2014 fecharam o ano em aproximadamente 45,7 milhões de toneladas, ou seja, valor recorde, mais de 7% superior ao exportado no ano de 2013, com um valor exportado de mais de 23,27 bilhões de dólares.

Para 2015, com o aumento de importação chinesa e os preços internacionais em baixa, é esperada uma exportação próxima de 49,6 milhões de toneladas, com um esmagamento interno de 41 milhões de toneladas.

10.1.9. Sorgo

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	20,4	20,4	-	1.880	1.928	2,6	38,4	39,3	2,3
TO	20,4	20,4	-	1.880	1.928	2,6	38,4	39,3	2,3
NORDESTE	148,7	169,5	14,0	922	1.738	88,6	137,0	294,7	115,1
PI	7,7	7,7	-	1.819	2.500	37,4	14,0	19,3	37,9
CE	0,7	0,7	-	2.442	1.489	(39,0)	1,7	1,0	(41,2)
RN	1,2	1,2	-	955	921	(3,6)	1,1	1,1	-
PB	0,2	0,2	-	1.500	1.012	(32,5)	0,3	0,2	(33,3)
PE	1,8	1,8	-	560	820	46,4	1,0	1,5	50,0
BA	137,1	157,9	15,2	867	1.720	98,4	118,9	271,6	128,4
CENTRO-OESTE	363,7	363,7	-	3.096	3.008	(2,8)	1.126,0	1.094,0	(2,8)
MT	139,5	139,5	-	2.526	2.406	(4,8)	352,4	335,6	(4,8)
MS	9,1	9,1	-	3.300	2.894	(12,3)	30,0	26,3	(12,3)
GO	206,9	206,9	-	3.420	3.398	(0,6)	707,6	703,0	(0,7)
DF	8,2	8,2	-	4.392	3.551	(19,1)	36,0	29,1	(19,2)
SUDESTE	183,0	183,0	-	3.003	2.990	(0,4)	549,6	547,1	(0,5)
MG	170,2	170,2	-	2.974	2.975	0,1	506,1	506,3	-
SP	12,8	12,8	-	3.400	3.191	(6,1)	43,5	40,8	(6,2)
SUL	15,2	14,4	(5,3)	2.645	2.708	2,4	40,2	39,0	(3,0)
RS	15,2	14,4	(5,0)	2.645	2.708	2,4	40,2	39,0	(3,0)
NORTE/NORDESTE	169,1	189,9	12,3	1.037	1.759	69,6	175,4	334,0	90,4
CENTRO-SUL	561,9	561,1	(0,1)	3.054	2.995	(1,9)	1.715,8	1.680,1	(2,1)
BRASIL	731,0	751,0	2,7	2.587	2.682	3,7	1.891,2	2.014,1	6,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

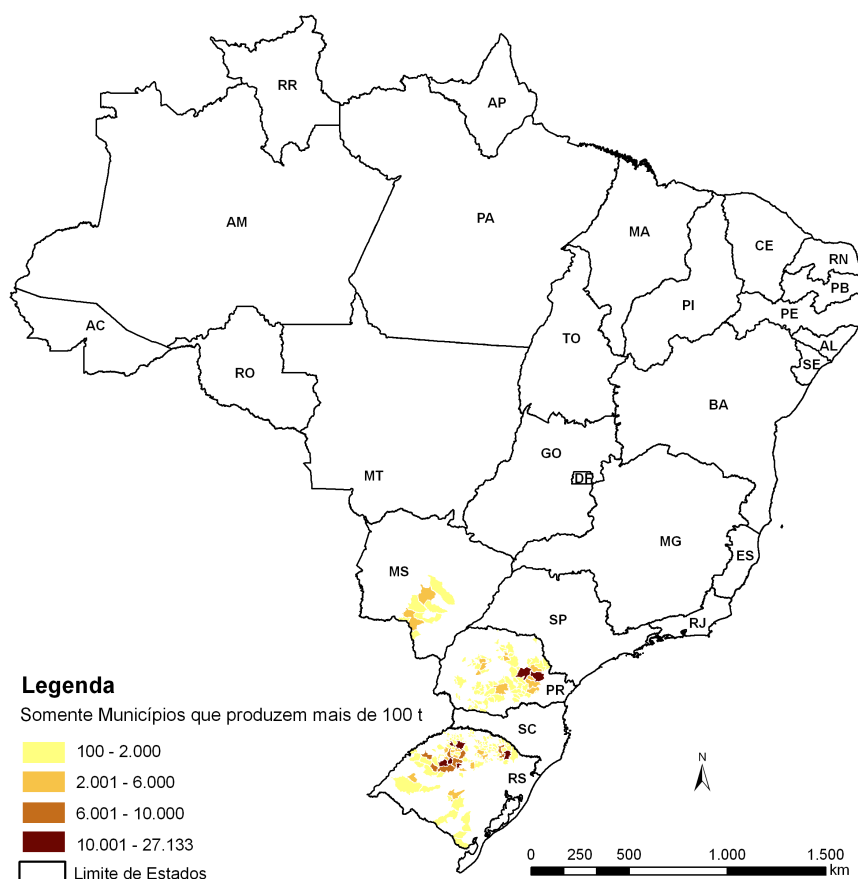
10.2. Culturas de inverno

10.2.1. Aveia

Dentre os cereais de inverno cultivados no Brasil, a aveia é o segundo em produção. A maior parte do seu cultivo, cerca de 96,5%, está concentrada na Região Sul do país, sendo que o restante é produzido no Mato Grosso do Sul e possui benefícios agrícolas como a supressão de plantas daninhas, controle de nematóides, ciclagem de nutrientes, além da rotação de cultura, prática conservacionista importante para a agricultura.

No Rio Grande do Sul, a colheita está concluída, com produção de 156,6 mil toneladas. Não está segregado o volume produzido que poderá ser utilizado para consumo humano. Devido aos temporais acompanhados de ventos fortes, granizo e chuvas intensas no terço final do ciclo, grande parte da produção apresenta grãos manchados e incidência de toxinas. O volume com estas características é impróprio para o consumo humano e, em alguns casos, para ração animal.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
RS	C	C					P	P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	5,9	7,6	28,8	1.695	1.474	(13,0)	10,0	11,2	12,0
MS	5,9	7,6	28,8	1.694	1.470	(13,2)	10,0	11,2	12,0
SUL	164,2	145,6	(11,3)	2.362	2.028	(14,1)	387,9	295,3	(23,9)
PR	61,7	57,1	(7,5)	1.831	2.429	32,7	113,0	138,7	22,7
RS	102,5	88,5	(13,7)	2.682	1.770	(34,0)	274,9	156,6	(43,0)
CENTRO-SUL	170,1	153,2	(9,9)	2.339	2.001	(14,5)	397,9	306,5	(23,0)
BRASIL	170,1	153,2	(9,9)	2.339	2.001	(14,5)	397,9	306,5	(23,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

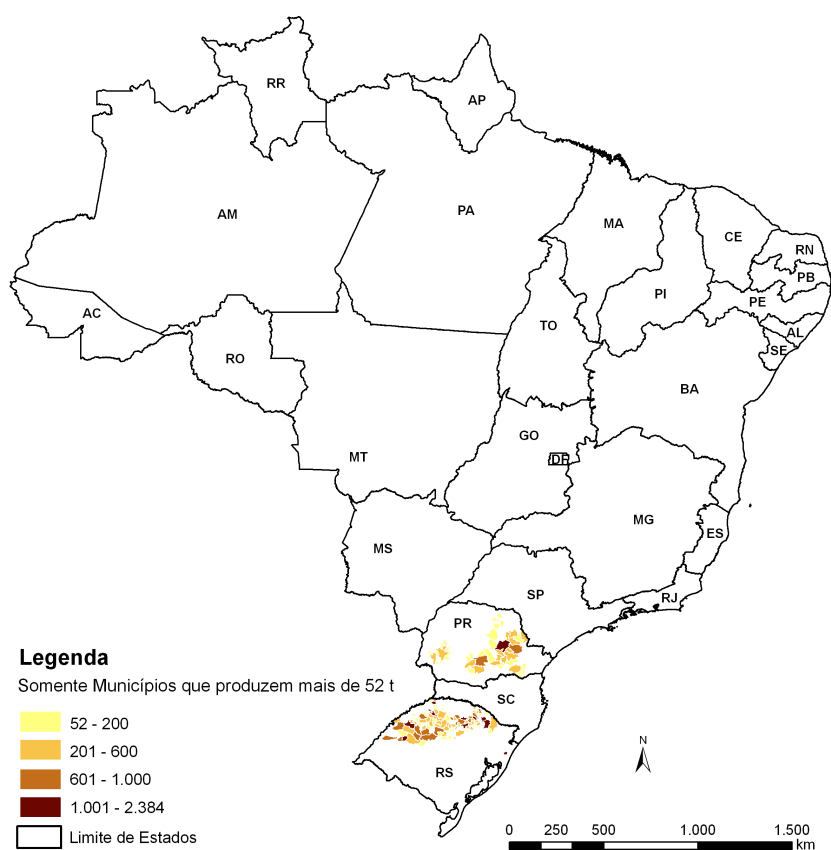
10.2.2. Canola

A canola é uma cultura desenvolvida a partir do melhoramento genético da colza e constitui uma das melhores alternativas para diversificação de culturas de inverno no Sul do Brasil. O cultivo de canola contribui para que o trigo semeado no inverno subsequente alcance produtividade e qualidade melhores, uma vez que há quebra no ciclo das doenças, o que permite reduzir sua infestação.

No Rio Grande do Sul, a colheita está concluída com produção de 28,1 mil toneladas e a produtividade foi de apenas 720 kg/ha. O resultado agrônomo e econômico nesta safra deixou muito a desejar, devido a cultura ter sido altamente prejudicada pelo clima desfavorável, principalmente no período de colheita. Há relatos de áreas que não foram colhidas, razão pela qual a produtividade teve uma queda vertiginosa nesta safra em relação aos 1.587 kg/hectare colhidos na safra anterior.

No Paraná, a canola perdeu área para o trigo e o plantio foi concluído no início de junho. A cultura teve redução de 62,5% da área e, com a colheita concluída no final de novembro, registrou produtividade de 1.436 kg/ha e 8,2 mil toneladas de produção.

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C					P	P	P		C	C
SC	C						P	P	P		C	C
RS	C	C					P	P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	45,5	44,7	(1,8)	1.330	812	(38,9)	60,5	36,3	(40,0)
PR	15,2	5,7	(62,5)	813	1.436	76,6	12,4	8,2	(33,9)
RS	30,3	39,0	28,7	1.587	720	(54,6)	48,1	28,1	(41,6)
CENTRO-SUL	45,5	44,7	(1,8)	1.330	812	(38,9)	60,5	36,3	(40,0)
BRASIL	45,5	44,7	(1,8)	1.330	812	(38,9)	60,5	36,3	(40,0)

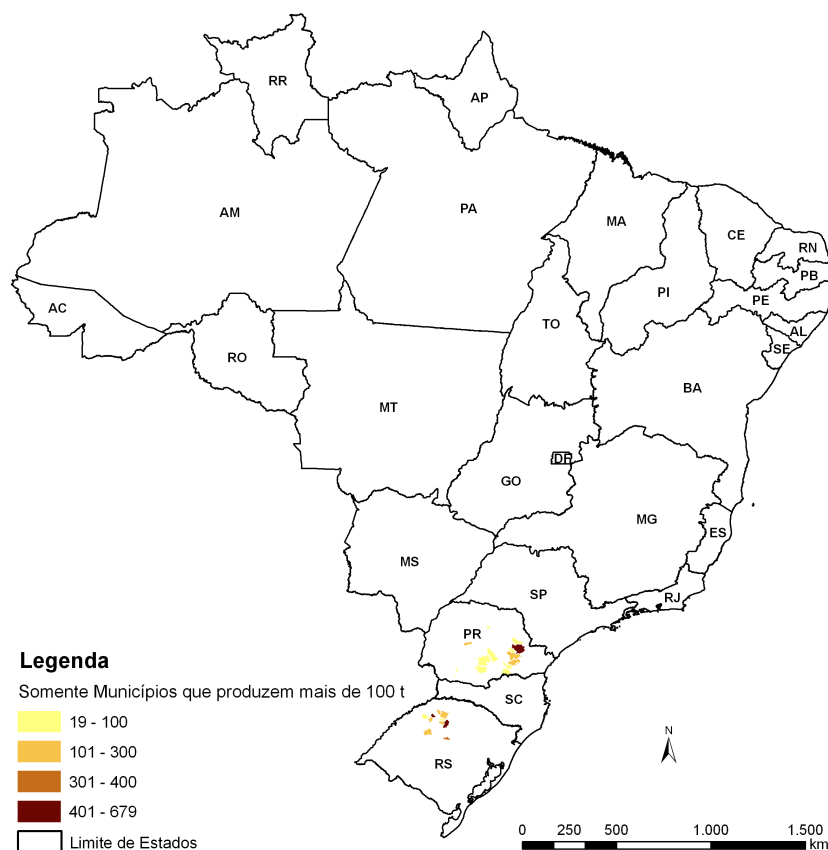
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.2.3. Centeio

O centeio é o cereal mais rústico cultivado no Brasil, com adaptação a solos pobres, sendo cultivado essencialmente em solos ácidos e degradados. Este cereal possui baixo valor nutritivo em relação aos demais cultivados no país e tem tido redução na área nos últimos anos. A cultura perde importância a cada ano e, nesta safra, sofre os mesmos problemas climáticos das demais culturas de inverno. No Rio Grande do Sul, a área total semeada é pequena, cerca de 500 hectares e, no Paraná, são cultivados 1,3 mil hectares, sendo estes os únicos estados produtores do país.

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C							P	P	P		C
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Ceveteio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,5	1,8	20,0	1.800	1.944	8,0	2,7	3,5	29,6
PR	1,0	1,3	25,9	1.904	2.103	10,5	1,9	2,7	42,1
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.500	-	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	1,5	1,8	20,0	1.800	1.944	8,0	2,7	3,5	29,6
BRASIL	1,5	1,8	20,0	1.800	1.944	8,0	2,7	3,5	29,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

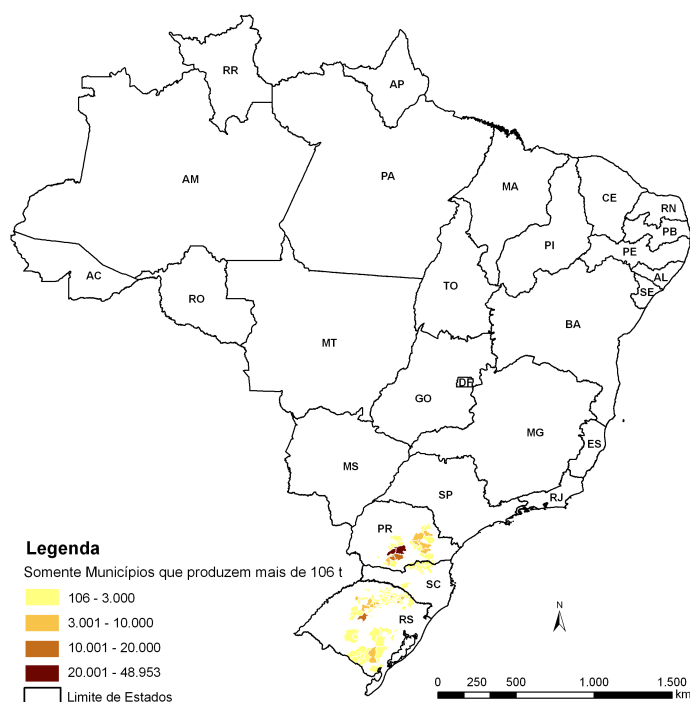
10.2.4. Cevada

No Paraná, a cevada foi totalmente plantada até meados de julho. Os 53,2 mil hectares cultivados foram colhidos até o final de novembro, resultando numa produção de 188,7 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul a colheita também está concluída, com produção de 113,4 mil toneladas. Praticamente toda a produção desta safra é imprópria para produção do malte, destinado à fabricação de cerveja, devido ao baixo poder germinativo e a presença de toxinas. Foram raros os municípios que tiveram a produção de cevada destinada para seu fim principal.

Em Santa Catarina, o plantio está concentrado em Campos Novos. A intenção era plantar 1,0 mil hectares, mas por ocasião do excesso de chuvas no mês de julho, a semeadura alcançou apenas 985 hectares, cujas lavouras estão totalmente colhidas e a produtividade registrada foi de 3.300 kg/ha, sendo que os grãos colhidos estavam com qualidade suficiente para serem utilizados na indústria cervejeira, a que adquiriu o total da safra colhida.

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C	C					P	P	P		
SC		C							P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,9	117,2	13,9	3.510	2.606	(25,8)	361,2	305,4	(15,4)
PR	43,7	53,2	21,8	4.157	3.547	(14,7)	181,7	188,7	3,9
SC	1,8	1,0	(44,5)	3.300	3.300	-	5,9	3,3	(44,1)
RS	57,4	63,0	9,8	3.024	1.800	(40,5)	173,6	113,4	(34,7)
CENTRO-SUL	102,9	117,2	13,9	3.510	2.606	(25,8)	361,2	305,4	(15,4)
BRASIL	102,9	117,2	13,9	3.510	2.606	(25,8)	361,2	305,4	(15,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.2.5. Trigo

A área semeada com trigo no Rio Grande do Sul ficou em 1.140 mil hectares, o que representa um crescimento de 9,8% em relação à safra anterior. O aumento de área aconteceu porque no período de planejamento da lavoura o grão tinha bom preço; tanto o do mercado interno como também o importado apresentavam paridade favorável à produção brasileira.

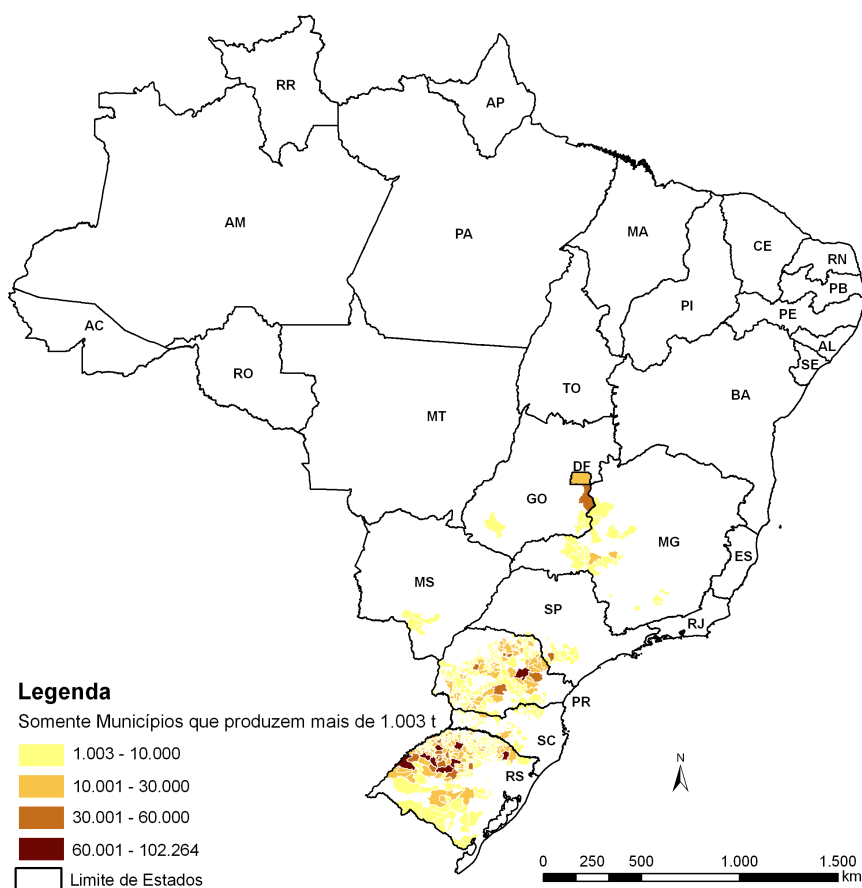
O cultivo em 2014 foi tumultuado durante todo seu ciclo. No estabelecimento da lavoura, o excesso de umidade não permitiu a semeadura dentro da janela recomendada, desde a Fronteira Oeste até a região nordeste do estado, passando pelas Missões, noroeste e centro do estado. Apenas em parte da região nordeste e norte os produtores conseguiram semear dentro do período recomendado. Vale salientar que, nestas últimas, a semeadura é realizada um mês depois do início na Fronteira Oeste.

Durante o desenvolvimento da cultura, vários fatores adversos influenciaram para que o resultado final fosse frustrante para a maioria dos produtores – geadas, chuvas torrenciais, enxurradas, falta de luminosidade, calor excessivo, ataque de doenças em geral, granizo, acamamento. O resultado foi a baixa produtividade com qualidade inferior aos padrões de comercialização. O percentual de trigulho é expressivo, variando em valores médios de 27 a 33%, conforme as fontes pesquisadas. Quanto ao PH (peso hectolitro), principal indicador da qualidade do produto, a variação foi significativa, desde fora de padrão (menor que 65) até PH 78.

Apenas os municípios de Lagoa Vermelha, Vacaria e suas adjacências tiveram produtividade normal e produto de boa qualidade com PH ao redor de 78. Nestes municípios, o clima foi menos drástico em quase todo o ciclo produtivo. A produtividade que inicialmente estava prevista em 2.700 kg/ha ficou em 1.330 kg/ha.

Dentro deste quadro, a produção gaúcha ficou em 1.516,2 mil toneladas, 52,3% inferior à safra 2013, reflexo da queda de 56,5% na produtividade. Em consequência, cerca de 85% dos produtores estão recorrendo ao Proagro e ao seguro agrícola.

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
SP							P	P			C	C
Sul												
PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Outro fator preocupante diz respeito à utilização dos subprodutos da colheita (triguilho, farelo, ponta de espiga) para a ração animal. Os preços são bastante acessíveis, mas, devido à quantidade de toxinas nas sementes, só está sendo permitido o uso destes subprodutos na ração de terminação, sob o risco de intoxicar todo o rebanho com o uso mais prolongado de ração composta por estes resíduos.

No Paraná, a semeadura foi concluída em julho e a colheita foi encerrada no início de dezembro, registrando produtividade de 2.737 kg/ha. Houve uma redução na

expectativa de produtividade em relação aos primeiros levantamentos, pois a cultura teve problemas no final do ciclo em razão de chuvas ocorridas entre a última quinzena de setembro e a primeira semana de outubro, coincidindo com o período de colheita.

Mesmo assim, a produtividade alcançada foi 47,5% maior do que a safra 2013, uma vez que esta foi duramente castigada pelas geadas e excesso de chuvas, que promoveu o aparecimento de doenças fúngicas, comprometendo a produtividade. A produção, que foi de 1.842,6 mil toneladas em 2013, ainda assim deve apresentar um aumento de 102,1%, estimada nesta safra em 3.724,8 mil toneladas.

Em Santa Catarina, os problemas climáticos afetaram a qualidade e produtividade, resultando numa produção menor em relação ao obtido na última safra. Parte do produto foi classificado como de qualidade regular em termos de PH e outros atributos relacionados ao produto final que é a farinha.

O trigo já se encontra totalmente colhido. Alguns produtores chegaram a colher mais de 4.200 kg/ha, com qualidade igual ou superior ao da safra passada, enquanto outros obtiveram rendimento entre 1.800 a 2.400 kg/ha, com qualidade inferior. De maneira geral, a média do estado ficou em 2.939 kg/ha.

Não houve relato de ataque de pragas que pudessem influenciar o desenvolvimento e o potencial produtivo da cultura. Porém, foram as doenças o grande problema da safra atual, uma consequência de períodos chuvosos e nublados, quando a cultura encontrava-se em florescimento e início de desenvolvimento reprodutivo. A Giberela foi uma das principais causas da redução da produtividade e qualidade do produto, pois afetou a formação do grão e sua sanidade, inviabilizando, em alguns casos, sua utilização para produção de farinha.

De modo geral, a estimativa é de que o país produza, nesta safra, 5,9 milhões de toneladas de trigo, o que representa um incremento de 6,8%, comparativamente à safra 2013. Isto é resultado do aumento de área de 23,6%, passando de 2.209,8 para 2.730,4 mil hectares e uma queda de 13,6% na produtividade, passando de 2.502 para 2.162 kg/ha.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	17,6	23,3	32,4	3.386	3.682	8,7	59,6	85,8	44,0
MS	8,5	12,0	41,2	900	2.000	122,2	7,7	24,0	211,7
GO	7,3	9,9	35,6	5.390	5.397	0,1	39,3	53,4	35,9
DF	1,8	1,4	(22,2)	7.000	6.000	(14,3)	12,6	8,4	(33,3)
SUDESTE	88,1	130,5	48,1	2.390	2.717	13,7	210,6	354,6	68,4
MG	36,2	68,0	87,8	3.309	3.004	(9,2)	119,8	204,3	70,5
SP	51,9	62,5	20,5	1.749	2.404	37,4	90,8	150,3	65,5
SUL	2.104,1	2.576,6	22,5	2.499	2.120	(15,2)	5.257,7	5.463,5	3,9
PR	992,8	1.360,9	37,1	1.856	2.737	47,5	1.842,6	3.724,8	102,1
SC	72,6	75,7	4,3	3.260	2.939	(9,8)	236,7	222,5	(6,0)
RS	1.038,7	1.140,0	9,8	3.060	1.330	(56,5)	3.178,4	1.516,2	(52,3)
CENTRO-SUL	2.209,8	2.730,4	23,6	2.502	2.162	(13,6)	5.527,9	5.903,9	6,8
BRASIL	2.209,8	2.730,4	23,6	2.502	2.162	(13,6)	5.527,9	5.903,9	6,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

10.2.5.1. Oferta e demanda

Em outubro, a Conab estimou que a produção no Estado Gaúcho poderia ser de 3,0 milhões de toneladas. Entretanto a persistência de chuvas torrenciais com ocorrência de granizos e vendavais, além de elevadas temperaturas, provocou sérios prejuízos no campo agravados com o surgimento e a propagação de giberela e bruzone com forte intensidade.

Em janeiro, a Conab divulgou o resultado de nova pesquisa de safra confirmando uma redução de 1,5 milhão de toneladas em relação à estimativa de outubro, fazendo com que a produção estadual recuasse de 3,0 para 1,5 milhão de toneladas, com perda de 50% da produção. Além da expressiva quebra de produção, cerca de 1,0 milhão de toneladas constitui matéria-prima de baixa qualidade para uso como ração animal, restando apenas 500 mil toneladas para uso industrial no estado. Saliente-se que o estado gaúcho tem um consumo de 1,1 milhão de toneladas mais um adicional de trigo importado que varia entre 200 e 300 mil toneladas anuais.

No Paraná o clima adverso também provocou a diminuição do volume de produção para 3,72 milhões, com alguma perda de qualidade, principalmente na região Sudoeste do Estado. O consumo no Paraná está estimado em 2,6 milhões de toneladas, restando cerca de 1,0 milhão de toneladas em disponibilidade para o fornecimento a outros estados. Com a produção nacional reduzida para 5.903,9 mil toneladas, a necessidade de importações deverá elevar-se para 6,65 milhões de toneladas, inicialmente prevista em 5,50 milhões de toneladas, o que evidencia acréscimo de 20%, devido à perda de quantidade e qualidade da produção tritícola na região Sul.

A estimativa de exportação também foi reavaliada e elevada de 600 mil para 800 mil toneladas, favorecida pela demanda na Ásia por trigo de qualidade inferior e para alimentação animal, disponível, principalmente, no Rio Grande do Sul.

A estimativa de moagem industrial foi mantida em 11,8 milhões de toneladas, ou seja, 5,3% acima da moagem de 2013. Dessa forma, o consumo mensal de trigo em grão no País, medido pelo processamento industrial, é de 983 mil toneladas/mês.

Finalmente, para uso como sementes foram estimadas 409,5 mil toneladas, aferidas com base na área de plantio de 2,73 milhões de hectares.

Neste cenário, o estoque de passagem poderá ser inferior passando de 724,9 mil, para 478,0 mil toneladas o que equivale a cerca de 50% do volume requerido para um mês de consumo industrial, avaliado em 983,0 mil toneladas. Portanto, a demanda nacional por trigo em grão deverá ser de 12,2 milhões de toneladas, 5,87% maior que em 2013.

Tabela 34 – Oferta e demanda de trigo em grão no Brasil

Período: agosto-julho						(mil toneladas)			
SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODUÇÃO	IMPOR- TAÇÃO GRÃOS	SUPRI- MENTO	EXPOR- TAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2010	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	2.515,9	9.920,0	322,0	10.242,0	1.766,1
2011	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	1.901,0	10.120,0	324,9	10.444,9	1.220,6
2012	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	1.683,8	10.300,0	284,3	10.584,3	342,2
2013	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	47,4	11.200,0	331,4	11.531,4	933,6
2014 (1)	933,6	5.903,9	6.650,0	13.487,5	800,0	11.800,0	409,5	12.209,5	478,0

Fonte: Conab, MDIC, Abtrigo
(1) Estimativa

7/1/2015

10.2.6. Tríticale

Em Santa Catarina, a área plantada foi reduzida em 14,3% em relação à safra passada, tendo em vista o baixo interesse do mercado pelo produto. Observou-se que não há apoio de cooperativas no direcionamento de pacotes tecnológicos, e muitas delas nem sementes estão disponibilizando para os produtores. As lavouras de tríticale desenvolveram dentro do esperado e estão totalmente colhidas, e o produto obtido é de boa qualidade e já foi totalmente comercializado.

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Tríticale



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Tríticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP	C							P	P			C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SC	C	C						P	P			
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	20,0	-	2.760	2.400	(13,0)	55,2	48,0	(13,0)
SP	20,0	20,0	-	2.762	2.400	(13,1)	55,2	48,0	(13,0)
SUL	22,8	19,1	(16,2)	2.175	2.503	15,1	49,6	47,8	(3,6)
PR	16,9	12,8	(24,3)	2.200	2.713	23,3	37,2	34,7	(6,7)
SC	0,7	0,6	(14,3)	2.710	2.600	(4,1)	1,9	1,6	(15,8)
RS	5,2	5,7	10,2	2.015	2.015	-	10,5	11,5	9,5
CENTRO-SUL	42,8	39,1	(8,6)	2.449	2.450	-	104,8	95,8	(8,6)
BRASIL	42,8	39,1	(8,6)	2.449	2.450	-	104,8	95,8	(8,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

11. Balanço de oferta e demanda

Tabela 36 – Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	850,0	748,6	472,0
	2014/15	472,0	1.542,7	18,0	2.032,7	850,0	700,0	482,7
ARROZ EM CASCA	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	1.000,0	14.203,7	12.000,0	1.200,0	1.003,7
	2014/15	1.003,7	12.197,8	950,0	14.151,5	12.000,0	1.250,0	901,5
FEIJÃO	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.431,6	150,4	3.711,2	3.350,0	64,8	296,4
	2014/15	296,4	3.338,4	150,0	3.784,8	3.350,0	45,0	389,8
MILHO	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	48.485,5	9.311,9	5.963,0
	2011/12	5.963,0	72.979,5	774,0	79.716,5	51.888,6	22.313,7	5.514,2
	2012/13	5.514,2	81.505,7	911,4	87.931,3	53.498,3	26.174,1	8.258,9
	2013/14	8.258,9	79.905,5	700,0	88.864,4	53.905,6	20.500,0	14.458,8
	2014/15	14.458,8	79.051,7	300,0	93.810,5	55.000,0	20.000,0	18.810,5
SOJA EM GRÃOS	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.524,0	42.791,9	910,3
	2013/14	910,3	86.120,8	630,0	87.661,1	39.935,8	45.691,0	2.034,3
	2014/15	2.034,3	95.919,8	250,0	98.204,1	44.200,0	49.640,0	4.364,1
FARELO DE SOJA	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.000,0	13.333,5	878,8
	2013/14	878,8	28.336,0	1,0	29.215,8	14.500,0	13.716,0	999,8
	2014/15	999,8	31.570,0	1,0	32.570,8	14.800,0	14.800,0	2.970,8
ÓLEO DE SOJA	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.500,0	1.362,5	244,4
	2013/14	244,4	7.176,0	0,1	7.420,5	5.500,0	1.289,0	631,5
	2014/15	631,5	7.995,0	1,0	8.627,5	6.500,0	1.350,0	777,5
TRIGO	2009	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	9.614,2	1.170,4	2.870,5
	2010	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	10.242,0	2.515,9	1.766,1
	2011	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	10.444,9	1.901,0	1.220,6
	2012	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	10.584,3	1.683,8	342,2
	2013	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	11.531,4	47,4	933,6
	2014	933,6	5.903,9	6.650,0	13.487,5	12.209,5	800,0	478,0

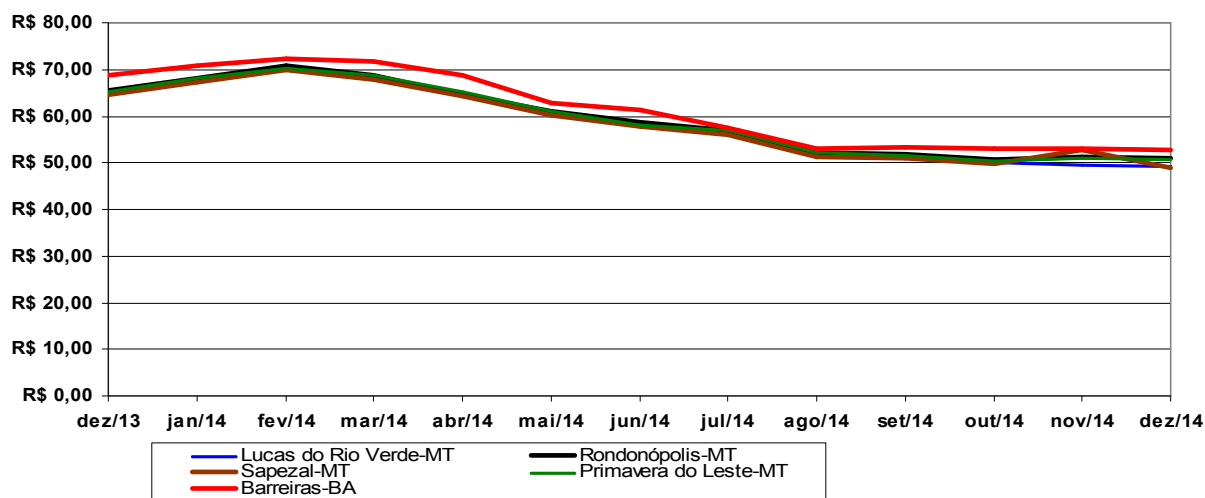
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2015.

Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

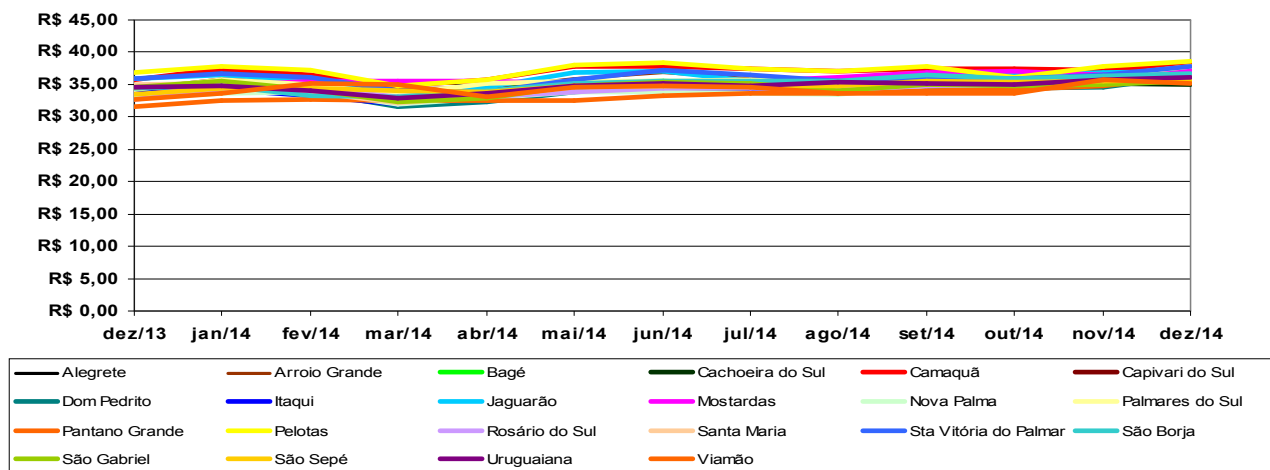
12. Anexos

Gráfico 25 – Preço de algodão em pluma (15 Kg) – Mato Grosso e Bahia



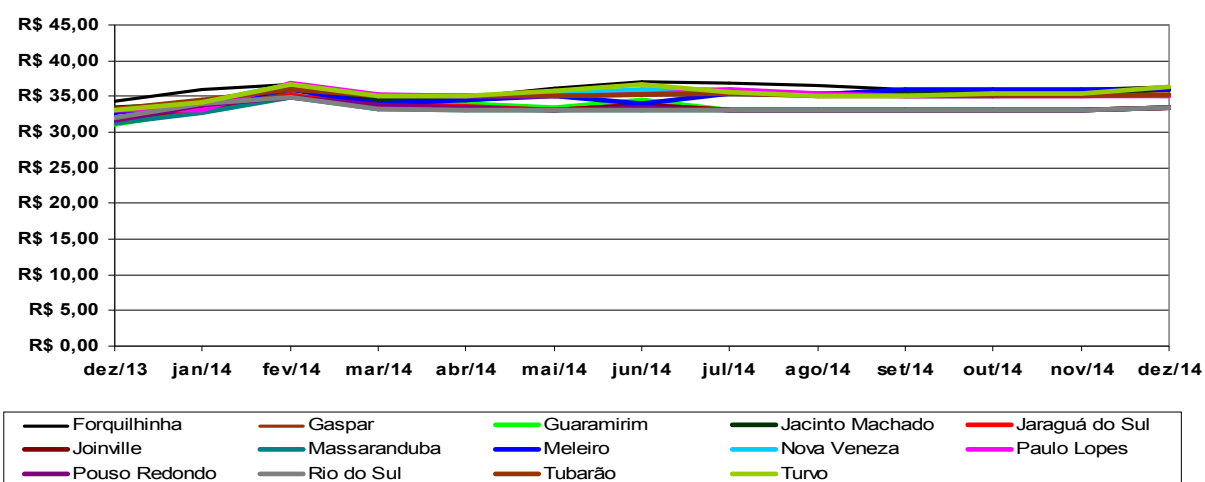
Fonte: Conab.

Gráfico 26 – Preço de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Rio Grande do Sul



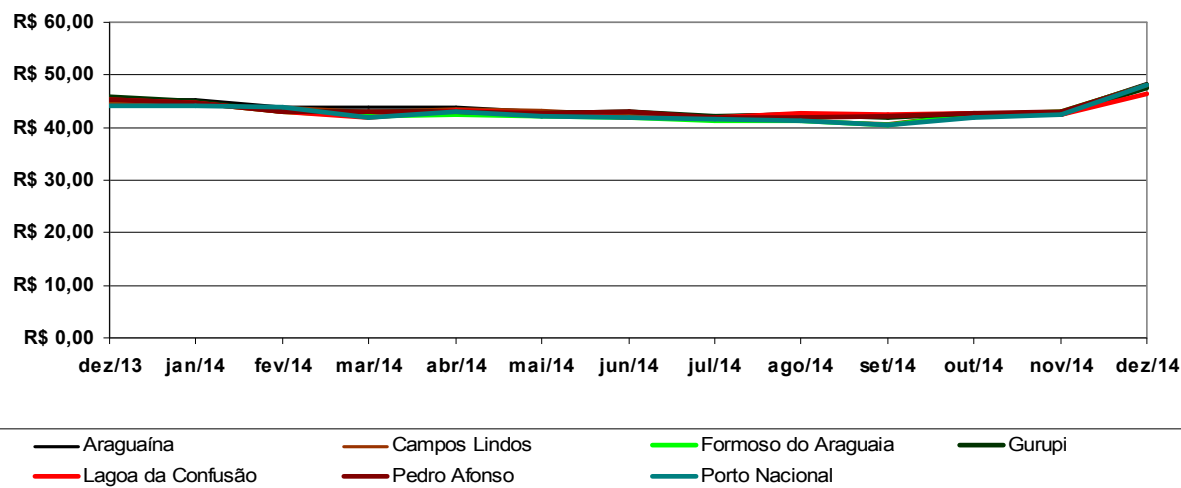
Fonte: Conab.

Gráfico 27 - Preço de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Santa Catarina



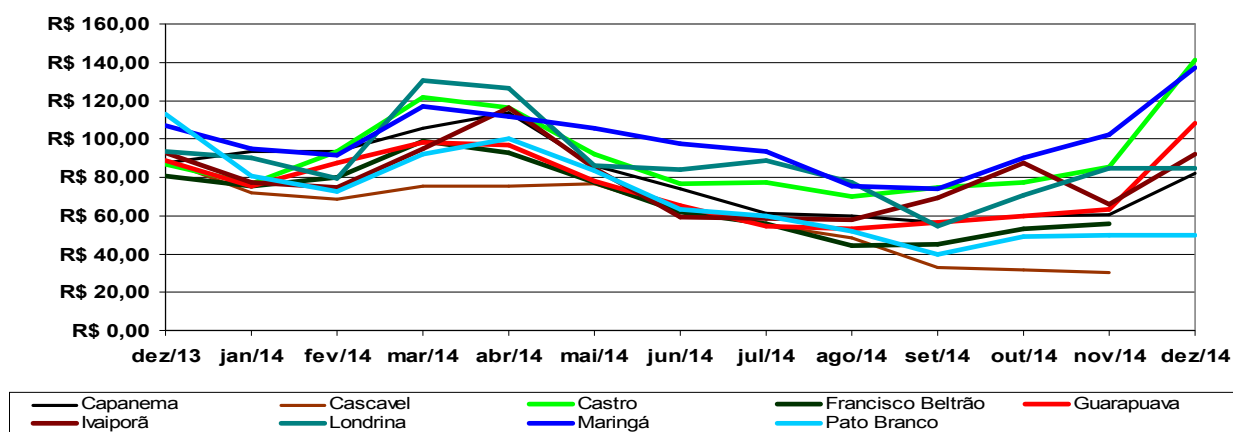
Fonte: Conab.

Gráfico 28 - Preço de arroz longo fino em casca Tipo 1 (60 kg) - Tocantins



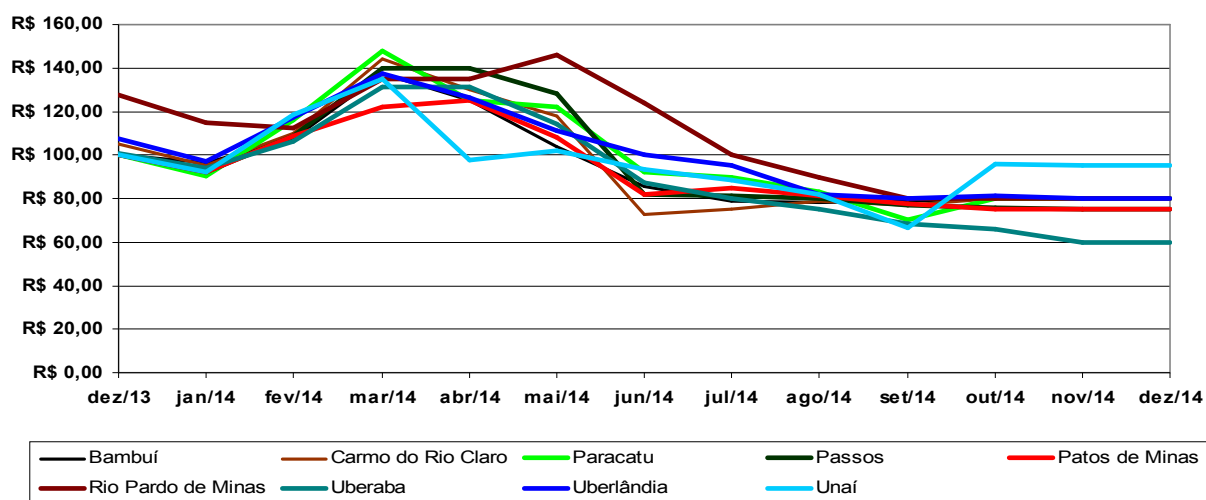
Fonte: Conab.

Gráfico 29 – Preço de feijão cores (60 Kg) – Paraná



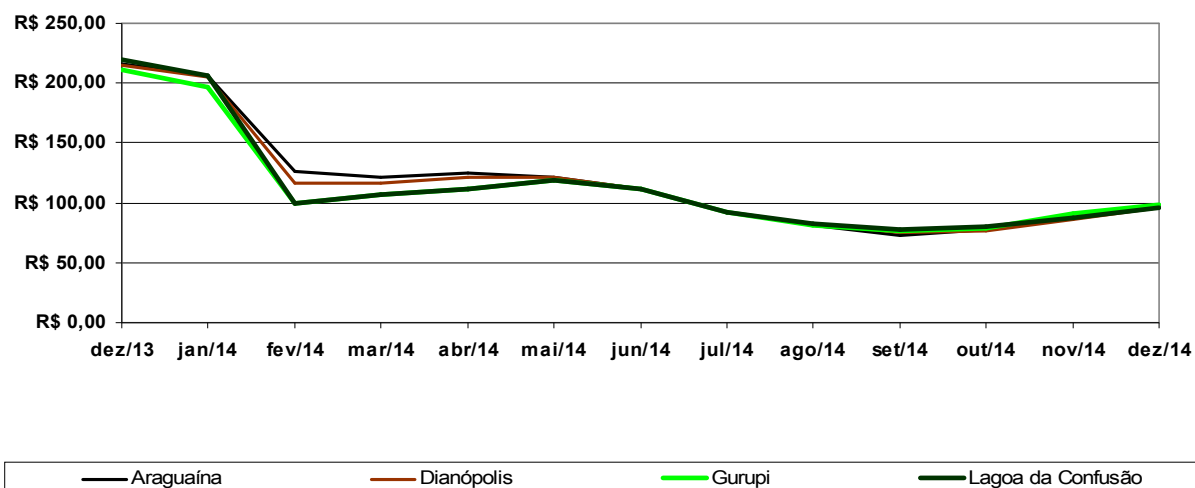
Fonte: Conab.

Gráfico 30 – Preço de feijão cores (60 Kg) – Minas Gerais



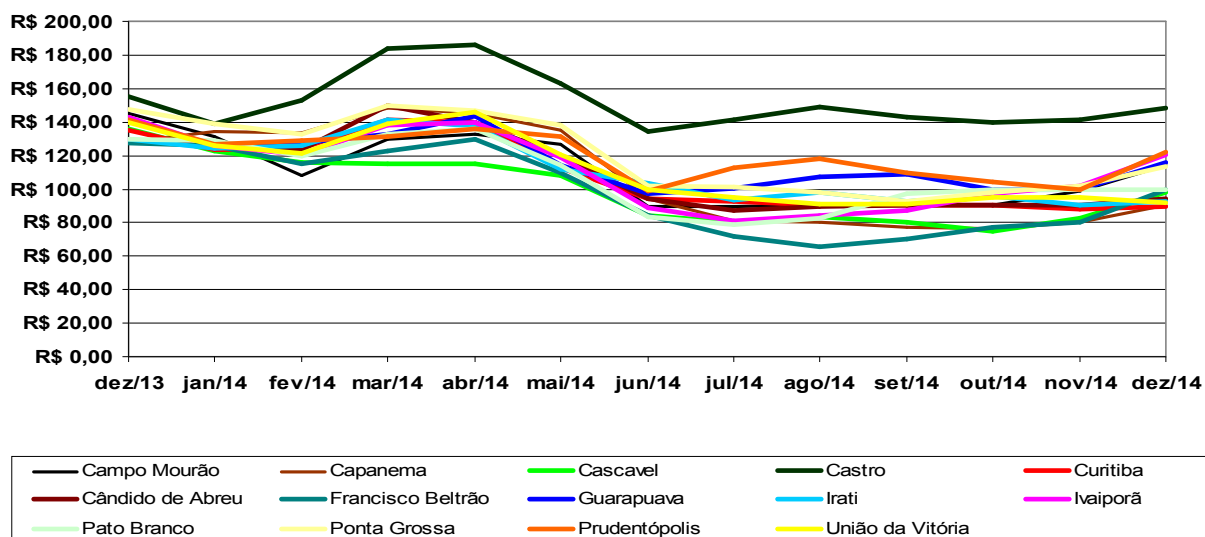
Fonte: Conab.

Gráfico 31 – Preço de feijão cores (60 Kg) – Tocantins



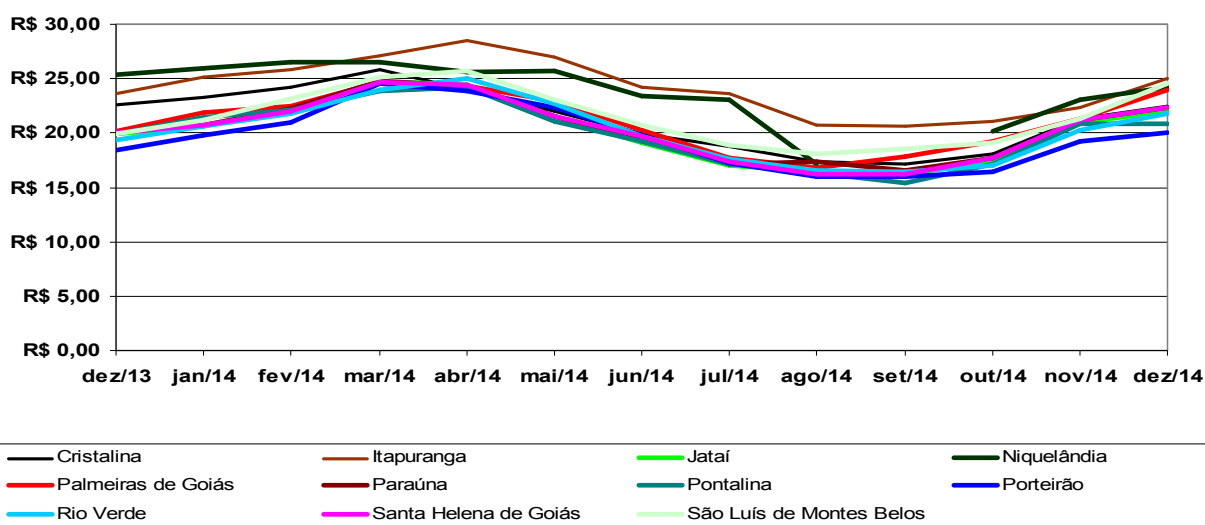
Fonte: Conab.

Gráfico 32 – Preço de feijão preto (60 Kg) – Paraná



Fonte: Conab.

Gráfico 33 – Preço de milho (60 Kg) – Goiás



Fonte: Conab.

Gráfico 34 – Preço de milho (60 Kg) – Minas Gerais

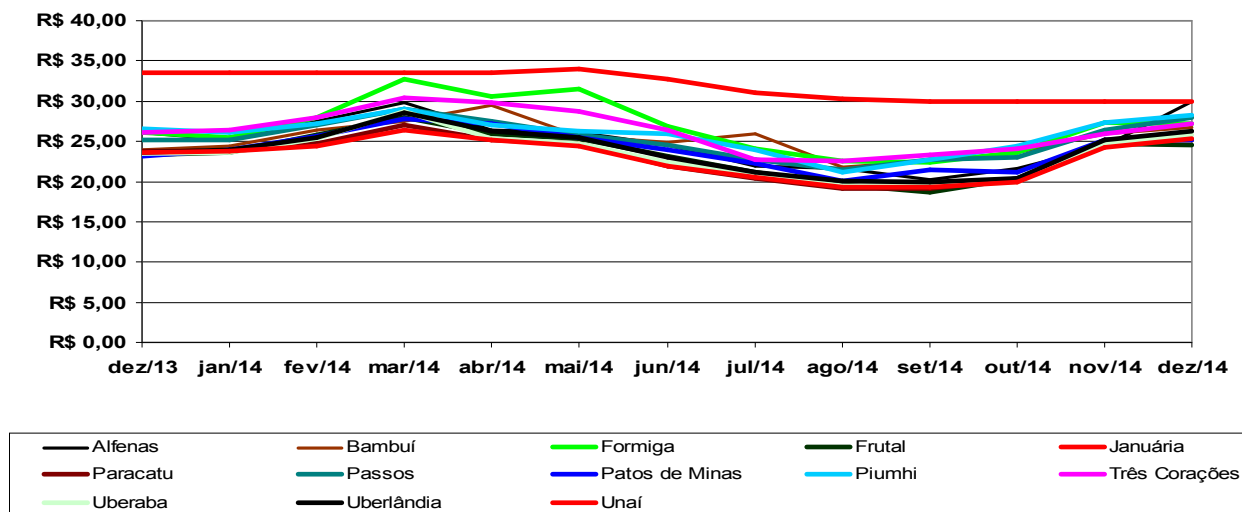


Gráfico 35 – Preço de milho (60 Kg) – Paraná

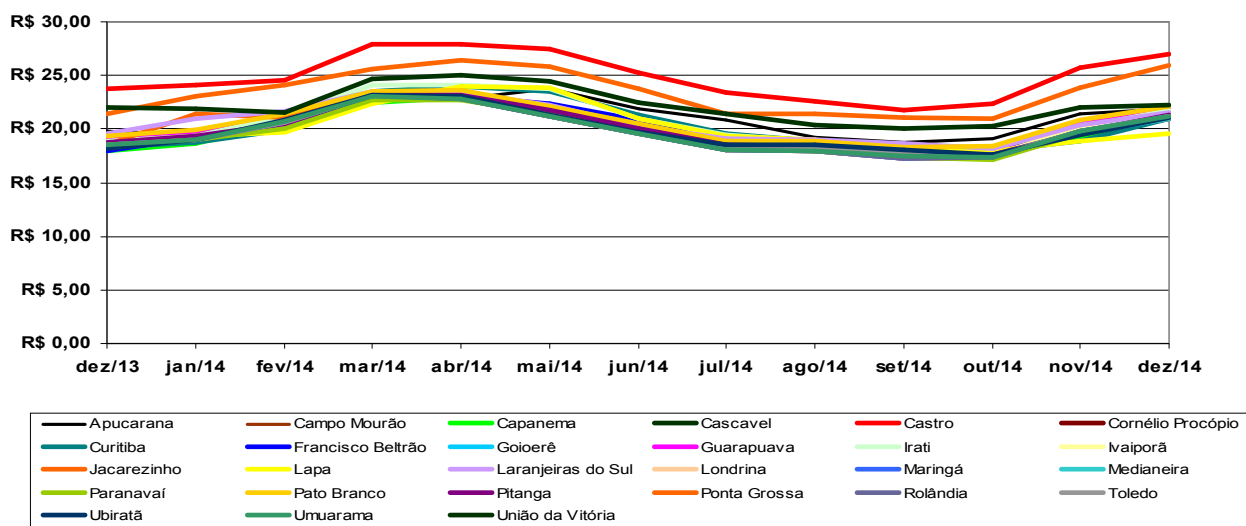


Gráfico 36 – Preço de milho (60 Kg) – Santa Catarina

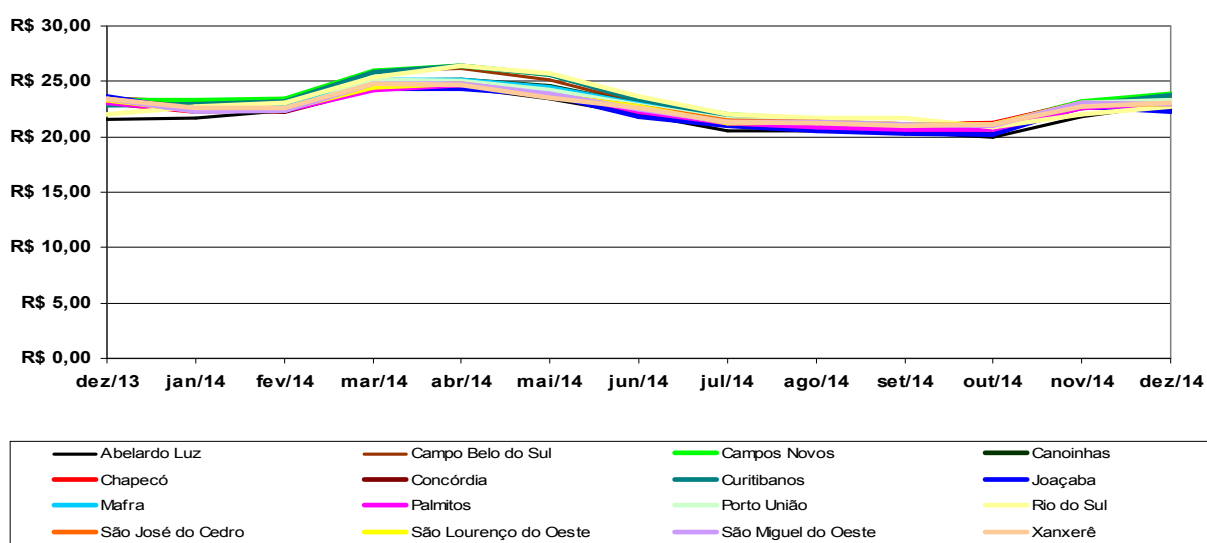
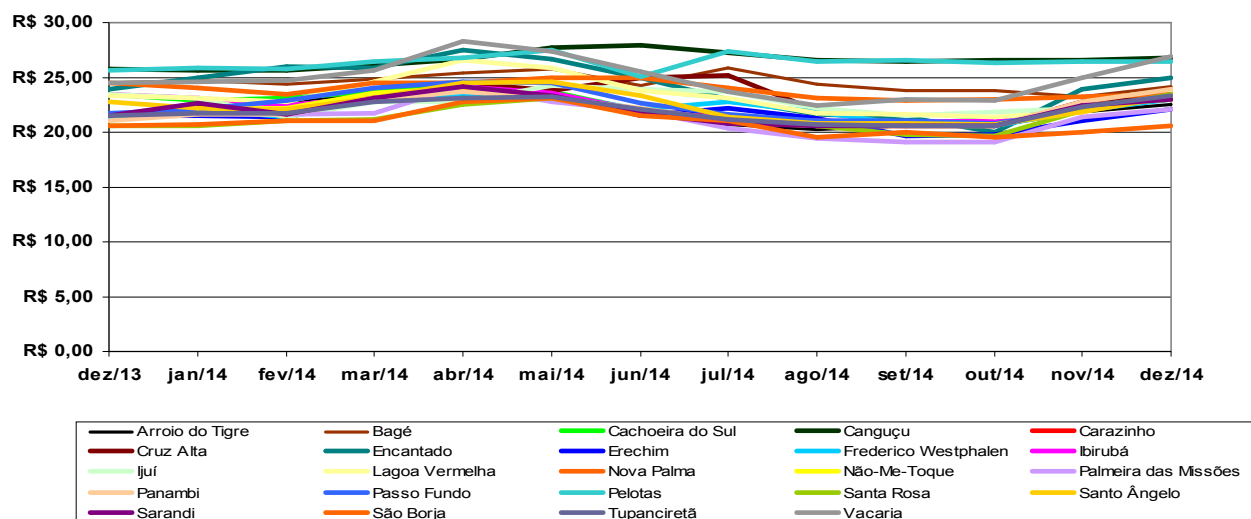
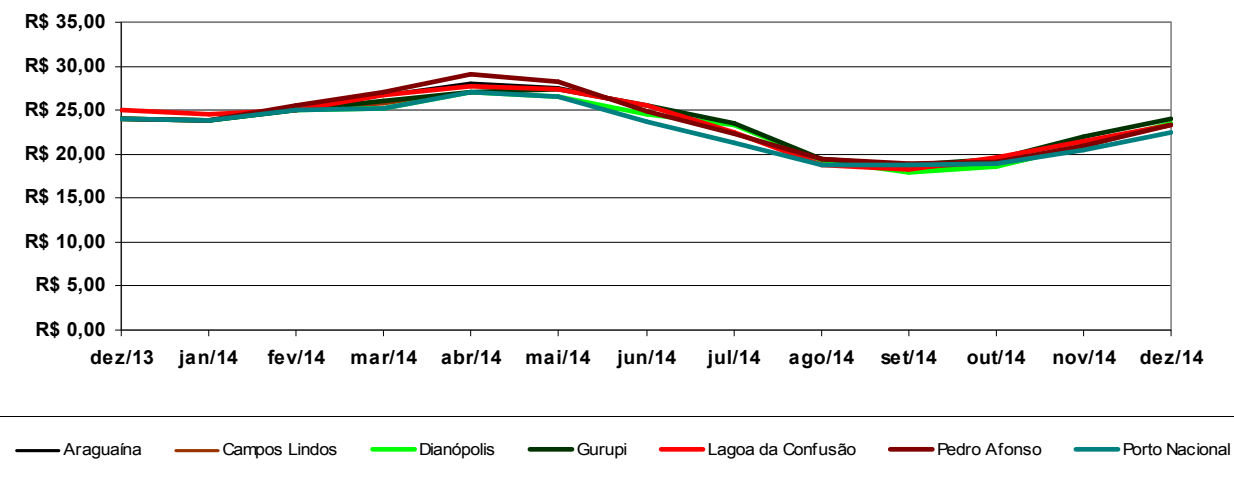


Gráfico 37 – Preço de milho (60 Kg) – Rio Grande do Sul



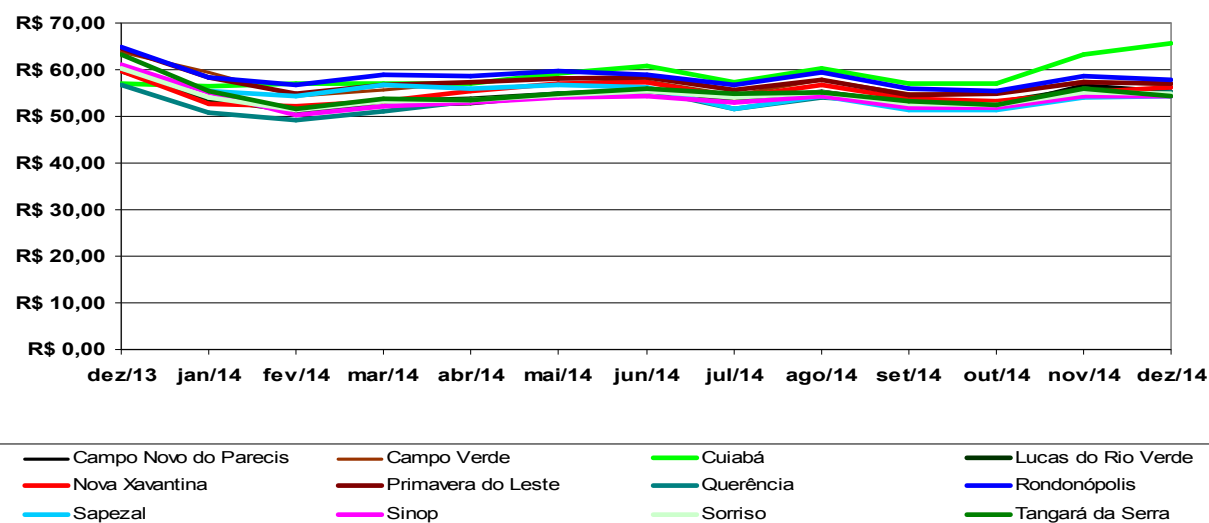
Fonte: Conab.

Gráfico 38 – Preço de milho (60 Kg) – Tocantins



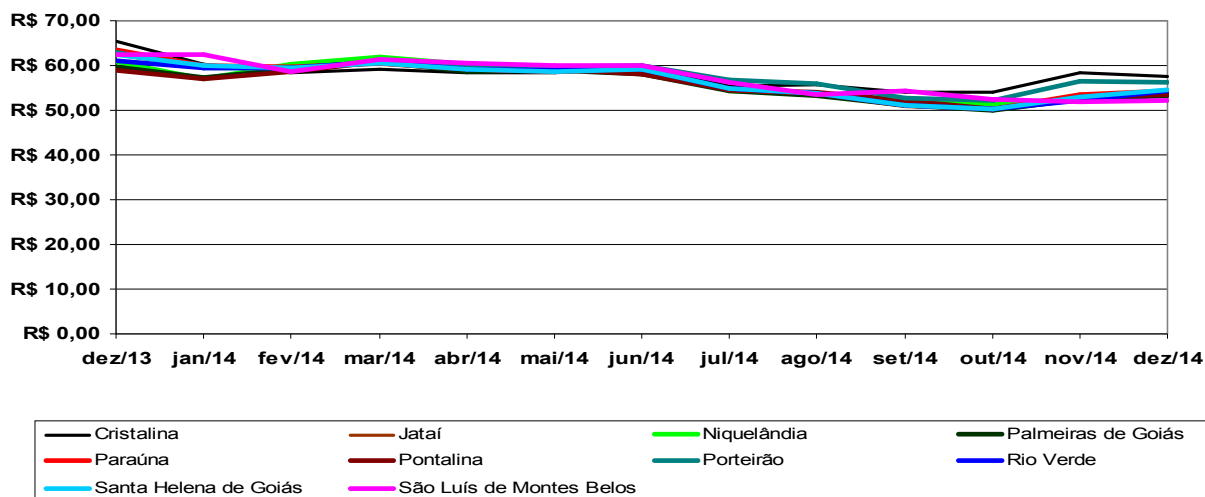
Fonte: Conab.

Gráfico 39 – Preço de soja (60 Kg) – Mato Grosso



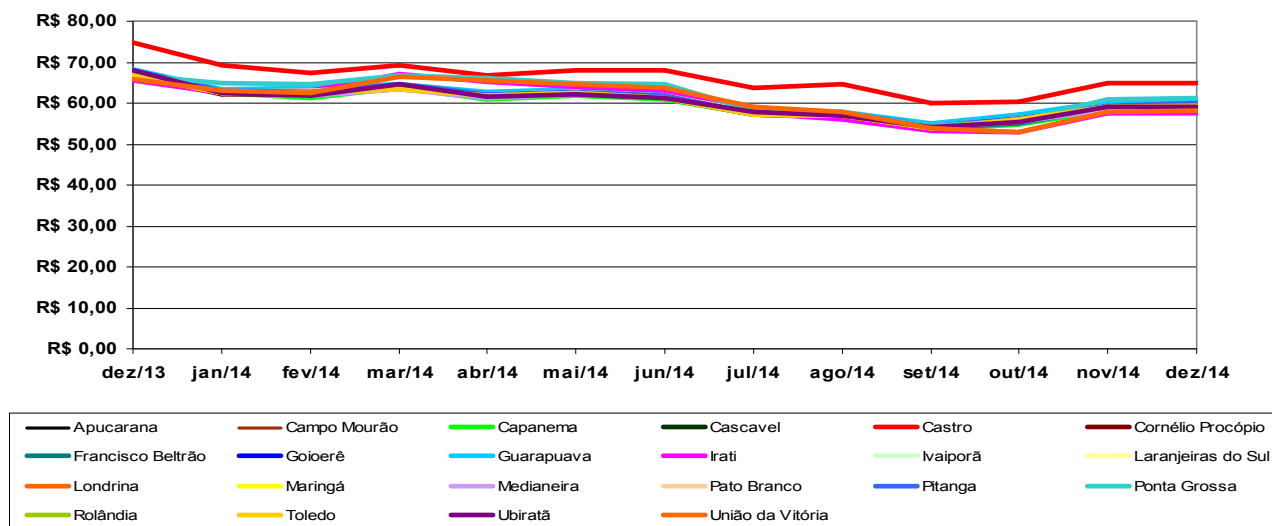
Fonte: Conab.

Gráfico 40 – Preço de soja (60 Kg) – Goiás



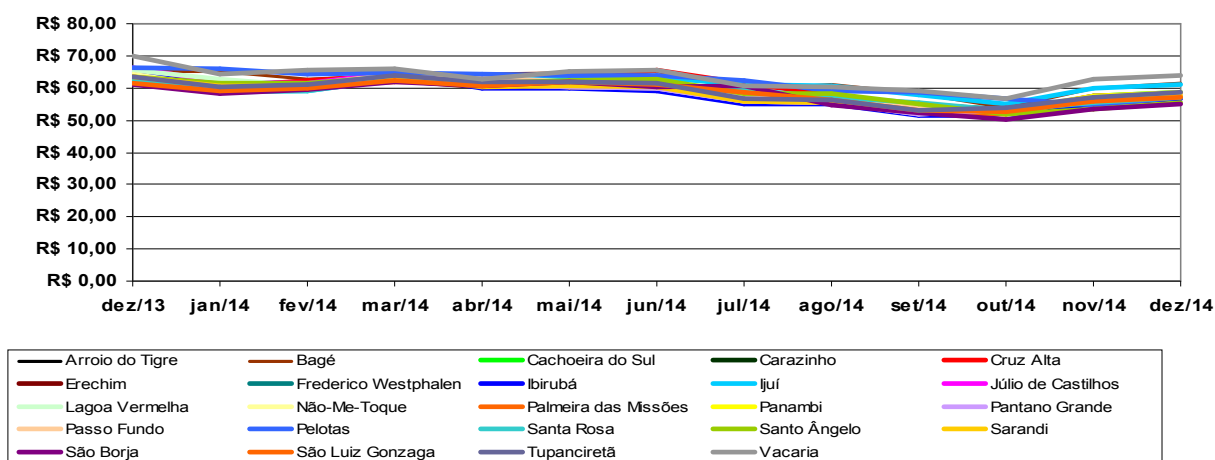
Fonte: Conab.

Gráfico 41 – Preço de soja (60 Kg) – Paraná



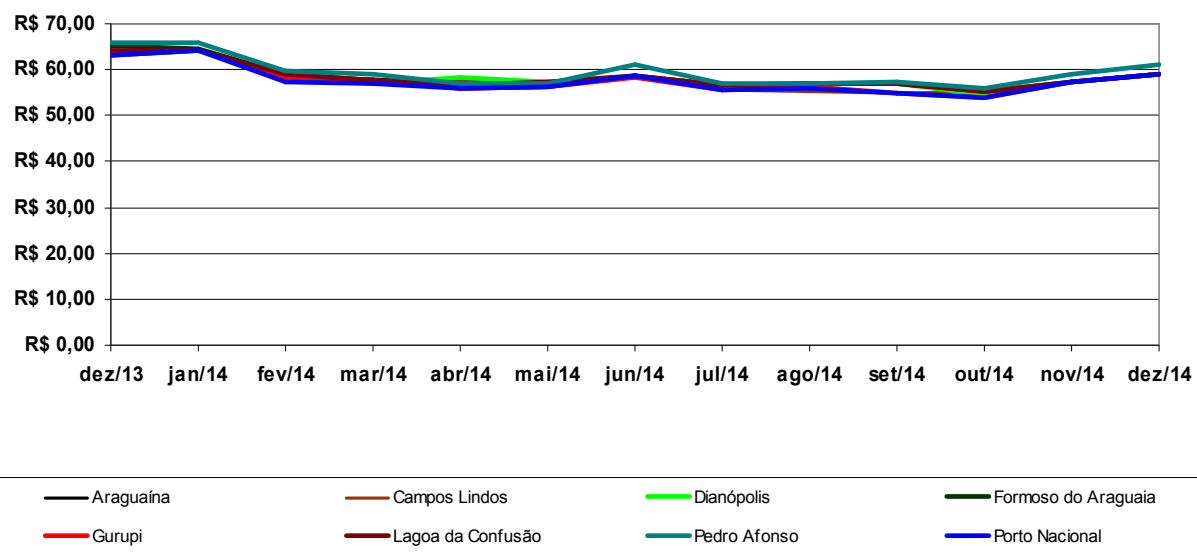
Fonte: Conab.

Gráfico 42 – Preço de soja (60 Kg) – Rio Grande do Sul



Fonte: Conab.

Gráfico 43 – Preço de soja (60 Kg) – Tocantins



Fonte: Conab.

SUREG AC

Filomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Antônio Batista da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA

Bruno Miguel Rodrigues Guimarães
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

Anastácio Jorge Rocha Fontelles
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF

Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Trecho 5, Lotes 300/400
71.205-050, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Bricio Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Eurípedes Malaquias de Souza
Avenida Meia Ponte, 2748
Setor Santa Genoveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5, Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

Petrônio de Aquino Sobrinho
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

Osvaldo Teixeira de Souza Filho
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

Erli de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

Ludmila Brandão
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

João Maria Lúcio da Silva
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Everaldo da Silva Santos
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Maria Darcy de Almeida
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiúva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SE

Emanuel Carneiro de Lima e Silva
Avenida Dr Carlos Rodrigues Cruz, s/n.
Centro Adm. Augusto Franco
49.180-180, Aracaju (SE)
Fone: (79) 3209-1523
se.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alfredo Luiz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Jalbas Aires Manduca
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

